

A VERDADE DE CADA UM

Um pacificador temerário

A voz emocionada mas firme, cheia de convicção, não deixava dúvida:

- Foi liquidada, infelizmente, a expedição do Padre João Calleri.

O Padre Sabatini assegurava, naquele comunicado telefônico ao Presidente da Fundação Nacional do Índio, na tarde de 20 de novembro de 1968, não haver qualquer possibilidade, segundo os / melhores informes da Prelazia de Roraima e do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, em Manaus, quanto à sobrevivência do Padre João Calleri e mais nove companheiros, sete homens e duas / mulheres, que se haviam internado na floresta, no dia 23 de outubro, para tentar uma aproximação pacífica com os índios "Atroari", do grupo linguístico Karibe, que, desde os meados do século de- / zessete, conhecem os conflitos com os brancos, com raros interreg- / nos pacíficos.

- Talvez não tenham sido mortos.

- Gostaria de crer, professor. Mas o último contato pelo rádio foi na noite de 31 de outubro. Passaram-se vinte dias.

- Pode ser que tenham sido aprisionados.

- Não há notícia de que esses índios tenham aprisionado ninguém. Foram chacinados.

Depois veio a pergunta:

- O senhor recebeu os comunicados do Padre Calleri, enviados para a Inspetoria de Manaus?

- Não. Nenhuma notícia, sequer, a respeito.

- Vou mandar-lhe cópia por um próprio. Gente do PARA-SAR. Eles estão encarregados das buscas.

(Nunca recebemos as cópias. Teríamos que buscá-las, dias depois, em Manaus).

- Mas nós as mandamos - diria, no dia seguinte, o Padre Sabatini, ao lamentar o "lead" com que "O Estado de São Paulo" apresentara, no dia 21, uma entrevista sua. É que o repórter classificara de "temerária" a missão do Padre Calleri e o seu colega via, no adjetivo, uma censura, ciente de que o chefe da expedição com a sua longa experiência entre os silvícolas de Roraima, tomara todas as precauções, para evitar riscos aos seus companheiros

e à incolumidade dos índios.

- Tenho que retificar?

- Não adianta. O adjetivo é um juízo de valor do repórter. Os tímidos consideram temerárias missões que os valentes / julgam normais. Só os sertanistas não acham temerária a aproximação de índios isolados. Mas eles próprios chamam isso de "pacifição"...

- Que vamos fazer agora?

- Vou mandar imediatamente o João Américo Peret, para ajudar o PARA-SAR e prevenir represálias. O medo pode armar nova chacina. Seguirei logo que possa. E o Senhor?

- Vou para Manaus e Boa Vista.

- Diga ao Prelado de Roraima que aproveitarei a oportunidade para visitá-lo. Talvez vá a Catrimani.

Catrimani é a "menina dos olhos" da Comissão Pró-Índio da Prelazia de Roraima. Lá se realiza uma excelente experiência de aculturação e integração econômica dos índios semi-integrados Makuxi e Wapshana, procedendo-se à atração dos Yanonami, Maion-gongs, Waimiris e Atroari, quase todos arredios, com desastrosas experiências seculares de aproximação. A Prelazia abrange os 230 mil quilômetros quadrados do Território, onde, para uma população civilizada de cerca de 30 mil, há mais de 10 mil índios, portanto um quarto do contingente populacional, talvez a maior densidade da população indígena em unidade federada. Há missionários ali desde o princípio do século, há seis décadas. O Superior é brasileiro nato e, embora a presença de padres italianos, predominam os Irmãos e Irmãs brasileiros, na direção e administração da Prelazia, pioneira na assistência social, sanitária e educacional no Território.

Catrimani é a jóia dessa coroa de espinhos: centro que permitiu a integração de sete mil índios Makuxis e Wapshana à comunidade brasileira, em ótimo convívio com os imigrantes nortestinos, talvez em número igual.

Em 1967 a Prelazia ministrava ensino gratuito a 1.430 alunos do pré-primário, 13.690 do primário, 2.050 em patronatos e 4.255 no Ginásio Euclides da Cunha, único estabelecimento secundário do Território de 1949 a 1968, quando o Governo mantinha exclusivamente a Escola Norma. Formou 37 professores primários, 12 secundários, 36 funcionários públicos, 7 contadores, 2 farmacêuticos e destinou outros seis alunos a missões importantes no Ter-

ritório. Naquele ano, 57 dos seus alunos cursavam o Científico, 29 o Pedagógico, 4 o técnico, um o clássico, 11 estudavam medicina, 4 engenharia, 5 advocacia, 2 filosofia, 2 ciências naturais e 2 veterinária.

Em 1935 a Prelazia fundava o seu primeiro hospital, em 1965 inaugurava a maternidade de Surumu, para atendimento aos índios Macuxis e Wapshanas. Cerca de 70% do seu serviço hospitalar e todo o serviço de ambulatório e pronto socorro são gratuitos.

Em 1968 o Hospital Nossa Senhora de Fátima atendeu a / 1.242 indigentes, enquanto o Hospital São Camilo hospedava 169, / sendo catorze parturientes. No ano anterior o Pronto Socorro e o Ambulatório do Hospital Nossa Senhora de Fátima, em Boa Vista, atenderam a 87.400 pessoas, havendo apenas 459 pensionistas pagantes, com 3.014 dias de internamento.

Este o núcleo em que se integrara, há cinco anos, o Padre João Calleri, depois de seis meses de estágio no Museu Goeldi, / recebendo os informes de antropologia ameríndia que lhe pode ministrar um dos nossos mais eminentes indigenistas: Eduardo Galvão, / autor das melhores, entre as mais recentes, monografias sobre esses assuntos.

Predominam, em Roraima, duas tribos guerreiras, dominando as pradarias e as serras do nordeste: Macuxis e Wapshanas, os primeiros, da família Caribe, os segundos da família Aruak. Para promover sua pacificação e integração, a Prelazia criou uma Comissão Pró-Índio. Na medida em que se aproximavam os Padres, cessavam as atrocidades. É que se adotava o princípio do respeito aos costumes e instituições tribais, evitando-se sua marginalização / (do índio) pela sociedade envolvente.

Das onze escolas que fundou para os silvícolas, passando oito à jurisdição do Governo do Território, a Prelazia ainda mantém as de Manauá, Linão e Cantagalo.

Em 1960 é que a Prelazia iniciou a aculturação dos índios arredios - impropriamente chamados de primitivos - pertencentes / aos grupos Caribe e Yanomani, que habitam uma extensão de 100 mil quilômetros quadrados. Todo o oeste, em mais de metade dessa área é patrimônio dos Yanomani, em vida selvática, tipicamente amazônica, provida a despensa de caça e coleta, com pequena agricultura de subsistência, em que se incluem (o milho) e a mandioca. Se os Yanomani são mais "primitivos", as tribos mais perigosas, menos permeáveis ao contato permanente (algora de aproximação aparentemente mais fácil) são os Waimiris e Auroaris, da grande família Caribe que, descendo da América Central, destruiu culturas mais antigas, antes do nosso descobrimento, no delta amazônico.

A Comissão Pró-Índio da Prelazia de Roraima apresentou o seu primeiro relatório em 1967, já então assinado pelo Padre / João Calleri. Encaminhado, no primeiro semestre de 1968, ao Ministro do Interior, General Afonso Augusto de Albuquerque Lima, mereceu do titular da pasta calorosas referências, enviado, com recomendações, ao seu Delegado na Fundação Nacional do Índio, para entendimentos com a prelazia. Os princípios defendidos naquela / entusiástica postulação eram os mesmos que nortearam os objetivos da Fundação Nacional do Índio, fiéis, ademais, à Convenção / 107 da OIT, compromisso internacional que o Brasil referendara / em 1968. Seu programa de atividades para 1968 abrangia:

- a) contratação de um antropólogo de renome nacional para estudar os Macuxis e Wapsyanas semi-integrados e os "primitivos" Yanomanis, Atroáris, Waimiris e Maiongong e de um linguista; para levantamento dos dialetos Yanomani do Rio Catrimâni e dos Waimiris e Atroáris;
- b) transmigração dos índios Javaris da localidade de Arrependido (município de Caracará) das margens da BR-174 para a Missão do Catrimâni;
- b) pacificação e deslocamento dos índios Waikás, do Rio Apiaú, para eliminar atritos com grupos "civilizados";
- c) desenvolvimento e estruturação da Missão Piloto do Rio Catrimâni;
- d) especialização, mediante rodízio, de todos os Padres encarregados de trabalhos de integração;
- f) integração harmônica e definitiva dos Macuxis e Wapsyanas, com a solução de problemas fundiários, sociais, sanitários e educacionais, com a orientação de antropólogos;
- g) defesa dos índios integrados, evitada sua marginalização;
- h) preparação de líderes tribais, para obviar sua natural objeção à liderança de brancos;
- l) Finalmente,

"pacificação dos índios Waimiri e Atroári, localizados desde o Igarapé Santo Antonio e o Rio Camanaú (Estado do Amzaonas) até os Rios Alalaú, Jauaperi e Mucucuaú (Território Federal de Roraima). Estes índios, que as lutas com os brancos / tornaram agressivos (o número de mortos em ambos os lados é avaliado entre 1.300 e 1.400 nos últimos 200 anos) impedem o progresso da Estrada BR-174, de Manaus e Caracará. A pacificação é realizada sob a alta supervisão da F.N.I., com expressa delegação /

de poderes, conforme Ato Nº 2, devidamente publicado no Diário Oficial".

Tiramos esta citação do trabalho "A Prelazia de Roraima ontem, hoje, amanhã, divulgado a 1º de outubro de 1968.

Qual fora esse "Ato nº 2" que, em última análise, respondia pela origem primeira do massacre da expedição Calleri?

Vejamos sua origem e examinemos, depois, sua redação. A data, inclusive, para bem caracterizar a responsabilidade do então delegado do Ministério do Interior na Funai.

O Departamento Nacional de Estradas de Rodagem locara / ao Departamento Estadual de Estradas de Rodagem do Amazonas / (DEERAM) a construção do trecho da BR-174, que ligaria as capitais de Roraima e do Amazonas, entre Manaus e a fronteira com o Território. O trecho entre Caracará e a fronteira foi locado ao Governo de Roraima.

Drapejava, sob os sopros do maior entusiasmo, a bandeira da "ocupação da Amazônia"; Manaus, pelas suas forças plúcticas econômicas e sociais, acompanhava a picada, como quem realiza um sonho sesquicentenário; a SUFRAMA enfunava as caravelas do progresso à margem do grande rio e a Zona Franca repetia Macau e Hong-Kong, surgindo casas comerciais como cogumelos; os apetites fundiários reclamavam a partilha do território marginal à estrada como se fosse "terra devoluta", para a "colonização imediata".

E o caminho temerário cortava, rigorosamente pelo meio, algumas malocas dos índios Waimiris e Atróaris.

Apesar disso, nenhum comunicado se fez a Fundação Nacional do Índio, já criada desde janeiro de 1967.

Isso era feito antes. Quando Bernardo Sayão cortava a picada da Belém Brasília, à sua frente ia uma equipe do extinto Serviço de Proteção aos Índios, para dar conhecimento aos pioneiros rodoviários da presença de silvícolas em seu caminho. Não / houve incidente: as malocas não estavam precisamente localizadas naqueles espigões e baixios por onde, hoje, a longa via asfaltada adentra a Amazônia Ocidental.

Somente em junho e então Delegado Ministerial da FUNAI recebeu, no Rio de Janeiro, a visita do Coronel Carijó, diretor do DEERAM, que lhe vinha comunicar ter a frente rodoviária encontrado índios Waimiris à sua passagem. Pediu que lhe fosse fornecido um sertanista, para antecipar o contato e evitar atritos. Imediatamente foi enviada ordem a Gilberto Pinto Figueiredo, em Manaus, que dirigiu uma turma do DEERAM, utilizando um helicóptero

ro para o sobrevôo das malocas. Pouco depois a imprensa de Manaus publicava declarações do Coronel Carijó, sobre o êxito da missão: Gilberto se encontrara com o filho de um cacique Waimiri e, dentro de algumas luas, seria recebido pelo Tuchaua, na maloca principiapl.

A exxa altura o Delegado da FUNAI foi procurado pelo Diretor do DNER em Manaus. Tratava-se de um jovem engenheiro, também muito interessado na construção da estrada e na "pacificação dos índios, discordando, porém, dos "métodos promocionais" que vinham sendo usados pelo Coronel Carijó, "de quem Gilberto cumpria as ordens, pois o chefe da 1ª Inspetoria era um simples capitão reformado da Polícia".

Era a "gloriosa disputa" da "coroa de louros". Ganhando a, o Padre Calleri cingiria sua final coroa de espinhos...

Porque, impressionados o Mijistro do Interior e o seu / Delegado na FUNAI com os trabalhos da Prelazia de Roraima e os / seus êxitos no Rio Catrimani, os Irmãos da Consolata, dispondo / de mios e pessoal treinado, já obtida a adesão do DNER, procurando informar-se na "ciência do índio", em que especializaram / seus sertanistas, eram bem mais convincentes do que um desajuda do sertanista prático do extinto Serviço de Proteção aos Índios, que um apressado inquérito malafamara, mas cuja honrabilidade ficou acima de qualquer suspeita.

A escolha do Padre foi fácil. Trocadas algumas cartas / entre o Padre João Calleri e o Delegado Ministerial da FUNAI, o Diário Oficial da União divulgava, no dia 6 de agosto de 1968, a seguinte

"A U T O R I Z A Ç Ã O n. 2"

"O Presidente da Fundação Nacional do Índio, na forma / do art. 1º, item VII, do Decreto n.62.196, de 31 de janeiro de 1968, autoriza o Padre João Calleri, da Prelazia de Roraima, a promover a aproximação, o contato e o aldeamento dos índios Waimiris, na região do Alalaú, no Estado do Amazonas, nas seguintes condições:

I - A organização, a execução e a obtenção de meios ficará a cargo do Padre João Calleri, que poderá mobilizar os recursos materiais oferecidos pelo Departamento de Estradas de rodagem do Amazonas, pelo Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, pela Força Aérea Brasileira e por unidades do Ministério do Exército;

II - A superintendência dos trabalhos ficará a cargo do Inspetor Regional da Fundação Nacional do Índio, em Manaus;

III - A Inspetoria Regional da FNI em Manaus e o Padre / João Calleri farão relatórios mensais de operações, individualmente, enviando cópias aos Departamentos de Assistência, de Patrimônio Indígena e de Estudos e Pesquisas da Fundação Nacional do Índio;

IV - Todo o material etnográfico colhido será enviado ao Museu do Índio, confiada sua classificação, antes da remessa, a um antropólogo do Museu Goeldi, do Pará;

V - A aproximação se fará por via fluvial, não se penetrando imediatamente no território tribal, mas antes atraindo os silvícolas a um território neutro, evitando-se o uso de aviões e de helicópteros em vôos razantes, desde que já procedido o reconhecimento e localização das malocas;

VI - As equipes serão mistas, para que a presença de mulheres em sua composição facilite a atração dos silvícolas".

O Conselho Diretor da Fundação não tomou conhecimento, em sessão, desse ato, por uma razão muito simples: no dia 29 de julho empossou-se, mas sua primeira reunião só se realizou em fins de agosto. Além disso, todos os entendimentos haviam sido coordenados pelo Delegado da FUNAI, com a audiência do Ministro. Ademais, para assinar autorizações o Presidente da FUNAI não precisa da audiência do Conselho Diretor.

xxx

Quando se noticiou a presença de duas mulheres na expedição, alguns jornalistas estranharam a escolha. É que, embora empreguem a palavra "pacificação", para denominar essas missões de aproximação, encaram-na como uma guerrilha. E, geralmente - (além de enfermeiras e médicas) não se pensa em mulheres nas frentes de batalha. Acontece, porém, que a FUNAI considera tais missões pacíficas, mesmo porque o elemento branco que se aproxima do silvícola deve nortear-se pelo princípio rondoniano: "Morrer, se preciso for; matar, nunca." Ora, a mulher é bem mais imbele e inspiradora de confiança.

Todos os sertanistas tem verificado que os índios, ao encontrarem intrusos na proximidade do seu território tribal, para contato pacífico, logo lhes perguntam pelas suas espôsas, ~~para~~ ~~notam~~ E ninguém ignora que as guerrilhas continuam, nas selvas brasílicas, motivadas pela busca de mulheres.

O índio procura prevenir-se de uma "sabinada" e ficará/ confiante quando notar que os intrusos são casais, homens e mulheres juntos, portanto pacíficos.

A esse respeito, identificaram-se os pontos de vista do Delegado da FUNAI (que citou duas missões do Sertanista Francisco Meireles, do extinto SPT, com a presença da mulher) e as técnicas defendidas pelo Padre João Calleri, na correspondência / trocada.

"A aproximação se fará por via fluvial" -diz a autorização".

É que o rio, para o índio, é, ao mesmo tempo, caminho,/ celeiro e limite. As tribos reconhecem, nesse acidente natural, uma linha indeclinável e permanente para gizar posses territoriais. Se há uma tribo na outra margem, cada qual pesca em sua ribeira, aquém do "Talweg". E mesmo na descida das pirogas e igaras, vão margeando sua praia, a menos que tenham de contornar / bancos de areia. A aproximação por via fluvial tem a vantagem de evitar a invasão de territórios tribais. Manda a técnica, em tal caso, que o sertanista, sabendo-se próximo de malocas indígenas, ancore bem no centro, a igual distância das duas margens à espera das setas: recebendo-as, agressivas ou de aviso, acampará na margem oposta e lá esperará a aproximação, "atraindo os silvícolas ao território neutro".

A autorização desaconselhou o uso de aviões e helicópteros em vôos rasantes. É que, no caso de índios muito arredios,/ ou demasiado "primitivos", o susto provocado por êsses engenhos tornará precária a aproximação. No máximo, ela se fará pelo pavor, que implicará em futuras dificuldades à aculturação. A longa peregrinação dos Irmãos Vilas Boas, na Serra do Cachimbo, em busca dos Krãi-A-Kore, que lhes deixavam instrumentos mas sempre fugiam com os artefatos de ferro recebidos, se deve ao susto do primeiro contato, numa base aérea que procuravam pacificamente e de onde foram escorraçados. Os dois grandes sertanistas tiveram que usar um pequeno avião, para facilitar a abertura da picada e os índios sempre lhe fugiram, em 1968...

Esses os fatos repassados, tais as recordações buscadas e os documentos compulsados pelo Presidente da FUNAI, depois de ouvir o comunicado do Padre Sabatini, sobre o desaparecimento / da missão Calleri. Inda quis agarrar-se a alguma dúvida; prender um fio de esperança a qualquer circunstância aleatória, que teria induzido os índios a aprisioná-los e não matá-los, embora não fosse essa a fama dos Atroáris, conhecidos pela veemência / da repulsa à invasão do seu território tribal.

Decerto a autorização falava nos Waimiris. Mas os dois grupos caribes viviam entre os dois rios, o Alalaú, ao norte e o Camanaú, ao sul, tendo como afluentes o Igarapé Santo Antônio. As malocas de uma e outra tribo distavam uns vinte a trinta quilômetros, limitados esses territórios intertribais por sinuosos cursos de água, só pelos índios identificados como lindes geográficas. Sabia-se mesmo de dois grupos Atroáris adversos: um do Alalaú, em Roraima, mais aguerrido; outro, das margens do Igarapé Santo Antônio, mais sofrido e que tivera, certa feita, / mais de uma centena de irmãos, há pouco mais de vinte anos, dizimados por uma expedição branca. Os do Alalaú eram apontados / como partícipes de uma coligação de tribos que, em 1967, invadirá o território dos Javari, matando quarenta homens, para raptar-lhes as mulheres...

Guerreiros todos. Como os índios brasileiros em sua condição natural, os homens preparados exclusivamente para a caça, a pesca, a coleta e a guerrilha, em questão habilíssimos, violentos e cruéis. E nunca perdem memória para a vindita, que é mandamento quase religioso dos seus costumes imemoriais.

Se morrera o Padre Calleri, fora vítima desse conjunto / de circunstâncias...

O crime de sobreviver

No dia em que telefonara para o Presidente da FUNAI, o Padre Sabatini tinha em mãos sete mensagens e relatórios do Padre João Calleri, entre os dias 22 e 31 de outubro. Tais mensagens é que foram divulgadas no dia 21 de novembro, no jornal - / "O ESTADO DE SÃO PAULO", que classificara de "temerária" a expedição, sob o protesto daquele primeiro e zeloso irmão da Consolata.

Ao lê-las, no dia seguinte, 22 de novembro, é que o Presidente da FUNAI verificou que a missão não se processara pelo Rio Alalaú, como constara da Autorização n. 2 e como fora / planejado pelo Padre João Calleri que, ao ser entrevistado pela Rádio Roraima, no dia 23 de setembro, assim delineara seu trabalho naquele rio:

"1º - Sobrevôo das malocas, com lançamento de presentes nos locais em que contataria com os índios;

2º - Acampamento numa ilha do Rio Alalaú, pré-escolhida, onde teria contato, em terreno neutro, com os silvícolas;

3º - Afastamento da zona indígena, para montar o acampamento definitivo, rumo às nascentes do Rio Alalaú, na região em que se localizariam mais tarde, definitivamente, os índios. O Padre espera ser acompanhado, nessa viagem, por alguns índios amigos e ser visitado, posteriormente, por outros representantes dos grupos indígenas;

4º - Derrubado o mato e realizadas plantações, iniciará o trabalho de contato direto com os índios nas malocas entre os rios Alalaú e Santo Antônio".

Como se vê, por esse plano, o Padre Calleri não previa, de forma alguma, a possibilidade de uma expedição preliminar pelo Igarapé Santo Antonio. Sua missão consistia em atingir o eixo da estrada em construção somente depois de tomar contato com os Atroáris do Alalaú, atravessando, com eles, o território indígena, até alcançar o Igarapé Santo Antônio, sem limite de tempo para o atendimento a esse objetivo.

Por que a missão fora alterada?

Para o Presidente da FUNAI era de suma importância não insistir no eixo da estrada. É que, enquanto se estudava a expedição pelo Alalaú, o sertanista Gilberto se afastara do canteiro de obras do DEBRAM, na região do Santo Antônio, para tratamento de saúde e, durante sua ausência, os Atroáris, dominando razoavelmente algumas expressões portuguesas, haviam invadido o acampamento dos trabalhadores, tomando-lhes tudo quanto quiseram.

Tratava-se, portanto, de uma área infestada, propícia aos atritos, demasiado promíscua para permitir êxito a um trabalho de "pacificação". Os índios se haviam tornado de tal maneira confiantes em sua força, que um deles chegara a cuspir no rosto de um trabalhador, que lhe pedira "Maria para a rede"...

Para a FUNAI, a interrupção da estrada, no trecho amazense, seria questão de meses, enquanto se processaria a aproximação pelo Território de Roraima, podendo-se iniciar, imediatamente, os trabalhos a partir de Caracaráí.

Mas isso não interessava ao Governo do Amazonas.

Pretendia ele ver o caminho asfaltado antes de 1971, para apresentar como do seu quadriênio a espetacular realização do caminho que, futuramente, chegaria a Caracas, cortando uma vasta extensão de florestas e cerrados ubérrimos.

Também o Presidente da FUNAI não foi suficientemente informado pelo Inspetor de Manaus.

Embora a Autorização n. 2 pedisse relatórios mensais, o Capitão Alexandre de Souza não mandara, a partir de 6 de agosto nenhum ao Rio ou Brasília. Talvez porque o Padre Calleri só houvesse concluído seu plano em fins de setembro. Mas, até 8 de novembro, pelo menos, poderia o Inspetor da 1ª I.R. ter comunicado ao Presidente da FUNAI a reunião de 8 de outubro de 1968 / quando, na sua sede, em Manaus, com a presença do Coronel Carijó e da imprensa local, o Padre Calleri lhe descreveu o novo / plano, modificado, onde propunha uma expedição preliminar de / contato direto com os índios Atroaris, pelo Igarapé Santo Antônio, antes de iniciar o trabalho definitivo, único aprovado pela Autorização n. 2.

Não quis o Dr. Altamiro Veríssimo da Silveira, chefe do DNMR, que sugerira ao Presidente da FUNAI a autorização ao Padre Calleri, comparecer à entrevista, embora convidado. É que a modificação, ditada por motivos de ordem econômica e política de exclusivo interesse estadual, não consultava a filosofia do trabalho aprovado pela Fundação.

Já no dia 5 de outubro a Prelazia de Roraima, por intermédio do Padre Sabatini, tomara conhecimento da modificação do plano e, no dia seguinte, essa alteração fora participada ao DNMR.

Um e o outro, o Padre Sabatini e o Dr. Altamiro, procuraram demover o Padre Calleri de uma decisão que contrariava a autorização recebida e cujo insucesso seria jogado totalmente à responsabilidade do chefe da expedição, com reflexos negativos na Prelazia de Roraima e com desprimor para o chefe do DNMR, que assegurara ao Presidente da FUNAI a total obediência ao preceituado na autorização oficial.

Nada, nem ninguém, conseguiu demover o Padre Calleri. Executou a missão como lhe parecia, "para atender a problemas / da estrada", em obediência ao DERAM, embora, num bilhete, antes da partida, considerasse a missão "não simpática"...

Possuído de férrea determinação, talvez pré-consciente do fim que o aguardava ("prefiro morrer flechado por um índio" - costumava dizer) no dia 14 de outubro o Padre Calleri iniciou o transporte de material para São Gabriel, nas proximidades de Santo Antônio, concluindo essa tarefa no dia 15, quando embarcou. Estava lançada a sorte. Titubeou. Voltou a Manaus.

O Padre dizia que contaria com a cobertura aérea durante a operação, por meio de helicópteros do DER-AM, que permaneceria no acampamento da rodovia, no Igarapé Santo Antonio, ou em São Gabriel. Mas, depois do dia 14, nenhum socorro aéreo lhe

foi prestado pelo DER-AM. Também a radiofonia do DER-AM lhe daria cobertura, o que não ocorreu a partir de 1º de novembro, senão para reconhecimento.

Vejamos as Mensagens do Padre Calleri, a partir do dia 22 de outubro, assinalando, antes, que a interrupção de uma semana se deve a uma viagem que fez a Manaus, quando teria pretendido, possivelmente, desistir da arriscada missão que lhe haviam imposto os interesses da estrada.

Na verdade, ele prometera às famílias dos expedicionários que no dia 28 estariam de volta. Pretendia, portanto, atravessar todo o território dos Atroáris e Waimiris em menos de 10 dias: um sonho, mais do que uma temeridade.

"MENSAGEM OFICIAL N. 1"

"Santo Antônio 22/10/68 - 18 horas - Estamos acampados no último braço do Rio Santo Antonio. Foram terminadas satisfatoriamente todas as operações de transporte de carga e homens / com avião e helicóptero. Deixamos hoje, de manhã, com motor de popa, o acampamento do DER-AM, da FUNAI e, à tarde, o posto da TRANSCON. Com a nossa chegada, todas as equipes da BR-174 deixaram a região. Estamos sós. Amanhã deixaremos o rio e, por meio de caminho, contamos encontrar-nos, Deus queira sem imprevistos com a primeira maloca de índios". Saudações. Pe.Calleri.

Data: 22-10-68

Horas: 20,30

Operador: Mineiro".

"MENSAGEM OFICIAL N. 2"

"RIO ATROARI - 23-10-68 - 19,30 horas - Uma janta de fofa, no barranco defronte do Primeiro Posto dos Índios Atroáris. As aparências indicam que o posto é de grande movimento: / oito compridas ubás silenciosas e bem alinhadas, atrás um varadouro majestoso e severo, que deveria levar para as malocas. Nossa primeira canoa penetrou nesta área às 11,30 horas da manhã. Decidimos acampar aqui, pois achamos imprudente invadir o solo dos silvícolas sem estarmos todos unidos. Demos oito tiros ao alvo, para assinalar aos índios nossa presença e logo em seguida voltamos e buscamos o restante de homens e cargas deixados / em nosso último acampamento. Amanhã, à noite, nossa radiofonia agirá do meio dos primeiros índios, se Deus quiser. Saudações. Pe. Calleri". (Recebido pela Radiofonia do DER-AM a 23-10-68).

Verifica-se, nessa mensagem, que as dificuldades de navegação obrigaram o Padre a dividir a expedição: quando acampou na margem do Santo Antonio (o último braço, possivelmente o Abo nari) estava sem todos os homens. Foi, assim, com um pequeno / grupo, que alcançou, no dia 23, pouco antes do meio dia, a chamada "maloca queimada", para onde transferiu, à tarde, o restante da expedição, montando o acampamento, para início da caminhada ao encontro dos índios. Dormiram possivelmente em frente ao varadouro, onde se alinhavam as ubás.

"MENSAGEM OFICIAL N. 3"

"Rio Atroáris, 24-10-68 - Aqui, esta manhã, às 9 horas o grande porto e o majestoso varadouro dos Atroáris permaneceram em absoluto silêncio. De madrugada, repetimos nosso aviso aos índios, com outros quatro tiros ao alvo, mas ninguém compareceu ou quis comparecer. Não teria sido difícil contatar com o primeiro grupo no posto e com esse continuarmos até as malocas. Mas, não se tendo dado essa ocorrência, achamos perigoso entrar sozinhos no varadouro, pois se trataria de violação de posse. Decidimos, portanto, tentar atingir as residências indígenas, / passando pela via considerada neutra, isto é, o rio. Saimos às 11,15 horas, com cinco homens e uma mulher. Percorremos aproximadamente 38 quilômetros num igarapé, que bem cedo andou acabando num chavascal tremendamente fechado. Quase todo o tempo passamos arrastando, com os meios imagináveis, num labirinto como este. Conseguimos remediar. Mais um esforço e logo acampamos na beira, ou melhor, num pântano. Amanhã será melhor: mas, com tudo, é bem preferível a dureza no certo do que facilidade no risco. Até mais. Padre Calleri.

Recebido pela Radiofonia do DER-AM

Data: 24-10-68

Horas: 20,50

Operador: Mineiro".

Os índios, nessa região, não se impressionam com os tiros de espingardas, pela constante presença dos caçadores de peles silvestres, com quem se entendem. O tiro é apenas um sinal de aproximação dos brancos.

"MENSAGEM OFICIAL N. 4"

"Rio Abonari 25-10-68, 25 horas. Conforme nossa fácil previsão, hoje a marcha no labirinto não foi nada melhor. Só o transporte de todo o complexo radiofônico (será a primeira vez que este aparelho se permite tal turismo) no meio de pantanos e chavascas, embaixo de chuvas ininterruptas, criou / não poucos casos sérios. Mas uma forte vontade de vencer, igual em todos os componentes da equipe, permitiu-nos continuar e cobrir uma distância excepcional: conseguimos acampar a uns mil metros da primeira maloca dos Atroáris. Poderíamos / bem alcançá-los, mas a hora em que estamos, do descer do sol, não é oportuna para esta operação. Hoje à noite daremos as últimas instruções de sistemática de encontro e amanhã, se não houver imprevistos desagradáveis, ataremos nossas redes / com as dos índios. Para a próxima noite, não está certa nossa possibilidade de comunicação. Saudações. Pe. Calleri."

"Recebido por radiofonia DER-AM

Data: 25/20/68

Horas: 17,25

Operador: Mineiro".

A maloca recebe o nome de "Esperança" e deveria ser a / bordada pela madrugada. Mas havia receio de que o equipamento de rádio, transportado para outro lugar, não chegasse a operar naquele dia. A mensagem não fala em tiros de espingarda / o que não impede tenham ocorrido tais sinais. Apesar dos prognósticos desfavoráveis do Padre, o rádio funcionou no dia seguinte, como se vê pela

"MENSAGEM OFICIAL N. 5"

Atroaris, 26/10/68 - 19 horas. Estamos acampados com os Atroáris na primeira maloca. Foi luta dura, embora usando todos os recursos psicotécnicos de estratégia indigenista, conseguir o que conseguimos, sem abandonar uma lógica honesta e prudente de operação. Chegamos às 9 horas. Os índios compareceram de repente no rio. Inicialmente se apresentavam medrosos e desconfiados, depois nos ofereceram bananas e beijus, mas não nos permitiram entrar na maloca. Em seguida, vendo nossa mercadoria, começaram a se agitar, usando gestos violentos para tudo. Com calma e serenidade, e o máximo acordo entre nós, nada foi permitido.

O índio bem sabe que isso está no nosso direito de gente superior. Só tenta perturbar, para conseguir. E o jeito / foi resfriar o jogo com o trabalho: mediante artificios oportunos, provocamos entusiasmo na turma. Improvisamente criou-se um movimento: índios mesmos descarregaram a canoa, transportaram e ajeitaram toda a mercadoria, limparam uma área de mato (deixamos a eles escolher) bem ao lado da maloca deles, construíram para nós um bom barracão e instalaram a antena de rádio e fizeram eles mesmos pôr em movimento o gerador, aparelho de rádio-fonia e sistema iluminante. Todo mundo dos Atroáris / estava suando. O resultado foi dúplice: acalmaram-se e se entusiasmarão em fazer, eles mesmos, as coisas que nós tínhamos / medo de fazer. Às 15 horas nos trouxeram, em sinal de amizade para tomarmos todos juntos, quatro panelões de bebidas. Quase uns noventa índios nos fizeram a grande festa. Pelas 18 horas, e só naquele momento, fomos oferecer-lhes presentes pela primeira vez. Porém a distribuição foi organizada de maneira a extinguir qualquer pedido deles, deixada só a nosso critério. Aproveitamos a alegria para por os pés na maloca: contamos / cento e mais redes. Amanhã iremos ver: certo que tudo se procederá no mesmo sistema, carregar o índio para resfriá-lo. Que Deus nos ajude".

Transmitente: Padre Calleri
Recebido às 20,30 horas
Rádio-Operador: Jose Raimundo."

João, um dos componentes da expedição, falou, na noite de 26, pela fonia, com sua mulher, dizendo-lhe que iriam à maloca do dia seguinte, entre 9,30 e 10 horas, pedindo à esposa que aguardasse seu comunicado no DER-AM. Mas o operador o operador desaconselhou-a: não fosse na parte da manhã. João adiantou, naquele comunicado, que tinham passado a noite no chavascal e que acompanhariam o Padre, na visita à maloca, ele, João, Marina e Aragão. O restante do pessoal ficara no acampamento anterior e o Mateiro Álvaro não acompanhara os primeiros para voltar com os demais companheiros, no caso de um insucesso com os vanguardeiros.

Enquanto Álvaro sugerira ao Padre que "continuasse pelo caminho dos índios", o chefe da expedição preferiu prosseguir pelo rio, fora do território indígena.

A primeira maloca dos Atroáris, visitada pelo Padre Calleri, fica escondida no mato, a duzentos metros da barranca / do rio, onde os expedicionários aproaram a canoa.

Essa mensagem demonstra como o chefe da expedição era / sistemático, adotando, nos mínimos detalhes, os métodos e processos que antes anunciara, em trabalho largamente divulgado pelos "Diários Associados", em reportagem do Delegado da FUNAI. Não pretendia enganar, nem lisongear os índios, muito menos habituá-los a receber nada sem contrapartida. Estava encarregado também de aldeia-los e não simplesmente de "pacificá-los" ou "amansá-los", tornando-os presa fácil de garimpeiros, caçadores de peles e seringueiros. Depois do trabalho dos índios e da confraternização da vanguarda expedicionária com quase uma centena deles é que fez a distribuição dos presentes. Não favoreceu as trocas, mas antes estimulou a cooperação do trabalho indígena, mediante generosa compensação.

Naquela noite, às 21,30 horas, Madre Ugolina falou com o Padre Calleri, ouvindo, distintamente, as risadas dos índios que lhe pareceram em grande número. O tuxaua, Capitão Maroaga falou com a freira, repetindo palavras ditadas pelo Padre Calleri. E repetiu muitas vezes "Mamãe Manaus".

Pouco antes, segundo depoimento de Jose Raimundo, operador da fonia do DER-AM, houve um diálogo com João, que, à tarde, já esperava a mensagem de Manaus pelo ar. Disse terem chegado num lugar que parecia uma vila e que o seu pavor já havia passado. "O Padre conhece esse assunto de lidar com índios e agora mesmo está abraçado com o tuxaua".

"RELATORIO N. 6"

"Atroáris 1, 27/10/68, às 5 horas. Nossa pequena equipe da frente vai-se dividindo ainda. Dois homens e uma mulher irão ficar defendendo o novo acampamento Atroari e três homens tentarão a não fácil empresa de convencer os Atroáris 1º (do primeiro acampamento?) para irem juntos, ver o varadouro, a 45 ou 50 quilômetros do acampamento Abonari 3º, para fazer às cosatas o transporte de toda a mercadoria. A viagem servirá também para localizar, com os índios, as malocas abandonadas. Até mais. Pe. Calleri".

"Transmitente: João

Recebido por radiofonia
do DER-AM

Data: 27/10/68

Horas: 8,50

Operador: Jose Raimundo".

Houve um longo silêncio: nos dias 28, 29 e 30 cessam as comunicações dos expedicionários com o DER-AM. Dona Rosária acha que o seu marido João lhe deixou recado no dia 30, ao meio dia. Mas ela própria não fora ao Palácio Rodoviário do DER-AM nos dias 27 a 29, por encontrar-se adoentada. Entretanto / no dia 30, às 12 horas, recebera a informação de que João lhe mandara dizer que o Padre Calleri voltara com os índios, para buscar as mercadorias. Os expedicionários comeram o mingau de banana, que os índios lhes ofereceram e por isso ele, João, / estava passando mal dos intestinos. "Tudo estava bem: os índios eram verdadeiros amigos".

Mas o rádio-operador nega essa transmissão no dia 30: / talvez haja relatado à mulher o que ouvira no dia 27, a respeito, por exemplo, do mingau de banana.

Houve, porém, outra mensagem no dia 27, às 21,30 horas, transmitida por João, dizendo que o Padre Calleri saíra sozinho, com 50 índios, para apanhar mercadorias, ficando no acampamento ele, Marina e Aragão. As transmissões haviam sido interrompidas porque um índio mexera no aparelho, provocando defeito. Esclarecia que a mensagem seria curta, para não renovar a pane. Os demais membros da expedição ficaram na maloca queimada (Abonari 3ª). As relações eram boas, embora alguns / índios se mostrassem muito cansados com o transporte da canoa pelo igarapé. João assinalava o fato de ter-se um índio afeiçoado a ele de tal sorte, que dormia sempre em sua rede. "Ele me acompanha como um cachorrinho" - assinalava.

Mas, pelo depoimento do Mateiro Álvaro as coisas não iam bem na Maloca da Esperança, onde os índios se recusavam a indicar o caminho ao Padre, demonstrando irritação, enquanto / outros se comunicavam, mediante assovios, com seus companheiros escondidos na floresta, na iminência de um ataque...

"RELATÓRIO N. 7"

"Atroáris 1ª - 31/10/68, às 19,30 horas. Acabamos de fazer, juntamente com os índios, a segunda e última viagem e o transporte do material do Acampamento Abonari 3ª (maloca queimada). Nosso sistema, nessa expedição preliminar é o seguinte: primeiro, mostrar-nos trabalhadores e não aventureiros; segundo, fazer o índio participar da nossa atividade, para que a aprecie e não a destrua; 3ª, usar com eles o critério da justa recompensa e não a doação.

Nos primeiros ois pontos, estamos alcançando bom sucesso no terceiro, a luta é duríssima. Se não voarem as flechas, só é graças à bondade de Deus, pai de todos, e ao nossa esforço/ extremo de vigilância e reflexão. Quase continuamente um ho- / mem, entre nós, é destacado para o trabalho exclusivo de estu- do e planejamento. O motivo da enorme dificuldade neste ponto é o seguinte: estes (quem? os caçadores?) rodam na área do rio Uatuman. As poucas vezes que agui o seringalista branco, / absolutamente despreparado, contatou com eles (os índios) lhes dava tudo quanto era pedido. O índio nasceu com medo do bran- co. Nesta altura, judou de opinião, tornou-se prepotente e no fim, acabadas as mercadorias, tirou-lhe a vida. Resultado: em vinte anos só de história, 40 brancos e aproximadamente 150 / silvícolas do grupo em que estamos, foram vítimas de massacres morrendo. Hoje, com a nossa chegada, eles pensaram encontrar os mesmos seringalistas. Estão usando técnicas finíssimas pa- ra se mostrarem furiosos e ameaçadores. Ontem, à noite, fomos obrigados a estudar um meio para comprar, com objetos, todos os carcos do grupo que nos acompanhou, para podermos viajar / mais socegados. Com extrema facilidade passando do sorriso / aos gestos mais violentos, para perturbar. Mas até que isso é artifício. Nós continuamos firmes no nosso princípio: disci- plina, com justa recompensa. Hoje de madrugada um dos nossos melhores abandonou a expedição. A realidade é muito difícil. Aqui a boa vontade, a união e a serenidade de toda a equipe é muito maravilhosa. Saudações. Padre Calleri".

"Radiofonia: DER-AM

Transmitido por Pe.Calleri

Operador: Claro Jaques".

Não fez o Padre Calleri, nessa mensagem, qualquer refe- rência à interrupção das comunicações. Talvez os expedicioná- rios estivessem todos de tal maneira ocupados com o controle da situação, subitamente ameaçadores os índios, que não tives- sem oportunidade de operar. Ou esperassem melhores notícias / para transmitir.

Mas o Padre prometera falar novamente às 21,30 horas. / Pela manhã o aviador Queirós, do DER-AM, sobrevoara as malocas mas nada pudera ver, pelo mau tempo.

Naquela noite foram ao DER-AM o Padre José Maria Rubatto o Sr. Bezerra, três irmãs e a Srta. Fátima, Secretária do Che- fe do DNAR.

Pe. José Maria inicialmente não conseguiu reconhecer a voz do Padre Calleri e Madre Ugolina ficou ansiosa por saber o nome do desertor da expedição. Ante a recusa do Padre Calleri, Padre José Maria insistiu na pergunta, ouvindo que o desertor era o mateiro Álvaro, sem que revelassem, porém, o motivo daquela retirada. Irmã Eustáquia cantou em italiano e o Padre Calleri lhe disse, brincando "os índios acham que Mamãe Manaus canta muito bonito".

Depois noticiou:

- "Aqui está caindo uma chuva tórrencial e os índios começam a recolher-se às malocas".
- "Vai demorar muito, Padre João"?
- "Na floresta não se tem planos".

Desta vez, não se ouviram vozes de índios. Muito menos a voz do mateiro Álvaro...

Ainda naquele dia, procurou-se saber o motivo da interrupção das comunicações durante setenta e duas horas. Mas o Padre Calleri evitou explicações ao operador, dizendo-lhe: "Senhor Mineiro, aqui não programamos nada com antecedência. Sempre se pode programar uma coisa de um modo, para se resolver de outro". Nada mais disse, embora concordasse em avisar, daí por diante, com antecedência, sobre o horário em que utilizaria a fonia.

Instado pelo operador, João esclareceu: "O Padre não quer que se procure obter as coisas dos índios. Faz ele próprio as trocas e guarda aqui o material. Mas não quer que se leve nada para Manaus. No dia em que sairmos daqui, vai devolver tudo aos índios. Iremos levar só um cesto muito bonito / que temos para lhe fazer presente. O padre não quer o material dos índios".

Então fica a pergunta no ar: os índios se revoltaram / quando o Padre lhes devolveu as ofertas que deles recebera, / sentido nisso um menoscabo pelo produto do seu esforço?

Na verdade, todos os mortos apresentavam, nas omoplatas furos produzidos por flechas, que haviam penetrado no sentido póstero-anterior. Uma verdadeira vingança. Os goçpes de marte-lo no crânio do Padre Calleri também demonstravam singular / violência. Simplesmente para roubar presentes restantes ou destruir um inimigo, não teriam ido a tais excessos.

O depoimento do único sobrevivente, o mateiro Álvaro, / não esclarec nada a respeito da última cena, pois ele não presenciou o trucidamento dos seus companheiros.

Inicialmente apontado como um trãnsfuga (talvez não soubesse da mensagem do Padre Calleri, denunciadora do seu gesto) a imprensa cobriu, desde logo, o depoimento do mateiro com / uma cortina de desconfiança.

Por isso mesmo, ao ser ouvido pelo Presidente da FUNAI, em Manaus, êle diria, semanas depois:

"O Padre Calleri foi mais feliz do que eu. Imagine o que ele estaria sofrendo, se tivesse escapado. Meu único crime foi sobreviver".

A VERDADE DOS REPORTERES

Era uma entrevista coletiva. Na pequena sala, de menos / de quinze metros quadrados, a mesa e o arquivo ocupavam apreciável espaço e, em oito cadeiras distribuíam-se os reporteres da imprensa carioca e paulista, de agências nacionais e estrangeiras. Alguns ficaram de pé. Passados quarenta minutos, o Presidente da FUNAI voltou-se para um dos jovens plumitivos comentando:

- Voce deve ter memória de elefante...
- Por que?
- Pois é quem mais escreve aqui... - observou outro "coleguinha".
- Sou repórter há trinta e dois anos - interveio o Presidente - e uma das primeiras coisas que aprendi quando "foca", / foi taquigrafia.

A entrevista continuou. O Presidente da FUNAI evitava as perguntas múltiplas, interrompendo-as para a resposta imediata e desculpando-se:

- Agora pode formular a segunda parte.
- Mas é a minha vez - interrompia um mais guedelhudo, agressiva esforáfica rasqueando o papel, caísa berrante e olhos in mais brilhantes.

É mais ou menos assim uma "coletiva", quando o assunto chegou à manchete dos jornais. O entrevistado precisa revestir-se de extrema paciência, delicadeza de dama, candura angélica por vezes, prevenção bastante para preparar alguma coisa escrita, resumindo os fatos (sem esquecer detalhes pitorescos e versões pícaras) para o "romance" dos retardatários.

Bem: amanhã será outro dia.

Quando abrir os jornais verá a diferença entre o fato e a sua versão. Constrangido pela certeza de que esta é válida para os leitores, que tomam, sempre, seu jornal como testemunha "de visu et auditor" de todos os acontecimentos, ou como diz certo jornal radiofônico, "testemunha ocular da história"

O "foca" que não tomou nota de nada do que ouviu, começou sua reportagem dizendo: "O Presidente da FUANI, falando / sempre na primeira pessoa do singular"...

"Elementar, meu caro Watson. Se era um só o entrevistado..."

Depois, as versões:

"Padre Calleri ameaçou os Atroáris de espingarda em punho, dizendo-lhes que os mataria, se tirassem os presentes..."

"Emulo de Fawcett, o truculento sacerdote italiano queria demonstrar, a ferro e fogo, sua superioridade racial..."

"Entrou na floresta disparando contra os índios indefesos..."

Ou títulos mais ou menos assim:

"Guerrilha nas selvas: os índios queriam as mulheres do Padre..."

"Um branco comandou a chacina da expedição Calleri..."

"Manaus prepara expedição punitiva contra os índios..."

A entrevista fora dada depois de ter aparecido em Manaus o maitreiro Álvaro, que abandonara a expedição e conseguira escapar à vingança dos Atroáris.

Mas, dias antes, já a 21 de outubro, os jornais cariocas começavam a referir-se ao assinto. "O Globo" procurara, / na tarde anterior, o Presidente da FUANI e publicava aquela versão, bem próxima da realidade dos fatos. Os enganos nela cometidos o foram porque o Presidente não estava suficientemente informado das ocorrências, senão por um diálogo telefônico. Eis a melhor versão das suas declarações, naquele vespertino:

"O presidente da Fundação Nacional do Índio, Sr. Jose / de Queirós Campos, informou ontem a O GLOBO que a expedição / chefiada pelo Padre João Calleri, com cerca de 12 homens, foi massacrada pelos índios Atroáris, nas proximidades da Rodovia Caracarái-Manaus, que está sendo aberta. A notícia lhe foi / transmitida pelo Padre Silvano Sabatini, da Prelazia de Roraima, à qual pertenceu o Padre Calleri. Até então, desde 31 de outubro último, a expedição, que tinha de pacificar os índios Waimiris, na região do Alaláu, no Amazonas, deixara de comunicar-se com a Prelazia, com a qual mantinha contato permanente via rádio.

Os aviões do Serviço de Busca e Salvamento da FAB, empenhados na busca da expedição, tampouco conseguiram localizar as vítimas. Os Atroáris são responsáveis pelo massacre / de um posto indígena do extinto SPI, há alguns anos, e seu território está sendo atravessado pela rodovia que o Departamento de Estradas de Rodagem do Amazonas e o DNER estão abrindo para a ligação Manaus-Boa Vista".

"ADVERTENCIA"

"Disse o Sr. Queirós Campos que, no princípio deste ano, ao saber que a frente de trabalho de abertura da estrada estava no território dos índios Waimiris e Atroáris, informou o responsável pela turma de trabalhadores a respeito do perigo que a região apresentava, tendo em vista o massacre do / pessoal do Posto Indígena. Com a participação da 1ª Inspetoria Regional da FUNAI e dos dois Departamentos de Estradas de Rodagem foi, então, organizada uma primeira expedição pacificadora, com a finalidade de evitar possíveis choques entre trabalhadores e índios. Realizaram, assim, com a ajuda de um helicóptero, os primeiros contatos com os silvícolas. Mais / tarde, em julho deste ano, o Sr. Queirós Campos foi informado de que a Prelazia de Roraima poderia fazer melhor os contatos e a pacificação, por dispor de elementos treinados entre os seus padres. Foi quando entrou em entendimentos com o Padre João Calleri, autorizando-o a organizar e chefiar uma expedição pacificadora à região dos Waimiris, em Alalau, no Amazonas. Novamente os Departamentos de Estradas de Rodagem (DERAM E DNER) contribuíram materialmente para a missão, assim como a FAB e unidades do Exército, sediadas em Roraima. A superintendência dos trabalhos foi confiada à Inspetoria Regional da Funai, em Manaus, ficando estabelecido que a aproximação com os silvícolas seria feita com o máximo de cuidado, para evitar represálias. Assim, em vez de penetrar diretamente em território indígena, o Padre Calleri deveria / tentar atrair os silvícolas, com presentes, a um território neutro. Outro cuidado, para evitar a repetição do fracasso / da primeira expedição, foi o de abolir o uso de aviões, que poderia irritar ou assustar os índios".

"MISSÃO PERIGOSA"

"Apesar dos cuidados iniciais, o Sr. Queiros Campos e

os membros da expedição sabiam que haveria possibilidades de riscos inesperados, tendo em vista os acontecimentos anteriores e o fato de o pessoal da construção da rodovia / ter invadido o território indígena, sem que para isso tivesse havido qualquer preparação prévia de contatos. O maior perigo estava precisamente num encontro inmistoso com os Atroáris que habitam a mesma região dos Waimiris. Por isto o equipamento dos expedicionários incluía modernos aparelhos de rádio comunicação, para contatos diários com a Prelazia.

A expedição do Padre Calleri, finalmente, partiu para a selva em meados de outubro, tendo o presidente da FUNAI, no mes passado, em Manaus, tido notícia de que tudo corria bem. Até então, o único incidente ocorrera com o sertanista Gilberto Pinto, que voltara da região dos Waimiris atacado de mal desconhecido. A estada do Sr. Queiros Campos em Manaus / foi a 28 de outubro, dois dias antes de cessarem as comunicações entre expedicionários e a Prelazia. O silêncio dos expedicionários assustou os padres, que recorreram a Manaus, no sentido de que enviassem um avião para proceder à busca, tendo em vista que, segundo as instruções do Padre Calleri, os contatos por rádio deviam ser diários".

"O MASSACRE"

"Finalmente, esta semana o Sr. Queiros Campos recebeu a notícia de que a expedição estava desaparecida e, dois dias depois, ante-ontem, a informação, da Prelazia, de que haviam sido massacrados o Padre Calleri e os homens que o acompanhavam. De acordo com os últimos comunicados do Padre Calleri, pelo rádio, soube que a expedição tinha entrado em contato // com os silvícolas e trocado presentes, tendo os Atroáris, depois disso, passado a exigir presentes, sem nada oferecer, o que é inteiramente em desacordo com o comportamento normal dos índios em estado selvagem, pelo menos da quase totalidade deles. Procurando contornar a situação, o Padre Calleri / convenceu os indígenas a trocarem os presentes pelos seus arcos. Com isto, neutralizava o ponto de atrito e conseguia de sarmar os índios, que já começavam a preocupar os expedicionários. Nessa altura dos acontecimentos, cessaram as comunicações. Daí por diante, a situação foi reconstituída por suposições: crê o Sr. Queirós Campos que os índios tenham resolvido reaver seus arcos e, com grande maioria, desencadearam um ataque à expedição, terminando por massacrar todos os seus membros".

Era um relato quase fiel: apenas erros de número e lição, pois os expedicionários foram 10; entre a primeira notícia telegráfica e o telefonema do Padre Calleri transcorreram -/ três dias e não dois; o incidente com o sertanista Gilberto / ocorreu mais de um mes antes do início da expedição do Padre; as tabas indígenas do Alalau ficam em Roraima e não no Amazonas.

No mesmo dia, o matutino "Diário de Notícias", também / da Guanabara, fizera um fiel relato das declarações do Presidente da FUNAI, citando-o, e "im verbis":

"Ainda quando Delegado Ministerial da Fundação Nacional do Índio, em fase de organização, tomei conhecimento, no primeiro semestre deste ano, de que a frente de trabalho encarregada da construção da Rodovia Manaus-Caracaráí, a cargo do Departamento de Estradas de Rodagem do Amazonas, em convênio / com o DNER, estava em pleno território indígena dos Waimiris e Atroáris. Consciente do perigo que representava a invasão / do território tribal, entre em contato com o Coronel Carijó, responsável por aquela frente de trabalho. Coloquei imediatamente à sua disposição o sertanista Gilberto Pinto de Figueiredo Costa, que serve na 1ª Inspeção Regional da FUNAI, sediada em Manaus, a fim de chefiar uma missão de aproximação, evitando choques com a frente pioneira. Os recursos foram fornecidos pelo DERAM e pelo DNER e, obtido um helicóptero, promoveram-se os primeiros contatos".

"Continuou o Diretor da FUNAI:

Procurou-me, em julho, um engenheiro do DNER para comunicar-me que a Prelazia de Roraima, dispoendo de padres antropólogos e linguistas, afeitos à problemática indigenista, aceitaria a missão de pacificar aquelas tribos. Entrei imediatamente em contato com o Padre João Calleri e da nossa correspondência / resultou a autorização de promover a pacificação entre os índios Waimiris no Amazonas".

"Risco Calculado"

"A respeito do perigo a que se espunha essa missão, o Dr. José de Queirós Campos assim se expressou:

Em princípios de outubro, recebi a visita de dois padres da Prelazia de Roraima, que nos deram conta da satisfação com que fora recebida a autorização e do entusiasmo com que estava sendo preparada a expedição. Os irmãos da Consolata, em Roraima, não ingoravam os riscos da missão e creio que a aceitaram como um desafio à sua vocação apostólica e uma experiência dos sadios princípios que propagam, visando a promover a integração do silvícola à comunidade nacional.

Conhecendo mais de oito mil índios em Roraima, nos diversos estágios de aculturação, sempre coroados de êxitos os seus esforços, lançaram-se à missão, conscientes dos seguintes riscos:

- a) os precedentes lutosos das sortidas dos Atroáris, / vizinhos dos Waimiris;
- b) a invasão já promovida do seu território tribal pela frente rodoviária pioneira;
- c) o estado de alerta das tribos, ante o recente vôo rasante dos helicópteros".

Evidentemente o relato mais preciso da imprensa brasileira, naquele dia, 21 de novembro de 1968, foi o publicado em o ESTADO DE SÃO PAULO, não somente por tratar-se de um dos dez/maiores jornais do mundo, o maior da América do Sul, senão também porque os seus repórteres foram ouvir o Padre Sabatini a pessoa, fora de Manaus, mais bem informada sobre o Desastre. Pondo de parte as mensagens do Padre Calleri, divulgadas no fim da reportagem, eis o que disse O ESTADO DE SÃO PAULO:

"O ministério da Aeronáutica está deslocando aviões e / equipes de salvamento para a rota provável da expedição do DNER, que está desaparecida desde o fim do mês passado, quando tentava a pacificação dos índios Atroáris, na estrada que liga Manaus a Boa Vista. Até ontem à tarde, não haviam sido encontradas pistas da expedição. Ontem a esquadilha do PARASAR e uma esquadilha de coordenação seguiram para Manaus, enquanto chegava a Santarém um C-119. Em Natal, um helicóptero / está em estado de alerta para se deslocar para a Amazonia, no caso do resgate de integrantes da expedição. O Centro de Buscas e Salvamento da FAB em Manaus já confirmou o itinerário da expedição até a data da interrupção dos seus contatos por rádio com a sede local do DNER. A expedição passou pelo Campo / São Miguel e atingiu duas malocas dos índios Atroáris, rumando para uma terceira. A partir de então, cessaram os contatos da expedição com a sede do DNER em Manaus".

"Era previsto"

"Esses contatos eram feitos por meio de radiofonia em / SSB. No dia 26 de outubro, o contato diário foi interrompido, por motivos desconhecidos pelo Centro de Buscas e Salvamento de Manaus. Essa falha das comunicações havia sido prevista / no dia anterior pelo chefe da expedição, Padre João Calleri. O relatório do dia 25 informava que a expedição havia acampa-

do nas proximidades da primeira maloca Atroári. A aproximação com os índios ainda segundo o relatório não seria tentada naquela dia, visto estar próximo o por-do-sol e serem inoportunos os contatos noturnos".

"A expedição"

"Como se recorda, a expedição de 12 pessoas, chefiada / pelo Padre João Calleri, da Fundação Nacional do Índio, foi / organizada para manter contato com índios hostis, que estavam impedindo a construção da estrada Manaus-Boa Vista. A expedição estava também tentando a pacificação entre os índios Waimiris e Atroáris. O grupo levava alimentados para 40 dias, / tempo esse que já está esgotado. Há pouca, muito pouca esperança de que estejam vivos os oito homens e duas mulheres que desapareceram nas selvas de Roraima, numa aventura marcada pela temeridade. Os índios Atroáris e Waimiris, do grupo étnico Caribe, que a expedição pretendia pacificar, são considerados os mais ferozes do País. Há 200 anos eles enfrentam os brancos e afastam qualquer tentativa de pacificação. O último rádio enviado pelo Padre João Calleri, de 34 anos, que chefiava a missão, dizia que o grupo estava cercado pelos índios, numa maloca em plena selva. A dramaticidade da situação pode ser medida por essas frases: "Eles (referia-se aos índios) estão usando técnicas finíssimas para se mostrarem furiosos e ameaçadores. Com extrema facilidade passam do sorriso aos gestos / mais violentos. Hoje de madrugada um dos nossos melhores homens abandonou a expedição (a realidade aqui é muito difícil)". Os índios Atroáris, que cercavam a missão, tem uma particularidade: cortam em dezenas de pedaços as suas vítimas e depois fazem a cremação. Calcula-se que mais de 1500 brancos já tenham sido mortos por eles".

"Como começou:"

"Entre Manaus e Boa Vista, em Roraima, o Governo Federal começou no ano passado a construção de uma rodovia, que deverá estender-se pela Guiana (antiga Inglesa) e depois até Caracas, na Venezuela. Ao longo do traçado da rodovia, mais ou menos a 200 quilômetros de Manaus, há várias nações independentes de índios Atroáris e Waimiris, tendo cada uma de 100 a 200 componentes. Eles fazem suas malocas nas margens dos rios Uatumã, Alalaú e Jauaperi, que forma o Rio Negro e são extremamente / hostis ao homem branco. Sua ferocidade tem uma explicação: vivem em guerra entre si, por causa do roubo de mulheres de uma

tribo para outra. Quando os operários do DNER e Departamento de Estradas de Rodagem do Amazonas fizeram um acampamento no Km 220 da rodovia, os índios atacaram. Os operários, apavorados, recusaram-se a continuar ali e a obra foi paralisada".

"Tentativa"

"O Território de Roraima é uma das regiões da América / Latina onde há maior concentração de indígenas. Entre os catequistas, digo, catequisados, mais de dez mil recebem formação religiosa da Prelazia de Roraima, com sede em Boa Vista, onde existem vários padrões extremamente experimentados em pacificar indígenas. Em vista das necessidades de movimentação na estrada, o DNER solicitou à Prelazia de Roraima a formação / de uma expedição, para manter os primeiros contatos com os Atroáris e Waimiris. Pouco se sabe desses índios, além de sua agressividade. Sequer sua língua é conhecida. As malocas dos Atroáris são enormes, abrigando cerca de 100 índios".

"Duas mulheres"

"Dia 18 de outubro a expedição saiu de Manaus, com oito / homens, entre caçadores e pescadores, duas mulheres e o Padre João Calleri, chefe da missão. A presença das mulheres tem / uma explicação: dá-se ao índio a impressão de uma operação / "normal", como o movimento de famílias, e tira-se dele o medo instintivo pela sorte das próprias famílias, digo, mulheres, (eles tem sempre o temor de que suas mulheres sejam roubadas) O plano da expedição era o seguinte: penetração, encontro e - / brevíssima permanência com os indígenas; traçar um caminho até o rio Alalaú, a ser feito pelos próprios índios, usando de técnicas particulares de persuasão, e por fim, afastamento da área da rodovia. Por essas técnicas, não se dá nada ao índio gratuitamente e, para receber um machado ou facão, ele precisa sentir que está pagando com algum trabalho. Isso foi ditado pela amarga experiência de um seringueiro, que tudo o que tinha deu aos índios, quando foi pilhado em plena selva. Os / índios receberam os objetos, manifestaram grande alegria e depois mataram o seringueiro. Os religiosos da Prelazia de Roraima, nos seus contatos com os índios, insistem em preservar e respeitar sua personalidade e não lhes dão presentes - pagam pelo trabalho".

" Na selva"

"A expedição levava comida para 40 dias e potente rádio

SSB, por intermédio do qual o Padre João Calleri deveria transmitir à sede do Departamento de Estradas de Rodagem do Amazonas uma mensagem sobre seu trabalho".

O restante, são as mensagens. Os descuidos dos repórteres (além do comentário "numa aventura marcada pela temeridade") foram os seguintes: inicialmente, doze, depois corrigido / para o número certo de dez expedicionários; nunca houve contato de rádio-fonia com o DNBR, mas com o DERAM; a expedição não era do DNBR, que se recusou a participar dela, desde que o Padre João Calleri resolveu não iniciá-la pelo Alalaú; a Prelazia de Roraima não ministra formação religiosa a dez mil índios, pois conhece apenas oito mil e nem dez por cento deles tem formação catequética. Quanto ao mais, é de extrema fidelidade ao relato que nos foi feito, no dia anterior, pelo Padre Sabatini.

"Quem chefiava"

A "Folha de São Paulo" do mesmo dia, menos detalhada no relato, apresenta uma viografia do Padre Calleri, nos seguintes termos:

"O Padre Calleri, que chefiava esta missão, veio da Itália há cinco anos atrás, especialmente para trabalhar junto / aos silvícolas da região do Roraima-Amazonas. Pertencia à Sociedade Missionários Nossa Senhora Consoladora, que se dedica à pacificação de índios. Aqui no Brasil, fez um curso de linguística primitiva, em Belém, para melhor contatar com os indígenas. Estava, além disso, preparado cientificamente para / tal mister, sendo ainda, conforme testemunho de seus superiores, homem de extraordinário sentido de liderança, "um líder nato". Há 4 anos, exatamente, iniciou o trabalho de pacificação dos índios Yanomami, das margens do rio Catrimani, na região do Roraima. Estes índios, devido aos tristes contatos - / que tiveram com os "balateros" ou seringalistas da região, - / tornaram-se agressivos para todo branco que entrasse em suas terras. " que os "balateros", constatemente, os massacravam, fazendo com que o índio lhes criasse ódio Há 30 anos, ninguém penetrava no rio Catrimani, até a vinda do Padre Calleri, que, junto com o Padre Bindo, em 3 anos - de 64 a 67 - realizaram todo o trabalho de pacificação".

Um Sentimento de vingança

Quando a notícia do massacre da expedição eclodiu em Manaus, a população ficou revoltada. Os jornais, à sua vez, procuraram explorar o aspecto político-econômico da história, alguns gritando, em títulos largos e irritadas: "Não se pode esquecer um sonho de 150 anos" ou "A estrada prosseguirá, a -/ qualquer custo". Essa expressão "a qualquer custo" chegou logo ao conhecimento do Presidente da FUNAIS e coincidiu com / um telegrama do Governador amazonense ao Ministro do Interior violentamente contra um pedido daquele, no sentido de que fosse interditada a área, mediante decreto presidencial, conforme ocorrera antes, em Rondônia e Arípuanã (Mato grosso) para a pacificação dos Cintas-Largas. Na capital amazonense, o Presidente da FUNAI, acompanhado pelo Secretário Executivo e pelo Diretor do Departamento de Administração, num giro pelo comércio (afinal, era a Zona Franca.) ouviu, mais de uma vez, até de senhoritas muitas calmas, o comentário:

"Esses bugres, só a bomba".

"Por que não foi o senhor, em lugar do Padre Calleri? / Quer tratar essas feras como se fossem gente..."

Não seria difícil prever tal ânimo, quando a chacina de certo intimidaria os trabalhadores na prossecução da picada; uma interdição de área poderia durar um ano; os caboclos levariam muito tempo para esquecer a tremenda reação dos Atroáris.

Porisso o General Afonso Augusto de Albuquerque Lima, / que se encontrava no Nordeste, ordenou ao seu chefe de Gabinete, jornalista Antonio Faustino Porto Sobrinho, que, em seu / nome, declarasse, publicamente, que não permitiria qualquer / represália contra os índios. Em consequência, ordens idênticas foram expedidas pela FUNAI, a quem cabe, segundo a lei, o poder de polícia no território indígena.

No dia 22 de novembro o JORNAL DO BRASIL noticiava: " O Presidente da FUNAI, que anteontem enviou ofício reservado ao Ministro do Interior, General Albuquerque Lima (DOC.) sobre os acontecimentos, expediu o seguinte telex para o Capitão Alexandre, chefe da 1ª Inspetoria: "Encareço providências no / sentido de evitar qualquer represália contra os índios Atroáris, acusados de massacre da expedição pacificadora. Aguarde a chegada a Manaus do sertanista João Américo Peret, que se / juntará a Gilberto, em nova expedição pacífica, para licalização de possíveis remanescentes da missão do Padre Calleri. Comunique-me urgente qualquer ação estranha à FUNAI na área Waimiri-Atroari".

Já então a Aeronáutica procurava localizar os corpos -/ dos expedicionários. E o próprio JORNAL DO BRASIL, naquela da ta, publicava:

"O Serviço de Busca e Salvamento da 1ª Zona Aérea, se-/ gundo rádio enviado de Belém ao Ministério da Aeronáutica, a- ainda não conseguiu localizar o grupo chefiado pelo Padre João Calleri, perdido na selva amazônica, apesar do emprego de avi ões e helicópteros, que sobrevoaram a taba dos índios Atroá-/ ris sem encontrar ninguém. Um avião sobrevoou ontem o acampa- mento São Miguel, completamente deserto, além das malocas 1 e 2 dos índios Atroáris, mas não conseguiu pousar devido às péssimas condições meteorológicas. Os voos continuarão hoje, onde já se encontra uma equipe do PARA-SAR. As mensagens chega- das ao Ministério da Aeronáutica, enviadas pelo Serviço de -/ Busca e Salvamento da 1ª Zona Aérea, informam que as buscas / tem sido infrutíferas. As condições do tempo tem prejudicado a busca na região, mas novos sobrevoos estão previstos para / hoje, deles dependendo a utilização de maior número de aviões nas operações de resgate. A equipe do PARA-SAR, que há dois / dias deixou a base de Campo dos Afonsos com destino a Roraima para tentar localizar o grupo, chegou a Belém em avião Hércu- les C-130 do Comando de Transportes Aéreos. Outros aparelhos/ estão preparados para participar da missão de busca, caso se- ja necessário. Informou o Gabinete do Ministro que, conforme os resultados da busca, não está fora de cogitações o emprego de mais aviões, que teriam como ponto de apoio os campos do i nterior da Amazônia, como o de Boa Vista, usado pelo CAN em suas missões. As bases de Belém e Manaus, dependendo da neces- sidade, poderão fornecer mais recursos".

Essa notícia provocava temores na FUNAI: como se compor- tariam os aviadores? Usariam bombas? Mesmo as chamadas de "d- feito moral" teriam, nos índios, efeitos fisiológicos desas-/ trosos, dentre eles a disenteria, pela ingestão de gases tóxi- cos.

Era preciso apressar a ida do sertanista Peret, dispen- sando-o de buscar seus petrechos em Cuiabá, como fora decidi- do.

Último contato com a retaguarda

Ainda na mesma página, o citado matutino Carioca dizia: "O engenheiro Cláudio Marques, que se encontrou há dias com a expedição chefiada pelo Padre João Calleri, disse hoje de ma-

drugada ao JB que ao deixá-la soube que seus integrantes - mais ou menos oito homens - iam ao encontro da tribo dos Waimiris, tida como perigosa, com a missão de pacificá-la.

"Deixei a expedição sem que ela tivesse problemas, pois tinha muita munição, víveres, além do existente na floresta, e combustível. Eu e meus companheiros cedemos dois mil litros de combustível aos homens e não mais soube do seu paradeiro".

"Contou o engenheiro Cláudio Marques que desceu de helicóptero com seus colegas Lafaiete Prado a cerca de 40 quilômetros do acampamento da tribo dos Atroáris, pensando que estava mais perto dela. Os índios, depois, receberam-nos com presentes e não se mostraram hostis, fazendo, inclusive, amizade com seu chefe. Mais tarde, conforme relatou, encontrou a expedição do Padre João Calleri integrada por oito homens".

"Acho que eles não tinham nenhum problema, pelo que pude sentir. Segundo os padres, a expedição ia em busca dos índios Waimiris. Ao que eu saiba, esta tribo é muito hostil, sabendo-se na selva que ela dizimou um acampamento do Serviço de Proteção aos Índios. Quando nos despedimos, tudo parecia estar bem".

"AS POSSIBILIDADES"

Um dos comunicados do Padre Calleri, informando que um / dos seus melhores homens se desligara da expedição, autorizava a esperança de ter sobrevivido alguém. Devia ser um homem experimentado na região, para arriscar-se a regressar sozinho. Tal esperança foi manifestada pelo Presidente da FUNAI aos repórteres e O GLOBO Divulgava, no dia 22, sob o título "AS POSSIBILIDADES, o seguinte tópico:

"Um dos pontos em que se apoia o otimismo da Fundação Nacional do Índio é que, no penúltimo contato pelo rádio com a expedição, um dos seus homens se mostrava inteiramente atemorizado com as atitudes dos atroáris: estes faziam demonstrações veementes de força e valentia, como sempre acontece nos primeiros contatos de índios com outras tribos ou com civilizados. Assim, considera o Sr. Queirós Campos ser perfeitamente possível que este homem tenha fugido e, no caso de ter havido massacre".

No mesmo dia, divulgava o ESTADO DE SAO PAULO:

"O chefe de Gabinete do Ministro do Interior transmitiu ao Governador de Roraima uma determinação do Ministro Albuquerque Lima, no sentido de ser evitada qualquer represália contra os / silvícolas acusados de haver eliminado o Padre Calleri. O Governador respondeu que as buscas visavam exclusivamente encontrar a expedição, assegurando ao Ministro o empenho de tôdas /

as equipes em cumprir as ordens emanadas das autoridades superiores, quanto à proteção dos indígenas".

A essa altura, poucas dúvidas havia quanto ao massacre, embora a esperança na existência de um sobrevivente. À mingua de notícias, alguns jornais começavam a apresentar hipóteses romanescas, chegando ao exagero de afirmar a existência de antropofagia naquelas tribos; ou a hipótese de estarem comandados pro brancos; ou a existência de uma confederação indígena sob o comando de "espartes" estrangeiros em guerrilhas...

"HEROÍSMO NA SELVA"

Como um raio de luz, em meio à atoarda cinzenta das críticas contundentes e das hipóteses nefastas, O JORNAL DO BRASIL úblicou, em sua página nobre, sob o título "Heroísmo na selva" o seguinte editorial:

"Tudo indica que tenha realmente sido trucidado pelos índios Atroáris a missão chefiada pelo Padre Calleri, dirigente da / Comissão Pró-Índio da Prelazia de Roraima. É certo e bom que a providência imediatamente tomada pelo Presidente da Fundação Nacional do Índio, Sr. Jose Queirós Campos, tenha sido a de advertir Manaus, para não permitir que se crie um clima de vingança contra o índio.

Quando homens que ganham dinheiro para proteger os índios - como ocorria no extinto Serviço de Proteção aos Índios - permitem ou ajudam o trucidamento de índios para roubar-lhes as / terras, estão cometendo um crime sem explicação ou perdão. Quando tribos ainda em estado selvagem se chocam com expedições e, como parece haver acontecido agora, trucidam seus componentes - agem como selvagens, como irresponsáveis, como tutelados que são da Nação brasileira. É uma terrível tragédia, mas uma tragédia sem agentes criminosos. Trucidá-los? de volta seria baixar muito os padrões de civilização do Brasil. Seria simplesmente, nivelar os cidadãos do Brasil inteiro a homens neolíticos que ainda existem na floresta brasileira.

Quando desaparece um grupo de homens corajosos, como os da / expedição do Padre Calleri, manifesta-se muito do verdadeiro / espírito do Brasil, ainda por colonizar mas que já tem altos / padrões de comportamento humano. São, por exemplo, no ínvio / sertão amazônico, os padrões da Força Aérea Brasileira e do PARA-SAR, esse admirável grupo de pilotos e pára-quedistas / que exercem, por vocação e profissão, a mais nobre das formas de coragem: a de se arriscarem para salvar a vida de".

E concluía:

"É difícil que desapareçam, de quando em quando, homens que amam os índios e tentam fazer-lhes bem, como o Padre Calleri/ e seus companheiros. Mas esse é um risco de homens civiliza-/ dos e cristãos. Reagir à morte com a morte é desmentir toda a admirável obra de Rondon, continuada, no Parque Indígena do / Xingu, pelos irmãos Vilas Boas, e tão resolutamente apoiada / pela Força Aérea Brasileira e os bravos do PARA-SAR, com o res- peito e o carinho que tem pela vida humana".

Decreto a FUNAI também confiava no PARA-SAR. Mas deseja- va que a sua missão de resgate fosse acompanhada por dois há- beis sertanistas, conhecedores não somente da região, mas dos índios.

Dis o que o JORNAL DO BRASIL, naquela mesma data, noti- ciava:

"O SERTANISTA" João Américo Peret tem 42 anos, 21 dos quais passados entre os índios, mede pouco mais de 1,50m, é casado e tem três filhas: uma menina nove anos, um menino de sete a- nos e um terceiro filho que completará um ano no próximo dia 18 de dezembro, quando o sertanista poderá estar na selva ten- tando resgatar possíveis sobreviventes da missão do Padre Cal- leri. Sem contar os descontos, Peret recebe mensalmente R\$ 920,00. Natural do Acre, conhece bem os índios, e estava há pouco tempo pacificando os Cintas-Largas. Precisando vir ao Rio para tratar de problemas burocráticos na FUNAI, ia regres- sar quando chegou a notícia do possível massacre. Foi então / escolhido para chefiar a missão de resgate. Em Manaus, além de contar com o sertanista Gilberto Pinto Figueiredo Costa, / outro tarimbado conhecedor dos índios, Peret vai recrutar mais dois ou três caboclos para formar um grupo. Acha que é mais / fácil para um pequeno grupo cumprir esta missão, pois, muita gente na selva não passaria despercebida dos índios, que, en- tão, poderiam realizar novo ataque. O sertanista, em situações normais, pretende caminhar apenas de dia. Na selva, explicou ninguém caminha à noite, por causa dos inúmeros perigos que o cercam, como uma fácil perda de rumo, os animais peçonhentos (cobras, escorpiões, caranguejeiras) que só caminham de noite e as onças. Isso tudo sem contar com uma possível chegada i- / nesperada a um aldeamento inimigo.

Entretanto, se forem atacados, Peret procurará manter os ataca- ntes afastados com os fogos de artifício durante o dia e bate- rá em retirada durante a noite. Apesar dos perigos, sabe mui- to bem que, ~~retirada durante a noite~~ pelo menos, não terá in-

Índios no seu encalço, pois estes jamais, em hipótese alguma, fazem caminhadas noturnas. João Américo Peret fala nove dialetos indígenas e não pretende estabelecer contatos -/ com os Waimiri e Atroari, porque afirma que os índios, quando fazem um ataque, não estão em condições de serem pacificados imediatamente. Embora ache bom levar mulheres nas expedições de pacificação ou nas que poderão encontrar índios ainda não / civilizados, Peret só levará homens nesta operação. Explica / que os índios, quando saem em missões guerreiras, não levam / mulheres; por isso, ao verem uma expedição de brancos com mulheres, pensam que se trata de uma missão pacífica e não a atacam. Apesar disso o sertanista não levará mulheres. Ainda mais porque a área - será interdita por decreto presidencial até que os índios sejam pacificados. Até lá, somente poderão entrar nesse território os funcionários autorizados pela FUNAI".

Mas nem tudo ocorreria como previsto pela FUNAI; O PARASAR se adiantara sozinho, inicialmente sem êxito. Tampouco foi obtida a interdição da área, ouvidos os veementes protestos do Governador do Amazonas, que considerava a área indígena terra devoluta, portanto pertencente ao seu Estado, alegando os superiores interesses da autonomia que a Constituição lhe assegurava. A mesma Constituição que afirma a posse do índio na terra que habita, considerada, também, como um dos bens dominiais, digo, dominiais...

CADÁVERES IMAGINÁRIOS: Continuava a repercussão na imprensa: "o massacre do Padre Calleri" era o prato de sustância das manchetes de primeira página. Em campo, ainda, apenas o Serviço de Busca e Salvamento da FAB. Nem Peret chegara a Manaus, nem se admitira Gilberto nos sobrevôos. Porisso a busca se mantinha infrutífera, verdade que dificultada pelo mau tempo.

A "ULTIMA HORA" da Guanabara publicava, no dia 23, o seguinte telegrama; "Manaus (M): "Aviões da FAB localizaram e / fotografaram, ontem, cerca de 300 quilômetros desta Capital, malocas de índios e cadáveres atirados na selva. Tudo indica tratar-se dos componentes da expedição do Padre Calleri, constituída de 13 pessoas e desaparecida, semana passada, entre o Território de Roraima e Manaus. Aparelhos da Força Aérea Brasileira, retornarão, hoje, ao local. Helicópteros afetarão a descida e seus tripulantes, se encontrarem resistência por

parte dos silvícolas, utilizarão bombas de efeito moral. Acredita-se que os componentes da expedição tenham sido massacrados pelos ferozes Atroáris, que tem por hábito esfaquear os corpos dos inimigos e queimá-los. A FAB, porém, está preparada para recolher os sobreviventes, caso a expedição não tenha sido totalmente massacrada. Uma fotografia tirada de um Catalina da FAB, revelou a possibilidade da existência de brancos / nas proximidades da maloca n. 2, no Campo de São Gabriel. Equipes de sertanistas e o PARA-SAR, com apoio de helicópteros e aviões, vão tentar aproximação com os índios, a fim de pacificá-los e resgatar os possíveis sobreviventes da expedição, que teria sido atacada pelos silvícolas hostis".

Evidentemente, não teria sido possível a um avião fotografar pessoas no recesso da floresta. Quanto às malocas, já haviam sido fotografadas há quatro meses. Nem ao PARA-SAR cumpria pacificar índios, muito menos lhe seria permitido lançar bombas, mesmo de efeito moral. No máximo, rajadas de metralhadoras, mas sem alvo humano. Como foi, finalmente, feito, contra as árvores, a vinte quilômetros de distância dos índios.

TODO O AMOR NA PACIFICAÇÃO : Como estamos acompanhando a notícia, tal qual se difundiu no Brasil, não podemos deixar de transmitir, digo, transcrever a carta do Padre Calleri ao Presidente da FUNAI, que o GLOBO divulgou no dia 23, para de não era "um aventureiro da extirpe de Fawcett:

"Dactilografada em papel branco, com destaque das palavras consideradas fundamentais para a exata expressão do seu pensamento, o Padre Calleri escreveu:

"Ilmo. Dr. Queirós Campos: Recebemos seu telegrama a respeito da trabalho em ALALAU com os Waimiris. Agradecemos / vivamente esta oportunidade de colaborar com V.S. numa nobre iniciativa em prol dos nossos irmãos da selva. Sem dúvida V. S. está par da situação nessa região de índios. Não se contam as imprudências e mortandades que aí houve nestes últimos 150 anos. Infelizmente todo desastre, bem examinado, nessa história, evidencia a culpa inicial do branco. Também os homens do ex-SPI tiveram más experiências. Situação atual: os silvícolas estão muito revoltados contra os brancos. Claro. Por consequência lógica, nós achamos que qualquer trabalho nessa região - estamos certos de que V.S. queira permitir-nos uma sugestão - deveria convenientemente ter as seguintes características:

1. ser preparado sobre base PSICOLÓGICA. É preciso "mesurar" aos índios que nós, que vamos agora, agora, não somos os mesmos de antes;

2. ser iniciado FORA DO AMBIENTE-ÍNDIO. O silvícola deve "finalmente" constatar que este branco não vai atrás deles;

3. Ser executado com a MAXIMA DESENVOLVURA juntamente / com o MAXIMO DE AMOR".

"Em conformidade com estes itens o nosso plano de ação seria o seguinte: Compor a expedição de homens disciplinados e à completa dependência de uma UNICA DIREÇÃO (1); todos os componentes com uma divisa particular (1); ajuntar uns elementos femininos, para tirar do índio o temor principal de que nós andamos a procura de mulheres(2); fazer a viagem por água, meio natural para o índio(3) - achamos imprudente a tentativa feita de avião; é um espanto demais grande para o silvícola; não entrar na floresta, propriedade deles, mas atrair, estando no rio, zona neutra: com oportunos artificios é preciso fazer com que o índio vá à procura do branco (era hora.) não vice-versa(2); com os / primeiros corajosos que se aproximam, tratar bem, mas só o justo, para que não haja motivo de eles pensarem que nós queremos comprar amizade: não precisamos, eles devem comprar(3); com os mesmos, sempre por água, subir até e onde se achar conveniente, fazer "centro de chamada" dos vários grupos, de forma que estejam completamente fora do raio de ação do total movimento da estrada, hoje e AMANHÃ; aí, sempre perto do rio e perto de ninguém deles, criar a nossa propriedade, onde eles, VENDO muita coisa, vão PEDIR nossa amizade e nossa proteção(3)".

"Os números entre parêntesis - comenta o GLOBO - indicam os itens da sugestão feita no parágrafo anterior. O Sr. Queirós Campos explicou que algumas expressões da carta parecem inadequadas ou contraditórias no contexto, porque o Pe. Calleri era estrangeiro".

E prossegue a reportagem, na transcrição do importante / documento, sem o qual ninguém poderia compreender aquela missão:

"Essas" - continua a carta - "são as linhas gerais dum / projeto de trabalho: há muita coisa, porém, ainda para pensar e fazer, numa ação como esta. Claro que não se pode enfrentar um / problema assim com espírito de aventura ou ... com ânsia de glória: Em Manaus (queira desculpar nossa sinceridade, mas sua carta, que tenho na mesa, pede que nós sejamos assim para poder colaborar) encontramos, sem poder fazer nada, porque com nenhuma autoridade, mentalidade e sistemas de ação muito deferentes dos V.S. e nós desejaríamos. Por conseguinte, se nós devêssemos, e com muita honra, entrar nesse campo de trabalho, acharíamos abso

lutamente conveniente que V.S. nos desse exclusividade / de operação em ORGANIZAÇÃO E EXECUÇÃO e MEIOS, seja humanos quer materiais (DNER); deixando à FNE de Manaus toda a SUPERINTENDÊNCIA, como bem merece de direito. Dr. Queirós, permita-nos de pedir-lhe para que queira com a máxima brevidade possível - devemos atender a outros pedidos do Exército - dirigir à sua Inspetoria em Manaus, ao DNER e a nós um esclarecimento a respeito deste trabalho. Conte com a nossa MELHOR boa-vontade e entusiasmo. Com as mais cordiais saudações e obséquios (a) Padre João Calleri".

A carta está datada de 29 de julho, justamente o dia em que o Ministro do Interior deu posse ao Conselho Diretor da FUNAI e ao seu Presidente. A resposta da FUNAI está contida na Autorização n.2, que implica na aprovação desse plano, que seria / executado ao norte do território indígena, no rio Alalaú, onde / os Atróaris tinham tido menos contato com o branco, estando, assim, mais próximos daquele estágio natural, em que se mostram / mais confiantes.

Naquele mesmo dia 29 de novembro, em editorial de primeira página, em que criticava a posição de alguns bispos progressistas, o grande matutino carioca dizia, referindo-se àquela carta:

"Hoje O GLOBO publica a carta do Padre João Calleri, que se encontra morto ou perdido na selva amazônica, em que ele escreve: "os silvícolas estão muito revoltados contra os brancos". O trabalho a realizar junto às tribos deve "ser executado com a máxima desenvoltura juntamente com o máximo amor". É esse HUMILDE padre - não apenas por sua palavra, mas sobretudo pelo seu gesto de renúncia e amor ao próximo - que diz a verdade sobre o tema / "Igreja e desenvolvimento", e não certos bispos que, numa campanha de rara infelicidade, envergonham-se de um passado do qual / todos os brasileiros se orgulham".

Enquanto isso, prosseguiam os trabalhos de busca. O noticiário da imprensa continuava a perder-se nas "suites" de imaginosos comunicados. Voltou-se a falar em fotografias fantasmais. Ainda no dia 23 de novembro, o vespertino carioca "A NOTICIA" divulgava:

"Manaus (A NOTICIA) - Fontes do PARA-SAR, ouvidas pela / reportagem, informaram que as autoridades acreditam que a expedição chefiada pelo Padre Calleri, que tinha a missão de apaziguar os ferozes índios Atróaris e Waimiris, foi realmente massacrada. A ampliação de uma aerofotografia, no laboratório de Manaus, de uma das tres malocas sobrevoadas, mostra o corpo de um homem inteiramente despido, amarrado a um pau e de uma mulher caída ao lado".

Houve a fotografia: mas era de dois troncos no meio da clareira, conforme se verificou depois, com a descida dos homens do PARA-SAR...

No dia 24, os jornais, tanto do Rio como de São Paulo, na da esclareciam. O sertanista Peret viajara no dia anterior, chegando a Manaus às 16 horas.

No dia 25, O GLOBO divulgava: "Notícias procedentes de Manaus informam que um rapaz de nome Álvaro, que participava da expedição do Padre Calleri, chegou ontem àquela capital, todo / esfarrapado e quase morto de fome e sede, sendo socorrido no hospital do pronto-socorro da cidade. Depois de medicado, ouvido pelas autoridades locais, Álvaro teria declarado que se havia afastado da expedição, dizendo que pretendia voltar, pois temia pela sua vida. Voltando ao acampamento, depois de refletir, achou que devia continuar na expedição. Quando chegou à maloca dos Atroári onde já se encontravam outros membros da expedição, viu o Padre Calleri, que se encaminhava para uma tenda, em companhia de alguns índios. Disse Álvaro que pensou que o padre conseguira apagar os silvícolas, mas que, quando ia dirigir-se a ele, avistou um corpo no centro da maloca e tratou de cuidar da sua vida. Sobre como Álvaro conseguiu atingir Manaus, ninguém soube informar. Consta que o rapaz está traumatizado e que as autoridades / sua melhora para novo interrogatório. Por outro lado, as autoridades divulgaram ontem parte do texto da última mensagem enviada pela Padre Calleri depois do contato com os indígenas. Pensa-se que há sobreviventes".

O restante da notícia fala numa mensagem do chefe da expedição, que teria sido radiofonizada para Manaus, de uma das malocas. Não há nenhum documento da sua existência e teria sido concebida nos seguintes termos: "Os presentes estão acabando. Os expedicionários já começam a dar os seus objetos de uso pessoal / aos índios. No entanto há um clima de insegurança. Em retribuição recebemos, até agora, somente sete arcos e sete flechas. Os índios já começam a se comportar de modo estranho. Não temos mais presentes e eles se mostram insatisfeitos, com a nossa presença. Nosso grupo, tendo em vista esse fato, se dividiu em dois, estando um deles se encaminhando para outra maloca. Um dos integrantes (possivelmente Alvaro, o rapaz que regressou a Manaus) desertou, deixando o acampamento esta madrugada e tomando rumo ignorado. / Levou todos os seu objetos de uso pessoal e de mato".

Nesta parte, há uma composição (fora do estilo do Padre Calleri) entre as suas sete mensagens e trechos do depoimento de

Álvaro. O resto, fica à imaginação do repórter...

De qualquer forma, surgira uma peça importante do quebra-cabeças: o mateiro Álvaro.

A PRESENÇA DO HOMEM BRANCO

Naquela terça-feira houve reunião do Conselho Diretor da FUNAI. Seu presidente viajar, numa excursão pelo território indígena de Goiás, Mato Grosso e Amazonia, em demanda ~~XXXXXXXX~~ a Manaus, onde pretendia ouvir o mateiro sobrevivente e os dirigentes do DERAM e DNLR, os homens do PARA-SAR e o Inspetor da IR/1, a quem daria posse como Delegado em Manaus. A reunião foi agitada. Criticava-se o Presidente, por não ter dado conhecimento ao Conselho daquela expedição, cujos entendimentos haviam sido concluídos no dia 29, praticamente, com a sua aceitação, revelada em carta, pelo Padre Calleri. A missão fora planejada pelo Delegado Ministerial da FUNAIA antes que se constituísse o Conselho e largamente divulgada na imprensa. Alguns lamentavam, acerbamente, a presença de um Padre na expedição, chegando um deles a sustentar que isso feria a liberdade de cultos, assegurada na Constituição...

Posteriormente, em outra reunião, tudo se explicaria. Mas enquanto o homem branco "receitava defunto" no asfalto da Guanabara, o mateiro sofria sua "via-crucis" em Manaus, o PARA-SAR se esforçava nas buscas, Peret e Gilberto tentavam, inutilmente ajudá-los, o Governo amazonense deitava protestos contra a interdição da área, o povo queria uma expedição punitiva.

Sucediam-se as entrevistas de antropólogos, indigenistas e sertanistas: cada qual tinha uma receita para "pacificar" índios, dos vãos razantes ao uso do gás de "efeito moral"; do prévio estudo de um dialeto desconhecido à distribuição maciça de presentes; ou até uma carga de hipnóticos formidável, depois amarrá-los e mandá-los para o Parque Indígena do Xingu...

O caboclo Álvaro Paulo da Silva, o homem que conversara mais de uma vez com o cacique dos Atroáris, experto mineiro, que chegara a ser prefeito de uma cidade do interior do Amazonas, homem atraído tanto pela aventura como pela necessidade de manter os filhos, habilíssimo em vários misteres manuais, psicólogo nato dos sertões, com uma dose de desconfiança que Deus disseminou com especial perdulariedade nas Alterosas, continuava a viver os piores momentos de sua vida. A imprensa não lhe perdoava ter sobrevivido.

No dia 26 de novembro, um matutino carioca divulgava o seguinte telegrama:

"MANAUS (O DIA) - Informa-se que índios Atroáris estão / sendo chefiados por um homem branco. A informação foi prestada / por um caçador que perambula pela região do Alalau e agora confir / mada pelo mateiro Pauli, que diz existir naquela maloca um homem de pele diferente dos demais índios. Quando da chegada da expedi / ção do Padre Calleri, este homem mantinha-se afastado, olhando \$ de longe. A FAB e a PARASAR voltarão à maloca dos Atroáris e in / vestigarão minuciosamente os arredores e deixarão muitos presen / tes para mostrar que não querem vingança, mas apenas fazer amiza / de".

"HISTORIA CONFUSA"

"O mateiro Álvaro Paulo da Silva, que desertou da expedi / ção Padre Calleri e chegou a Manaus narrando uma história contra / ditória, fez com que a equipe do PARASAR, da FAB, descesse atra / ~~vés~~ vés de helicópteros junto à maloca onde se indicava a exis / tência de corpos brancos. No entanto, nem mesmo índios foram en / contrados. Por outro lado, as autoridades da FAB já admitem, ago / ra, a possibilidade de que alguns expedicionários estejam vivos, principalmente porque a última mensagem do Padre Calleri, no dia 31 de outubro último, não se referiu à existência de mortos es / tendidos junto à maloca, fato importantíssimo de que ele não se esqueceria".

" O RELATO"

"O mateiro relatou todas as fases da expedição integrada por ele, Padre Calleri, Manoel Manuel Mariano Ferreira, João Ca / rra de Onça, Manoel Nascimento, Benigno Ribeiro Mendes. Eduardo / Francosco de Oliveira, Aragão Rodrigues de Oliveira e as duas / mulheres, Marina Pinto da Silva e Maria Mercedes Sales. Informou o mateiro que a expedição levava quatro revólveres, cinco espin / gardas e uma "bereta", sendo que no dia 25 dividiu-se em dois g / grupos. Um dos grupos - continuou- manteve contato com os índios no dia 25 e, dois dias após, sete índios tentaram esconder o ca / minho de outras malocas, fazendo com que o padre ficasse descon / fiado. Em face dessa circunstancia, frisou, procurou evadir-se. No dia 30 de outubro - continuou - dormiu fora do acampamento e, regressando ao amanhecer, viu um corpo mutilado estendido no e / chão junto à maloca. Adiante encontrou outro corpo, que parecia ser de mulher. Só lhe restava fugir pela mata, acentuou, o que / fez ao descer pelo rio Santo Antônio, utilizando para isso uma / jangada e que virou no dia 8 de novembro, salvando-se a nado até a praia, onde, dormindo, foi encontrado por caçadores.

Dali foi levado até Itacoatiara, onde mais tarde foi /
confuzido para Manaus pela GAB".

"AS CONTRADIÇÕES"

"A história do mateiro Alvaro Paulo da Silva apresenta /
uma série de contradições, sendo a principal delas a que faz
referência aos dois corpos estendidos junto à maloca, um deles /
sem camisa. Com as sindicâncias realizadas pela equipe do PARA-
SAR ficou constatado que nem vestígios de índios estavam no lo-
cal. Em suas declarações, afirmou o mateiro que voltava ao lo- /
cal para buscar conservas e suprimentos. Para as autoridades, u
ma pessoa que conhece bem a mata, após um crime cometido por /
índios, nunca volta ao local. Por outro lado, o mateiro revelou
que o padre, os expedicionários e os índios não estavam na malo /
ça no momento em que ele viu os corpos. No entanto o padre dei /
xara todos os suprimentos na maloca do acampamento, dos quais o
mateiro apanhara alguns. Mas tarde, a equipe do PARA-SAR nada /
encontrou no local. Presume-se que o desaparecimento dos índios
das malocas prende-se ao pavor constante, levados até eles pe- /
los vãos rasantes dos aviões da FAB. As buscas continuam, o mis /
tério passa a envolver a Expedição do Padre Calleri, mas as au-
toridades admitem a possibilidade de alguns sobreviventes".

Ainda no dia 26 de novembro, a FOLHA DE SAO PAULO noti-
ciava: "Ontem um helicóptero da FAB desceu junto à maloca "Espe /
rança" e a equipe do PARA-SAR vasculhou as cercanias: encontrou
um porta-seios, um pedaço de cobertor, uma bainha de faca e uma
capa de revólver. Há esperanças de sobreviventes: tres deles, /
por ordem do Padre Calleri, tinham seguido rio acima, para al- /
cançar um ponto além da Aldeia Xamaroaga".

Era, porém, do JORNAL DO BRASIL, a mais longa descrição
do depoimento de Álvaro. Os corpos que vira se transformavam em
peça acusatória contra o homem, porque os PARA-SAR não os vira /
mais. Ninguém cuidava da hipótese de, aos primeiros sobrevãos, /
terem sido arrastados pelos índios para as margens do igarapé,
onde os animais e os peixes os reduziriam a ossos limpos!

Eis a reportagem assinada por Álvaro Caldas, enviado es /
pecial daquele matutino carioca:

"Manaus - "Quando bati o olho e vi o corpo mutilado, sem
camisa, estendido no chão, só lembrei de correr. De lá para cá
não conto a história de mais nada, mas sim da minha emergência,
que só Deus sabe como foi. Eu existia sozinho naquela selva, e o
medo tomou conta de mim. Olhei para os lados, para ver se encon

trava algum índio e corri para o mato, onde esperei anoi tecer". Ao chegar a esse ponto, o mais dramático do depoimento/ que prestou ao comando-geral das operações de busca e salvamento da expedição do Padre Calleri, o primeiro sobrevivente da missão o mateiro Álvaro Paulo da Silva, conhecido também como Mineiro, alto, magro, barbado, fez uma pausa para respirar e acrescentou: "Ainda não posso compreender como consegui sair vivo desta aven tura".

Depois de deixar a expedição e passar sete dias na selva sozinho, deslocando-se ora em uma pequena balsa que construiu, / ora por terra, levando apenas algumas latas de salsichas, uma feijoada e farinha, além de uma espingarda e um cachorro, o mateiro foi encontrado por dois caçadores que em seguida o entregaram a dois geólogos do Ministério das Minas e Energia, os qual o levaram até Itacoatiara, a cerca de 340 quilômetros de Manaus onde ele foi localizado pela FAB".

"OS EXPEDICIONARIOS"

"Segundo o relato feito pelo mateiro Álvaro Paulo da / Silva, que já está sendo utilizado pelo comando da operação de buscas em novas missões de reconhecimento da região onde se ins talou a expedição chefiada pelo Padre Calleri, devem existir ou tros sobreviventes no local, uma vez que a expedição se dividiu."

Depois de nomear os expedicionarios, diz o repórter, as sinalando que eram "todos funcionários do DNAR e conhecedores / da região", assinala:

"Levaram, além dos mantimentos e dos presentes para se- rem trocados com os atroáris, quatro revólveres - três de cali- bre 38 e um de calibre 32 - uma pistola Beretta do Padre Calle- ri e cinco espingardas".

INICIO DA MISSAO

Em seu depoimento, o mateiro Álvaro Pinto da Silva con- tou que a expedição deixou Manaus no dia 14, via aérea, indo a- té São Gabriel. De lá, de helicóptero, alcançou o acampamento / do Departamento Estadual de Estradas de Rodagem do Amazonas (DE- RAM), que fica às margens do igarapé Santo Antonio, cerca de / 230 quilômetros de Manaus. No acampamento a expedição ficou al- guns dias parada, porque o Padre Calleri teve que retornar a Ma naus, via São Gabriel, para completar alguns entendimentos e a- panhar parte do material que tinha ficado por excesso de peso. O padre voltou no dia 22 de outubro, quando a expedição começou a se deslocar efetivamente, através do igarapé Santo Antonio, no sentido leste-oeste, utilizando uma barca com motor de popa, e- quipada com um aparelho de rádio, transmissor e receptor.

No primeiro dia, a expedição percorreu 30 quilômetros, e o mesmo no dia seguinte, quando alcançaram a primeira maloca dos índios Atroáris, desabitada e onde foram encontrados vestígios / da presença da Fundação Nacional do Índio. O local do acampamento foi denominado "Maloca Queimada". Neste local, como o padre Calleri pressentisse a dificuldade de navegação através do igarapé Santo Antônio, que estava se estreitando bastante, resolveu-se dividir a expedição em dois grupos, deixando no acampamento três homens e uma mulher: o cozinheiro, o Benigno, vulgo Hauí, e o Eduardo, além de Maria Mercedes Sales. O grupo de seis pessoas dirigido pelo padre seguiu ainda na direção oeste, à / procura de outras malocas. Entre os dias 24 e 26 o grupo se deslocou com dificuldade até alcançar uma região pantanosa, denominada Chavascal, onde pernitoiu. No dia seguinte foram percorridos mais alguns quilômetros, até que alcançaram uma nova aldeia com duas malocas, uma delas em construção, pernitoando um pouco afastados para não chamar a atenção. Às quatro horas da madrugada foram acordados com o canto dos galos. Era o primeiro sinal da presença de índios nas proximidades. O padre pediu então ao mateiro Álvaro que desse três tiros para cima, para atrair os silvícolas, enquanto os demais membros da expedição já trabalhavam para construir o acampamento e montar o aparelho de rádio".

"CONTATO AMIGAVEL"

"Os primeiros grupos de índios, acompanhados de índias / e algumas crianças, vieram amistosamente - conta Álvaro - "trazendo flechas, bananas e outros produtos para nos oferecer, convidando-nos, inclusive, para visitar as suas malocas".

"-Aos poucos eles foram se juntando, até que chegou o / cacique, o chefe deles, que abraçou o Padre Calleri e lhe ofereceu uma espécie de vitamina de banana, que é a banana amassada numa cuia. Em sinal de amizade, ele enfiou o dedo na boca e o passou, ainda molhado de saliva, nos lábios do padre - disse o mateiro em seu depoimento".

"Somente à noite o missionário retribuiu os presentes, segundo o método de não agir de maneira paternal, mas somente / dar alguma coisa em troca de outra ou então de algum trabalho / feito. Foi até a maloca onde estava o cacique e lhe entregou tesouras, fósforos, anzóis e facões. Até este momento as relações com os índios estavam muito boas, tendo eles ajudado inclusive na construção do acampamento da expedição. Este clima permaneceu durante dois dias, até o dia 27, domingo, quando o mateiro e o padre, que estavam com os Atroáris em suas malocas, tiveram que

voltar para o acampamento, tendo os índios como guias. No meio do percurso, os índios, que conheciam a estrada, começaram a esconder o caminho, entrando pelo mato e fingindo não conhecer a picada aberta. Os Atroáris então começaram a dar outras demonstrações de agressividade, batendo nas nádegas com força e estalando o queixo. Depois de duas horas chegaram ao acampamento, onde o padre lhes ofereceu comida e eles recusaram. Ficaram muito tempo parados por ali, desconfiados, com medo do cachorro".

"HISTÓRIA TRISTE"

"No dia seguinte, 28, segunda-feira, conta o mateiro que amanheceu com um pressentimento ruim, acrescentando que "a barra estava ficando muito pesada". Procurou o padre e lhe disse: "-Padre, não quero mais ficar. Estou achando o senhor um pouco rígido no tratamento com os índios. Vou arrumar um jeito e vou embora logo".

"O missionário concordou, e o mateiro ainda lhe contou os massacres anteriores praticados pelos Atroáris, ao que ele / concluiu:

"-É, a história do rio Alalaú é uma história triste".

"Em seguida, o padre lhe disse que estava achando o ambiente um pouco desfavorável, e que retornaria logo com a expedição, daí a nove dias, não indo mais, dali, a nenhum outro acampamento. O mateiro acabou concordando em permanecer mais estes nove dias. A expedição foi então novamente dividida, ficando quatro no acampamento e indo os outros dois, na canoa, ao encontro do primeiro grupo que tinha ficado na "Maloca Queimada". Na manhã desta segunda-feira, antes da partida do grupo, os índios vieram até o acampamento ainda mais agressivos, cuspiendo no rosto dos / expedicionários e recusando os presentes. Neste dia aconteceu / também um pequeno incidente que o mateiro julga que contribuiu para agravar ainda mais as relações entre os membros da expedição e os Atroáris. O Padre Calleri, encontrando um índio mexendo nos pratos do acampamento, fez-lhe uma rude advertência, empregando uma palavra, maripanã, que quer dizer arma de fogo entre eles. O fato logo chegou ao conhecimento dos demais, deixando / todos ainda mais desconfiados. Na noite do dia 31, ainda com o clima de insegurança predominando, o mateiro dormiu fora do acampamento, contando que estava com muito medo, passando a noite rezando, nervoso. De manhã ele acordou assustado, e resolveu ir até a maloca, onde estava o padre e mais dois membros da expedição".

"MARTE E FUGA"

"Conta o mateiro que foi caminhando pelo roçado, cercado de um silêncio absoluto. Quando se aproximou da maloca, viu um corpo mutilado, estendido no chão, sem camisa. Reinquerido, ele confirmou: -tenho certeza. Era um corpo. Eu vi quando bati o olho. E perto dele, caído meio de banda junto a um tronco, um outro corpo, parecendo de mulher, estirado".

"Segundo o depoimento do mateiro, o segundo corpo deve ser o de Maria Mercedes, porque a descrição da roupa coincide / com a da mulher: caisa de meia branca e calça rancheira. No ma- to, assustado, o mateiro esperou anoitecer. De noite, com chuva os índios não aparecem disse. De manhã foi até o acampamento, / pegou o cachorro, algumas latas de salsicha, uma de feijoada, / farinha, a espingarda, foi até a praia, construiu rapidamente uma jangada, e desceu o rio. No quinto dia, dia 8 de novembro, a barca virou e ele perdeu a farinha, o que restava da conserva e a espingarda ficou estragada, com a água que entrou pelo cano. Conseguiu chegar até a praia, e quando foi atirar num mutum, o cano partiu. Estava desarmado. Dormiu lá. Pela manhã, escutou alguém remedar onça, uma duas, três vezes. Depois viu: eram dois caçadores, que ouviram a sua história, o alimentaram com peixe e lhe deram café. Depois chegou uma canoa, com os geólogos Oto e Gilberto, do Ministério das Minas e Energias. Não havia con- / dições de deixar o local, devido ao trabalho que estavam fazen- do. Somente no dia 23 o mateiro foi levado até Itacoatiara, de lá trazido para Manaus".

Ainda depois da publicação parcial do depoimento da Ál- varo, os jornais, em Manaus, exploravam a presença de brancos / nas tribos Atroaris.

No dia 26 O JORNAL da capital amazonense divulgava, em sua página 8, um depoimento de Eduardo Celestino Santana, do DE- RAM, dizendo:

- "Realmente existe um elemento branco no meio dos índios orientando-os e chefiando-os. Tenho indícios dos mais positivos capazes de calçar essa afirmação. E devo dizer que essa influência ou chefia não é nova: data de muitos anos. Os próprios índios / se referem muito a um certo "Capitão Maroaga" e dizem, em mimi- ca, ser alguém muito mau".

Continuava O JORNAL:

"Pelas palavras de Santana, refletindo informes colhidos entre índios e moradores da selvática região do Rio Negro, o renegado branco comanda os índios e o faz impiedosamente, com mão de fer- ro, estabelecendo uma verdadeira ditadura nas selvas, na qual a

a sua palavra seria lei indiscutível".

"-Existe, operando numa região muito distante da focalizada nos presentes acontecimentos, um grupamento de cerca de 40 índios Atroáris e Waimiris, que tendo sido expulsos de suas tribos pela má conduta que levavam, se juntaram em comunidade. Conta-me que esses índios são comandados por um criminoso branco, que tendo se evadido da justiça civilizada, embrenhou-se nas matas e juntou-se aos selvagens".

Era o reino da fantasia. Evidentemente, desde os quilômetros, negros sudaneses que fugiram à escravidão, para internar-se nas florestas, alguns atingindo até a região do Xingu, muitas histórias semelhantes se contaram, também de brancos. O mais certo é que a mestiçagem, francamente notável em algumas tribos arredias, se deva à passagem, por elas, de elementos brancos a que índias se afeiçoaram, ou de meninas brancas preadas pelos silvícolas, em incursões de vindita.

O certo é que aquelas versões de o JORNAL de Manaus se repetiam, no dia 27 de novembro, em O DIA da Guanabara, com o título "Capitão comanda grupo de 40 índios renegados". Davam-lhe até o nome: "Maroaguá", bem semelhante ao do cacique que conversou, empregando algumas palavras de português, com o mateiro Álvaro...

Enquanto isso, na Guanabara, as versões do depoimento do mateiro eram incompletas, apesar disso os repórteres insistiam junto ao Presidente da Fundação em ouvir a sua impressão.

Em primeiro lugar, não li a íntegra, nem pude ainda ouvir o sobrevivente. Em segundo lugar, tudo quanto diz, a respeito. Não conheço o mateiro e, com tão poucas provas, não posso julgá-lo. Só depois de conhecê-lo e ouvi-lo. Há trechos, no que se publicou das suas declarações, que descrevem não um índio mas um mameluco, relativamente aculturado. A publicação mais parecida com a declaração feita foi a do JORNAL DO BRASIL, no dia 27, em seu segundo clichê.

"Para o presidente da FUNAI, Sr. José de Queirós Campos o depoimento do caboclo, ontem divulgado em minúcias, apresenta inúmeras incoerências, que poderia ser resultado da sua emoção ou então uma história forjada. Acha estranho, entre outras coisas, que o mateiro tenha aparecido com a pistola Beretta do Padre Calleri, da qual ele nunca se separava quando estava em missão entre índios não civilizados"(sic).

E mais adiante, depois de citar esta última afirmativa, jamais feita pelo entrevistado:

"-De qualquer forma - acrescentou- acho certos trechos

de seu depoimento contrários ao comportamento dos índios e ao de qualquer expedição pacificadora, como era a do Padre Calleri, um antropólogo e profundo conhecedor dos índios da região. Estranha bastante também que o caboclo possa ter chegado até / perto da maloca dos Atroáris, o suficiente para ver os corpos, e não ter, ainda assim, sido pressentido pelos índios, acostumados a perceber qualquer estranho na floresta a uma grande distância.

Ainda depois à maloca e apanhado mantimento e armas e que tenha tido tempo de fazer uma jangada para escapar do lugar. Todos / esses pontos apresentam fatos incompreensíveis para o Sr. José / de queiros Campos, que, no entanto, admite a possibilidade do caboclo estar atordoado com os acontecimentos".

"-Mas na verdade - frisou - tudo parece invenção".

Esta frase estava fiel: apenas não se esclareceu se seria invenção do matiro ou dos que redigiram a versão dos fatos, enviada ao Rio de Janeiro. Por isso mesmo o Presidente da FUNAI ordenara ao sertanista Peret que gravasse o depoimento de Álvaro para poder examiná-lo em confronto com outros depoimentos e provas circunstanciais.

Confrontavam-se a última mensagem do Padre Calleri e o depoimento do mateiro, com distintas interpretações, para uns, Álvaro traira e desertar; para outros, apenas fugira à morte / certa. Ninguém, porém, se lembrava de indagar a respeito da duplicidade de comando da expedição, o mateiro pretendendo substituir, pelos seus métodos rotineiros os processos científicos do Padre. No dia 27 o jornal ULTIMA HORA da Guanabara publicava uma entrevista de Orlando Vilas Boas que, nas entrelinhas, explicava muito mais do que todas as hipóteses aventadas. Eis um trecho:

"Após frisar a importância da organização em expedições deste tipo, Orlando diz preferir trabalhar com índios do que com brancos: -Isso simplesmente porque os índios são mais disciplinados, acatam sem discutir as ordens e orientação do chefe e são eficientes no trabalho de mata. Ao contrário, o civilizado é muito rebelde, cria uma série de problemas, muitas vezes atrapalha o ritmo normal da expedição. A conquista do índio é, efetivamente -depois de vários dias de cainhada- a parte mais difícil e delicada de uma expedição. Isso é feito com presentes e outras gentilezas. Ao nos retirarmos - explica Orlando- deixamos montado um posto de assistência com rádio, medicamentos, tudo, enfim, / que possa garantir uma perfeita integração do índio".

Não era outro o objetivo da FUNAI, que comandava tanto Orlando como o Padre Calleri, entregando, porém, a cada um, a escolha dos seus auxiliares.

Ma, na expedição tragicamente desaparecida, dos dez componetes, Álvaro escolhera (ou alguém por êle) seis e o Padre / Calleri apenas dois...

A Essa altura, a preocupação maior estava na localização dos corpos, sobretudo para que se evitasse qualquer ofensa a incolumidade física dos índios.

O pessoal da FUNAI ficou preocupado com a seguinte notícia, divulgada na ULTIMA HORA da guanabara, no dia 28:

"A FAB, se for preciso, empregará bombas de gás lacrimogênio contra os índios, informou o Tenente Everaldo Ribas, do PARA-SAR, coordenador das buscas da expedição que se embrenhou / pelo Roraima, chefiada pelo Padre Calleri. Continua preso e sob suspeita o mateiro Álvaro".

Naquele numero havia, porém, ao pé do noticiario sobre a expedição, uma nota suficientemente esclarecedora, para quem sabe ler nas entrelinhas ou conhece como os interesses econômicos e políticos dos brancos são importantes para a sobrevivência dos índios:

"PROTESTO"

"O Governador Danilo Areosa, do Amazonas, enviou mensagem ao ministro Albuquerque Lima, do Interior, protestando contra o pedido da FUNAI, para que seja interditada a região do Rio Alalau. Segundo o Governador a medida é absurda e prejudicial / aos interesses da Amazonia Ocidental e à segurança nacional. Lamenta os massacres dos índios mas entende que estes ocupam áreas das mais ricas, impedindo sua exploração, com prejuizos para a receita nacional".

"Mirabile dictu" - seria o comentário do Padre Calleri, / se vivo fosse para entender, finalmente, o Governador que tanto lhe pedira para realizar a missão pelo igaraé Santo Antonio, no eixo da estrada e não como queria a FUNAI, pelo Alalau...

"UMA SERIE DE "POR QUES"

Respondeu-me, certa feita, uma estudante de Psicologia Educacional: - O "homo faber" começa a transformar-se em "homo sapíens" no momento em que, em lugar de agir em função do "se", começa a indagar o "por que?"

Continuou raciocinando resolutamente:

- Até um rato amestrado age em função do "se", pelos seus reflexos condicionados: se eu aproximar-me daquele ponto, levo um choque. Pelo "se", dizem que "macaco velho não mete mão em combuca" O único animal da criação que indaga por que sucedeu determinada coisa é o "homo sapiens". O índio, por exemplo, indaga isso. Por tanto é "homo sapiens", tanto quanto o astronauta que vai à Lua.

Donde se conclui que por muitos caminhos é possível che-

gar à moderna antropologia de Levy-Strauss...

Ora, nessa tragédia em que resultou a expedição do Padre Calleri há muitas indagações a fazer. Mas os jornalistas nem sempre se apressam a um "por que?" em suas entrevistas. Ou os formulam inoportunamente, sem escolher a pessoa indicada.

Ninguém indagou:

- Por que se invadiu o território dos Waiçirís e Atroaris sem antes solicitar a presença de uma missão de aproximação, com posta de indigenistas e sertanistas?

- Por que tanto o DNER como o DERAM só se movimentaram depois de conhecida a presença e a hostilidade dos índios?

- Por que nunca se entenderam o DNER e o DERAM em torno desse / problema, de crucial importância no cometimento pioneiro da ligação Manaus-Caracarái?

- Por que, após a morte do Padre Calleri, o Coronel Carijó foi afastado ou se afastou voluntariamente do DERAM?

- Por que, o Padre Calleri deixou de realizar a missão pelo Alalaú, nos termos da carta de que resultou a Autorização n.2, para reiterar a penetração pelo igarapé Santo Antonio, onde se processara um contato aleivoso entre índios e trabalhadores, em desaconselhável promiscuidade?

- Por que, finalmente, o Padre Calleri aceitara comandar uma expedição improvisada, em que sete pessoas não foram de sua escolha e não havia um índio sequer, êle, que semelhantemente a Álvaro Vilas Boas, só trabalhava com índios?

Há uma só resposta a todas essas perguntas: interesses e condômicos e políticos.

A estrada era um sonho sesquicentenário de Manaus. O amazonense via naquele caminho para Caradas, pretendido muito antes que se sonhasse com a Belém-Brasília, uma espécie de "abrete sésamo" para o Caribe, para a ligação marítima com Miami, cortando o Território de Roraima, onde há menos de 40 mil habitantes e mais de 250 mil rezes, quase todas originárias da velha fazenda indígena de São Marcos, que as últimas administrações do SPI abandonara à própria sorte e à sanha do abigeato.

O Governador Areosa, homem de empresa, no sangue a vocação lusitana para o comércio, gostaria de ver, antes de concluído o seu quadriênio, o asfalto chegando à fronteira do seu Estado, enquanto partiriam as picadas de Caracarái ao seu encontro, para dizer:

- Minha missão, já cumpri, na realização desse sonho de cento e cinquenta anos.

Talvez o Coronel Carijó, o jovem e impetuoso dirigente do DERAM, não tivesse pretensões a candidato, como dizia a gente do DNER; mas gostaria de entrar na história como o homem do sul

que veio a Manaus realizar a maior aspiração do seu povo.

Havia, também, os deputados, estaduais e federais. Muitos dos seus ancestrais enriqueceram com as terras dos índios, por que eles não? Expulsas as tribos do eixo da estrada, bem que uma faixa de cinquenta quilômetros em cada margem poderia ser loteada para a exploração rural, "ocupação da Amazônia Ocidental", em termos econômicos, enriquecendo famílias ancestrais, com os créditos da SUDAM e um pequeno adjutório técnico (por grande participação nos lucros) dos paulistas.

Nunca a FUNAI, em nenhum momento, muito menos na Autorização n.2, falou em consentir a retirada dos índios do seu território, antes de demarcar. Porque se trata de bem dominial, segundo o art.4º combinado com o artigo 186 da Constituição. Se o índio retirar-se, depois dessa demarcação, restará o território como "bem dominial" e não como "terra devoluta"; propriedade da União e não do Estado membro. Sendo a FUNAI um órgão federal, / cumpre-lhe, por isso mesmo, defender, acima de tudo, os interesses dominiais, principalmente para evitar que se perpetue a política "estadual" que liquidou tantas tribos no Brasil: expulsão / ou extinção do silvícola (desde a Constituição de 1934) para a / possamento, pelo Estado, das terras federais...

Mas o Padre Calleri foi embrulhado, nessa história, pelos interesses (talvez louvabilíssimos, do ponto de vista do regionalismo) do Amazonas. Se, por um lado, o DERAM representava o próprio Governo estadual, defendendo a construção da estrada a qualquer custo, mesmo a vida dos índios (até que estes se mostraram eficientes na defesa dos seus domínios) o DNER também admitia o afastamento dos índios do eixo da estrada pela "pacificação" e posterior aldeamento. Como neste ponto estavam de acordo o DNER e o DERAM, o Pobre Padre também se convenceu de que a / sua missão era arredar o índio do caminho, salvando-lhe a pele / em outras terras menos cobiçadas.

Aliás assim pensa muita gente: parquear todos os índios, tirando as tribos da terra ancestral. O diabo é que nenhum índio em seu estado natural, pensa assim: quer a própria comunidade / tribal onde nasceu, a menos que escasseiem os meios naturais de sobrevivência. Quer, sobretudo, que a decisão seja "sponte sua" não ditada pelos maus vizinhos brancos.

Por isso mesmo, ciente dessas motivações, conhecendo a resposta daqueles "por ques", a primeira sugestão da FUNAI, para voltar à área, consistiu em pedir sua interdição. Mas nunca falou em "alterar o traçado da estrada", depois de feita a picada em mais de um terço, com um enorme dispêndio de dinheiro.

Acompanhemos os passos seguidos pela imprensa e tentemos

encontrar, no rastro do Minotauro econômico, o fio de Ariadne. Eis um longo despacho telegráfico publicado no dia 28 de novembro pelo JORNAL DO BRASIL:

- MANAUS - O chefe do 1º Distrito Rodoviário Federal do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, engenheiro Altamiro Veríssimo Silveira, condenou qualquer tentativa de mudar o curso da BR-174, que está sendo construída para ligar Manaus a Santa Helena. Afirmou que os atritos criados com a passagem da estrada no território dos Atroáris podem ser contornados de outra forma. A rodovia, segundo o engenheiro, é fundamental para o desenvolvimento da região, e a mudança de seu traçado trará prejuízos de grande monta, pois mais de NCR 2 milhões já foram investidos em suas obras.

"DIFICULDADES"

"Defende o engenheiro Altamiro Veríssimo Silveira a adição de uma solução global e definitiva para as situações de conflito criadas com os índios Atroáris e Waimiris, que habitam as bacias dos rios Alalau e Jauperi, "que só pode ser conseguida através de sua pacificação, E POSTERIOR RETIRADA PARA UM LOCAL DISTANTE DA ESTRADA". (O grifo é nosso).

"- Assim, tanto a estrada seria mantida em seu percurso original, não trazendo prejuízos para o Governo nem aumentando o seu traçado com os desvios que o DNBR seria obrigado a fazer, como também lucrariam os índios, que passariam a habitar outra região, tendo respeitadas as suas tradições, usos e costumes".

"Acredita o chefe do 1º Distrito Rodoviário Federal que a oportunidade agora é a melhor possível para que a pacificação dos Atroáris e Waimiris seja feita planejada e conscientemente, dando prosseguimento ao trabalho iniciado pelo Padre João Calleri, da Prelazia Consolata de Roraima".

Adiante, diz a matéria:

"Os trabalhos de desmatamento foram paralisados quando deixou Manaus a expedição, a pedido do Padre Calleri, que condicionou a sua ida à suspensão dos serviços. De acordo com o entendimento entre o DNBR e a FUNAI, as obras seriam reiniciadas tão logo a expedição retornasse. O objetivo do missionário consolata era o de adquirir a confiança dos Atroáris, integrando-os na expedição para depois então afastar-se alguns quilômetros da área da estrada, na expectativa de levar atrás de si os indígenas, que construiriam então, nesta outra área, suas malocas".

No momento em que o Padre Calleri aceitou essa solução, de entregar ao socogo do branco o território dos índios, traçou o seu próprio destino: era um visionário marchando para o sacrifício. No instante em que chamou os Atroáris para seguir na direção do Alalauá, lavrou a própria sentença de morte.

Eis, portanto, como os interesses econômicos de um Estado, fazendo tábula rasa da Constituição, que garante aos índios a vida no próprio território tribal, por eles ancestralmente escolhido, levaram um bom antropólogo, um valente sertanista, um apóstolo dos gentios a ser sacrificado pela justa revolta dos bravos Atroáris.

Todos os Diretores de Departamento da FUNAI conheciam este aspecto da questão. E o mais bem informado a respeito era exatamente José da Gama Malcher, Diretor do Departamento de Patrimônio, antigo servidor do SPI e membro do Conselho Nacional de Proteção ao índio, sertanejo e sertanista, matuto e mateiro, profundo conhecedor dos silvícolas, principalmente da Azazia, onde nasceu. Foi ele quem primeiro opôs reparos ao depoimento do mateiro, porque conhecia o primitivo plano do Padre Calleri para a pacificação pelo Alalauá, tanto quanto sabia dos interesses econômicos no prosseguimento da estrada "a qualquer custo".

No dia 28 o JORNAL DO BRASIL publicava uma entrevista sua sobre o assunto, nos seguintes termos:

"Para este especialista, o depoimento do mateiro Álvaro parece meio nebuloso e com muitas contradições para quem conhece os índios". Não entende o Sr. Gama Malcher como o mateiro tenha procurado fazer uma jangada para escapar aos índios, depois de ter visto vários corpos de integrantes da expedição em uma maloca". - "Ninguém faz isso, pois quem conhece a Amazônia sabe muito bem que bastaria o mateiro ter aproveitado o tronco de uma das palmeiras da região para descer o rio - explica".

"Além disso, não entende o Sr. Gama Malcher como o sobrevivente possa ter escapado pelo rio sem ter sido pressentido pelos índios. Estes o teriam visto - pois o mateiro disse que chegou bem perto da maloca - e o apanhariam em qualquer curva ou virada do rio com facilidade!"

"- Outra coisa, ele não explicou - disse o Diretor do Departamento de Patrimônio Indígena - como, por exemplo, o fato de ter aparecido com a pistola Bereta do Padre Calleri".

"Conhecendo bem os índios, o Sr. Gama Malcher tem uma explicação para o possível massacre da expedição do Padre Calleri. Para ele, algum integrante da missão - possivelmente o próprio Á

Álvaro teria feito anteriormente qualquer mal a um Atroá-ri. Como os índios jamais esquecem uma ofensa pessoal, eles teriam se revoltado ao identificar essa pessoa na expedição. Para o Sr. Gama Malcher, o que aconteceu pode ter sido o seguinte: os primeiros contatos com os Atroáris teriam sido feitos por uma vanguarda da expedição. Essa vanguarda teria sido muito bem recebida pelos índios, como o próprio Padre Calleri confirmou nas seis primeiras comunicações radiofônicas que fez à FUNAI. Até esse ponto, os índios estariam dando as boas-vindas à expedição, trocando presentes com seus membros. Entretanto, quando o restante da missão se juntou à vanguarda, um dos índios teria reconhecido o seu ofensor. Isso explicaria a irritação progressiva que foi tomando conta dos Atroáris, comunicada pelo Padre Calleri em seu último rádio. Nessa última comunicação, o Padre Calleri informou sobre a deserção de Álvaro, o que, para os especialistas da FUNAI poderia ser agora tomado como indício de sua culpa. Outro indício de culpa do mateiro, para a FUNAI, foi o fato de, em seu depoimento ele ter procurado culpar o Padre Calleri pela revolta dos índios, afirmando que o missionário havia tratado com rispidez alguns Atroáris. Essas declarações de Álvaro são encaradas com bastante estranheza na FUNAI, pois o Padre era um profundo conhecedor dos hábitos dos indígenas e não iria incorrer no erro primário de provocá-los, principalmente estando em desvantagem numérica. Afirmou ainda o Sr. Gama Malcher que no momento em que os índios tivessem identificado no meio da missão pacificadora do Padre Calleri um antigo ofensor, passariam, automaticamente, a considerar toda a expedição como inimiga, capaz de enganá-los ou de fazê-los mal novamente. E isto explicaria o massacre".

De qualquer modo, fora uma terrível razão. A situação em que seriam encontrados os ossos dos expedicionários, inteiramente limpos pelos peixes e outros animais, alguns fraturados, com buracos de flexas nas omoplátas, marcas de golpes contundentes no crânio do Padre Calleri, revelava um tremendo ódio, uma pavorosa vingança. Mais de vinte dias depois do massacre, quando eles se haviam retirado uns quinze quilômetros, no recesso da floresta, ainda revelavam sua terrível ira.

No dia 28 de novembro O ESTADO DE SÃO PAULO DIVULGAVA no ticário de Manaus, dizendo:

"Índios receberam a flechadas um avião "Catalina" da FAB, quando este sobrevoava um maloca à procura de homens brancos, dos quais não foi visto nenhum sinal. Este é um indício de que alguma coisa anormal se está passando com os indígenas, que até pouco tempo - antes do desaparecimento da expedição do Padre Calleri

- costumavam acenar amistosamente para os aviões".

No intertítulo dessa notícia, "Obras interrompidas", dava-se uma versão nova sobre a paralisação dos trabalhos da estrada:

"Os trabalhos de desmatamento para a abertura da rodovia que ligará Manaus a Boa Vista e prosseguirá até a Guiana Inglesa estão interrompidos desde quando os índios atacaram e cercaram os operários que nela trabalhavam, por pouco não consumando uma chacina. Muitos trabalhadores estão no acampamento do DER, mas se recusam a prosseguir com as obras. A própria Fundação Nacional do Índio está aconselhando a paralisação das obras, até que seja resolvido o problema da hostilidade dos silvícolas".

Naquela mesmo dia a FOLHA DE SAO PAULO divulgava o telegrama do Governador do Amazonas ao Ministro do Interior, nos seguintes termos:

"A imprensa divulga que o Presidente da Fundação Nacional do Índio pedirá a Vossa Excelência para interditar a região do Alalú, onde ocorreu, segundo consta, massacre da expedição pacífica do Padre Callori. A medida é absurda e altamente prejudicial aos interesses da Amazonia Ocidental e à segurança nacional. Do mesmo modo que lamentamos o massacre dos índios, não aceitamos, se confirmada a ocorrência, que episódios como este se repitam com perda de vidas de civilizados. Somos favoráveis a que se modifique a atual política de proteção ao índio, transformando-o em ser humano útil à Pátria, embora conservando-o em seu "habitat" como uma das medidas de ocupação da Amazonia. A Fundação Nacional do Índio acha-se instalada onde não existem silvícolas, afastada, portanto, da área de sua atuação, não lhe permitindo sentir os problemas regionais e medidas devem ser adotadas para equacionar problemas comuns. Há de ser considerado que silvícolas ocupam áreas das mais ricas do nosso Estado, impedindo a sua exploração, com prejuízos incalculáveis para a receita nacional, impossibilitando a captação de maiores recursos para a prestação de serviços públicos tais como a ampliação da rede escolar e serviços de saúde. Espero contar com a habitual atenção de Vossa Excelência e seu conhecido espírito patriótico para solucionar definitivamente e rapidamente o assunto, pois a continuidade das obras da estrada não deverá ser afetada e a segurança dos abnegados trabalhadores do Departamento de Estradas Estadual deve ser dada pela Fundação Nacional do Índio".

O telegrama, todo ele, poderia ter sido assinado por um "bugreiro" do século XVI, que considerava o índio um entrave na sua busca do "El-Dorado". O Governador pedia que o Ministro garantisse ao branco a ocupação das "áreas mais ricas do nosso Es-

tado", porque seus verdadeiros donos, com ocupação constitucionalmente assegurada, estavam "impossibilitando a captação de maiores recursos para a prestação de serviços públicos".

O mais risível está no final do comunicado: queria o Governador, ao arrepio da lei, que a FUNAI se transformasse num organismo protetor dos "abnegados" brancos que invadiam os territórios tribais.

Esse homem encarnava, em verdade, um alvao ideal para os "por ques" (isto é, o interesse econômico acima de tudo, da lei e dos princípios da humanidade) à custa da propriedade indígena, pela expulsão do silvícola até o último recesse da floresta onde em dia próximo, seria finalmente chacinado. Para isso, exigia o beneplácito de um órgão instituído justamente para proteger a propriedade e a vida do índio, integrando-o paulatinamente na comunidade nacional, sem traumas psicossomáticos, respeitados os seus costumes e instituições tribais.

"Mirabile dictu"...

UM PROBLEMA DE SEGURANÇA

Se o Governador do Amazonas assim falava, pretendendo / que a FUNAI se transformasse numa "Fundação Nacional de Invasor" pode-se calcular o que pretendiam outros, desejosos "de fazer / produzir em termos realmente econômicos a terra dos índios", em suas mãos pioneiras...

Era, no entanto evidente o divórcio entre esses remane- / centes de velhos preadores e escravagistas de índias e índios e a imprensa brasileira, há muito tempo engajada numa frente de de / fesa, a todo o transe, dos remanescentes silvícolas.

Naqueles últimos dias de novembro de 1968, quase todos / os principais jornais do sul do País mantinham, em Manaus ou Ita / coatiara, repórteres, para acompanhar a operação de busca da Ex- / pedição Calleri. E não se preocupavam apenas com o resgate dos / corpos, senão também com a segurança dos índios. O telegrama do Governador de Manaus ao Ministro do Interior, depois que este re / comendara energicamente se evitassem represálias contra os Atroá / ris, puseram em alerta os argutos repórteres.

Paralelamente, não cessara a vigilância em torno da vera / cidade das declarações do mateiro Álvaro, que, a essa altura, / tanto quanto no primeiro dia em Manaus, continuava pagando caro "o milagre de sobreviver".

"O JORNAL DO BRASIL DO dia 29 dizia, em primeira página, "Álvaro mente sobre fuga da expedição". E publicava, na 7ª pági- / na, o seguinte comunicado:

"Itacoatiara - O primeiro desmentido concreto do depoimento do mateiro Álvaro Paulo da Silva surgiu ontem em Itacoatiara. A reportagem do JB encontrou o material que ele afirmou haver perdido na fuga. O material foi localizado com o barqueiro / Alfredo Marques de Alencar, que conduziu Álvaro em sua fuga pelo rio Auma. Consta de uma expingarda que o mateiro disse ter perdido, uma rede, linhas de pesca, dez cortes de fazenda estampada, uma Bíblia e 60 cartuchos".

"CONTRADIÇÃO"

Prossegue a reportagem, assinada por Álvaro Caldas e Ronal Theobald: "Afirmou o barqueiro que, quando encontrou Álvaro nas proximidades de uma usina de madeira, em plena selva, e contou-lhe que fugira da expedição porque o Padre João Calleri estava sendo muito rígido no tratamento com os índios. O mateiro afirmou também, ao contrário do que disse depois em Manaus, quando / foi ouvido pelo Tenente Ribas, que não havia nenhum morto ao abandonar a expedição. Segundo o barqueiro Alfredo Marques de Alencar, Álvaro afirmou que viu muitas índias bonitas e que os índios na região são cabeludos e barbados. Contou também que preparou a fuga com cuidado e convidou um companheiro, Eduardo, para acompanhá-lo. Este no entanto preferiu ficar, alegando que / confiava no padre. O mateiro pediu-lhe então que fizesse segredo não falando nada sobre a balsa que construiu para a fuga - segundo a versão do barqueiro".

"SERVIÇO SECRETO INVESTIGA"

Na mesma página do JB encontra-se outro telegrama, procedente de Manaus, dizendo: "a 2ª Seção do Grupamento de Elementos de Fronteira da 8ª Região Militar (serviço secreto), chefiada pelo Major Nero, está levantando a ficha do mateiro Álvaro Paulo da Silva, até agora o único sobrevivente da expedição chefiada pelo Padre João Calleri, diante das últimas informações chegadas aqui a seu respeito, que o dão como "um aventureiro inescrupuloso". Estas informações, ainda não confirmadas oficialmente, recolhidas junto às pessoas com as quais o Mineiro conviveu ultimamente o apontam como tendo sido vaqueiro no interior de Goiás até há bem pouco tempo, de onde fugiu, depois de dar alguns golpes. O Major Nero informou que ainda é cedo para falar sobre o assunto, pois só agora começou a trabalhar nele".

"ADREFO E SAQUE"

"Funcionários do Departamento Estadual de Estradas de Rodagem do Amazonas (Deram) admitem reservadamente que a expedição deixou São Gabriel, um dos postos do Departamento ao longo /

do traçado da BR-174, com o mateiro já entrando em atrito com outros membros. O Padre Calleri - que sempre quis preservar o sentido de autoridade e disciplina - fez diversas advertências para evitar que os atritos alcançassem uma dimensão maior, segundo as mesmas fontes, mas as brigas continuaram com o deslocamento dos homens. Segundo estas informações, que ganharam maior evidência com o fato de a 2ª Seção do Grupamento de Elementos de Fronteiras estar investigando a vida do mateiro, havia um complot entre ele e outros membros da expedição, ainda não identificados, com a ajuda de trabalhadores da frente de construção da rodovia, para saquear a expedição, plano que teria sido abortado com a reação dos índios às brigas internas dos expedicionários".

Concluía o comunicado:

"A expedição levou um equipamento de valor considerável, compreendendo, além de víveres, presentes para os atroáris e equipamentos diversos para a missão, um rádio transmissor e receptor SSB, um motor Honda, pesando 50 quilos e uma lancha com motor de popa. Todo este material encontra-se desaparecido, com a expedição".

Eram "informações não confirmadas oficialmente". E assim ficaram "como a ganga impura entre o cascalho"...

Mas ~~voltava~~ voltava-se a falar na interdição. Naquele / mesmo dia e página, dizia o JORNAL DO BRASIL:

"A interdição da região onde vivem os Atroáris e Waimiri foi pedida ante ontem pela FUNAI, que enviou ofício nesse sentido ao Ministério do Interior, para ser encaminhado ao Presidente da República. O diretor do Patrimônio Indígena, rebatendo afirmações do Governador do Amazonas, Sr. Danilo Areosa, de que a interdição iria prejudicar o progresso da região e a própria segurança nacional, declarou que a medida não impedirá que a estrada Manaus-Caracari continue a ser construída. Lembrou o Sr Gama Malcher que a interdição não exigirá um novo traçado para aquela rodovia, mas a sua finalidade é permitir que um sertanista da FUNAI passe a acompanhar os trabalhos de construção, orientando os contatos com os indígenas".

"UM ÍNDIO FESTIVO"

Era, porém, para os jornalistas, uma oportunidade de "vasculhar o terreno", descobrir novidades, informar bem os leitores, a respeito daquela humanidade esquecida na selva, lembrada apenas quando o branco deseja suas riquezas ou se apodera dos seus caminhos. Surgiram as primeiras descrições dos Atroáris, como esta do JORNAL DO BRASIL:

"Manaus - Rapazes novos, altos e fortes, com uma média / de idade 22 anos, cabelos cortados rente, que gostam de açúcar e tem dentes estragados - o que não é comum entre os indígenas - além de muito festivos, assim são os Atroáris, que habitam a bacia dos rios Alalau e Jauaperi, segundo revelou o engenheiro agrônomo e sertanista Eduardo Celestino Santana. Seu Santana, como é conhecido o funcionário, é funcionário do DERAM e vem mantendo contato com os Atroáris desde 1967, quando foram iniciados os trabalhos de construção da rodovia Duque de Caxias (BR-147), deles guardando uma impressão amistosa, pois em todos os encontros que teve / não notou qualquer sinal de agressividade".

"COM ACUCAR"

"Outra característica dos Atroáris - que juntamente com os Waimiris, seus irmãos da bacia do Alalau e do Jauaperi, devem somar mais de tres mil na região - é a de gostar abusadamente de açúcar. Certa vez, conta o engenheiro, quando um grupo deles fez uma visita ao acampamento do DERAM, foi descoberta uma saca de açúcar num canto. Depois de enfiar o dedo no açúcar e passar na boca, o pindio começou a pular de contentamento, chamando a atenção dos demais, que logo formaram uma fila, esvaziando a saca em poucos minutos. Nestes contatos, os Atroáris, que usam apenas uma pequena tanga presa por um cinto de cipó à cintura, demonstraram grande simpatia pelas redes, que foram todas ocupadas, pelos cachorros, com os quais eles brincam durante muito tempo, e pelas roupas dos brancos, tendo alguns deles vestido, uma em cima da outra, mais de quatro camisas. Especial simpatia foi demonstrada também para com as mulheres, todas elas chamadas de Maria, única palavra conhecida por eles fora do seu dialeto. Para isto, qualquer comunicação era feita através de mímica. Demonstrando possuir uma intuição muito forte, segundo as observações do engenheiro Eduardo Santana, os Atroáris sempre que vinham ao acampamento dos trabalhadores vasculhavam todos os cantos, com o objetivo de saber quantos homens existiam".

"Conhecendo já este hábito, nós tomávamos a precaução de colocar sempre o dobro de homens em relação ao número de índios, para evitar qualquer suposição de superioridade por parte deles".

"A CULTURA"

"Os Atroáris possuem um certo conhecimento adquirido em consequencia de seu trabalho, revelado principalmente na construção de suas habitações redondas, feitas de madeira e cobertas / com folha de palmeira, na cerâmica que desenvolvem e nos machados e flechas de palmeira que utilizam. Segundo Seu Santana, já no

quilômetro 11 do trecho Manaus-Alalaú da Br-164 começaram a aparecer indícios da cerâmica indígena, com o descobrimento de alguidares, que são bacias de barro e outras peças muito trabalhadas. Com o progresso das obras de desmatamento, outras coisas foram surgindo, deixadas pelos índios, acredita-se, para facilitar a aproximação com os trabalhadores, entre elas machados de pedra, arcos e flechas. No primeiro contato que tiveram com os Atroáris, eles foram em número de seis ao barracão do acampamento, trocaram alguns brindes e depois retornaram".

"- Fisicamente eles são como qualquer um de nós. Tem traços finos, que os identificam mais com o caboclo do que com os demais índios - diz o sertanista. Na outra vez que voltaram já foram em número de 22. Novos presentes foram então trocados, sendo que eles trouxeram bananas e flechas. Na hora de comer, recusaram a refeição dos brancos, preferindo peixe muqueado (assado com escama). Os arcos utilizados pelos Atroáris medem mais de 2 metros e tem grande resistência. O acabamento é perfeito. Algumas flechas tem as pontas longas e afiadas, também de ferro, e as de uma terceira espécie são de madeira, com forma de rosca na ponta".

Justamente essa semelhança física é que fez supor a presença de brancos chefiando os Atroáris. Tudo leva a crer, no entanto, na existência de um secular processo de miscigenação de mateiros com índias, no correr dos tempos, ou até mesmo de crianças brancas raptadas pelos índios em algumas excursões predatórias, de vindita contra a invasão do seu território.

O problema interessou muito aos jornais. Falando ao JORNAL DO BRASIL de 29 de novembro procurou explicar essa hipótese da presença de brancos no comando de índios para assinalar a sua pouca credibilidade.

"Disse o Sr Gama Malcher - assinala o repórter - que não é de hoje a existência de histórias semelhantes na Amazônia, lembrando as hipotéticas presenças de um francês entre os índios urubus, em Gurupi, no Maranhão, de um foragido da polícia entre os Paracaná e Açurinis, na região do rio Tocantim, e muitas outras parecidas. O objetivo dessas histórias, afirma o Sr. Gama Malcher, era justificar a presença de forças policiais ou militares nas áreas dos índios, para regatar ou prender esses hipotéticos homens brancos, que nunca foram encontrados. Até que essas expedições terminassem, os territórios indígenas eram invadidos e muitos índios massacrados. Expliou que os índios não atacam o homem branco, mas é este quem invade o seu território. Com esta invasão, o índio naturalmente se torna hostil, para defender a sua terra".

"-O mesmo -disse o Sr. Gama Malcher- aconteceria com os homens brancos que tivessem o seu país invadido por outra nação!" Por isso - prossegue o jornal - "achava o Sr. Jose Maria da Gama Malcher perfeitamente natural que os índios tenham atacado com flechadas o Catalina da FAB que há tres dias dava cobertura a um helicóptero do PARA-SAR quando examinava a maloca n.3 dos Atroáris. A agressividade desses índios não significa que eles estejam revoltados, depois de massacrarem a expedição do Padre Calleri, mas é apenas uma atitude de autodefesa. Por outro lado, acredita esses indígenas que atacaram o aparelho do PARA-SAR podem até ser de um grupo quenão teve qualquer contato com a expedição do Padre Calleri!"

"SEM BOMBA DE GAS"

"O Gabinete da FUNAI afirmou ontem, categoricamente, que em nenhuma hipótese seus sertanistas usarão bombas de gás lacrimogêneo contra os índios, em armas de fogo, mas apenas fogos de artifício, que só assustam. Essa afirmação foi motivada pela notícia de que o PARA-SAR, se fosse atacado durante os trabalhos de resgate dos mortos ou sobreviventes, utilizaria fogos de artifício e bombas de gás para manter os índios afastados. Reafirmou a FUNAI que a ordem recebida do ministério do Interior - ao qual é está subordinada - é a de preservar, de qualquer maneira e em qualquer hipótese, a integridade física do índio. Entretanto, a Fundação não pode garantir que o PARA-SAR vá deixar de usar bombas de gás contra os índios, pois aquela unidade militar é subordinada ao Ministério da Aeronáutica. A necessidade da preservação da integridade física dos índios vem sendo ressaltada desde o início pela FUNAI, reafirmada inclusive em uma comunicação do sertanista João Américo Peret, enviada para chegar a missão de resgate. Com essa declaração, pretende a FUNAI evitar qualquer ação de represália aos Atroáris e Waimiris, a pretexto de que homens brancos tivessem sido atacados pelos índios quando procuravam sobreviventes da missão do Padre Calleri. Com essa finalidade, o presidente da FUNAI, Sr. José de Queirós Campos, enviou para a 1ª Inspetoria de Manaus, tão logo chegaram as primeiras notícias sobre o desaparecimento da expedição do Padre Calleri, um rádio urgente determinado que não fosse permitida qualquer represália aos índios e que informasse com a maior brevidade à Fundação se alguém, algum órgão ou entidade tentasse penetrar na área dos Atroáris a pretexto de procurar sobreviventes. Explica a FUNAI que essa preocupação com a integridade dos índios está baseada em numerosos acontecimentos do passado, quando volta e meia surgiam notícias de massacres de brancos - quase nunca confirmados - apenas para dar pretexto a represálias. Essas represálias somente encontravam os interesses dos mineradores, madeiros, ga

rimpeiros e outros aventureiros pelas terras dos índios. Nas expedições punitivas eram mortos muitos índios e os sobreviventes fugiam para outras áreas, deixando então suas valiosas terras para serem exploradas pelos brancos".

Indagamos, a esta altura: haverá interesse para o índio em ser "pacificado", integrado ou aculturado? não, decerto. Não duvidamos que, no seu estado natural, se sinta feliz, mesmo nas guerras. Pois se orgulham disso: os adultos chamam-se guerreiros. Podem acreditar eles que o branco, aparecendo com superioridade de armas, queira dá-las a eles? não: um guerreiro não dá semelhante vantagem a um possível adversário. Então, conhecendo o branco o estranho, o estrangeiro, o índio será inicialmente, tomado de curiosidade, depois de medo das suas armas. Muita coisa será necessária para captar-lhe a confiança: um milagre de amor, como pretendia o Padre Calleri.

Mas, o que tem acontecido em nossas missões de "pacificação". No dia 1º de dezembro de 1968 o JORNAL DO BRASIL fazia, a respeito, sob o título "pacificação atende só ao interesse econômico", uma síntese, que vale transcrever:

"A história da pacificação do índio brasileiro e mesmo / de todas as populações indígenas do mundo se fez obedecendo a interesses econômicos e quase nunca para dar alguma coisa ao índio. A tendência, como já aconteceu, é o desaparecimento gradativo das populações e o confinamento do restante em pequenos territórios. A sua integração, no sentido puro da palavra, é uma coisa utópica. O índio nunca deixará de ser índio para os brancos. As principais pacificações realizadas no Brasil foram:

Kaingangs - oeste de São Paulo, hoje vivendo também em Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, em 1912, por Manuel Rebelo e Luís Bueno Motta Barbosa. Nas antigas terras dos Kaingangs hoje estão os maiores cafezais da região sul.

Xoklengs - Em Santa Catarina, pacificados quase na mesma época dos Kaingangs por Eduardo de Lima e Silva Hoerham. As terras dos Xoklengs são hoje as mais ricas de Santa Catarina.

Botocudos (Krenak, Potixá) Vale do Rio Doce, em Minas Gerais e Espírito Santo, pacificados em 1911 por Antonio Martins / Estigarríbia. Em suas terras hoje se encontram cidades e fazendas.

Umotinas - na região dos rios Sepotuba e Paraguai, pacificados por Elmano Santos Mascarenhas e Severino Godofredo d'Albuquerque em 1918. Em suas terras se encontram as maiores matas de poaia do Brasil.

Parintintins - pacificados em 1922 por Kurt Nimuendaju. Em suas terras, às margens do Rio Madeira e seus afluentes, estão os maiores seringueiros do Amazônia.

Urubu-Kaapor - vale do rio Gurupi, no Pará e Maranhão, cuja pacificação, concluída em 1928 por Benedito Jesus de Araújo, levou 18 anos.

Xavante - região do rio das Mortes, em Mato Grosso, com a pacificação concluída em 1946 por Francisco Heireles, depois / de inúmeros atritos entre os quais o massacre de toda a expedição de Genésio Pimentel Barbosa. Em suas terras estão hoje as / grandes pastagens naturais do rio das Mortes.

Kaiapó-Kuben, do médio Xingu, pacificados em 1952 por Cícero Cavalcanti. Essa tribo era muito guerreira e mantinha em suspense toda a região compreendida entre os rios Tapajós e Araguaia.

Kaiapó-Xikri - pacificados em 1953 por Miguel Araujo por Cláudio e Orlando Vilas Boas. Hoje estão no Parque Nacional do Xingu e suas terras estão ocupadas por seringueiros.

Parakanã, Assurini - margem esquerda do Tocantins, pacificados por Telésforo Martins Fontes. Por suas terras passa hoje a Estrada de Ferro Tocantins.

As últimas pacificações foram as do Gavião, Pacas-Nova, Waimiri e Txicao, respectivamente na margem direita do rio Tocantins, no Pará; em Guaporé; no vale do Jauaperi, no Amazonas; e no Alto Xingu. As tribos ainda sem contato existentes no Brasil estão todas na Amazônia. Os dados são imprecisos porque a região a região é muito grande e não se pode dizer ao certo qual o número certo de tribos. Acredita-se que existam muito mais em completo isolamento".

AS TÉCNICAS E TÁTICAS DA APROXIMAÇÃO

Os índios, mesmo com a fama posterior que lhes deram de antropófagos, embora guerreiros natos, eram gente de boa índole, ao menos enquanto não descobriam, nos seus visitantes, intenções de hostilidade ou dominação. Um dos primeiros documentos a respeito do silvícola brasileiro, a famosa Carta de Pero Vaz de Caminha, mostra-nos o gentio, em seu estado edênico, encantados / com as caravelas e aqueles homens de vestes garbosas e coloridas cuja língua não entendiam.

Mas nessa primeira aproximação, em que algum serviço -/ prestaram às naus cabralinas, revelaram seu interesse pelas coisas brilhantes e vistosas, eles que tanto estimavam a arte plumária e viam a policromia natural do seu país traduzida nos panos e miçangas européias, nos vidrilhos facetados e nos metais irisa

dos. Depois estimaram os instrumentos de ferro, tão eficientes nas derrubadas e no amaino da terra.

Tinham, então, os brancos, muita coisa em que interessar os índios, instintivamente afeitos às trocas, inclinados às novidades, singularmente afáveis ao primeiro trato.

Assim falam deles - antes dos espetáculos de antropofagia - os primeiros cronistas.

Se os contatos iniciais foram assim, mansos e edênicos, encantados os portugueses com as índias depiladas e estas com o veludo das suas barbas, o homem aborígene foi o primeiro a sofrer desde quando o branco invasor pretendeu apropriar-se de suas riquezas e mulheres, procurando escravizar-lhe o braço. Reagiu ao trabalho servil e ganhou a fama de indolente; não resistiu à caça e aos virus desse contato e foi facilmente batido e lançado ao recesso dos cerrados e das florestas centrais. Cada vez os contatos se foram fazendo mais difíceis, sempre por culpa do branco, que, mais de uma vez, por artifícios e manhas, conseguiu a adesão dos caciques, na conquista do território.

É que, entre si, a hostilidade era a regra: os contatos tribais cruentos se multiplicavam em toda a faixa litorânea do País, com o guerrilheiro tapúio sempre disposto à faina das armas.

Vivendo entre si em conflito, talvez vissem, na chegada do branco, um poderoso aliado das tropelias castrenses. Só muito tarde descobririam que não se pode confiar no branco, ambicioso, predatório, astuto e malévolo.

O panorama mudou muito pouco em quatro e meio séculos. Houve, porém, nos três primeiros séculos de história brasileira, até o período pombalino do Governo português, uma clareira de luz nessa treva de incompreensão e violência: o padre jesuita, desde o primeiro instante, defendendo a condição humana do índio procurou opor-se tenaz e corajosamente, à agressividade dos colonos, cristãos de batismo e pagãos na prática homicida.

Como atraíram eles os gentios?

Pela catequese: ampliar a Fé, desde que o Império já se amplira na Descoberta e seguia céler o caminho da Conquista.

O Padre via no índio não uma besta de carga, mas um catecúmeno; na índia não a sabina sensual, mas o maternal instinto, cuidando, com extrema doçura, dos curumis. Por artes dos padres é que chegaram à Europa, naqueles séculos primevos de nossa história, índios vestidos, encantando a curiosidade das cortes palacianas. E apareceram romances e teorias sobre a primitiva bondade do homem natural.

De Rousseau a Chateaubriand. E tantos viajantes, cientistas alguns, aqui vieram conhecê-los e estudá-los como seres ainda molhados do dilúvio bíblico.

Como os tratava Anchieta, por exemplo?

Estudando-lhes a língua, para ensinar-lhes a sua. Organizando representações teatrais, não somente com autos à Virgem, / mas também de apresentação das suas lendas originárias, na arena litorânea - onde compunha poemas - ou na fímbria das matas, com um cenário natural insubstituível.

Ensinando-lhes artes artesanais, cuidados higiênicos e práticas civilizadas; aconselhando-nos a abandonar costumes que lhe pareciam contrariar o Direito Natural, desde a prática da antropofagia ao de sacrificar os recém-nascidos fracos, desaconselhando, quanto possível, a poligamia dos chefes ou a possível promiscuidade de algumas tribos.

Os padres eram homens desarmados, mas os índios viam nelles aquela força moral que, por vezes, desarmava a furia dos colonos, capaz ainda, de promover longos armistícios entre os próprios índios, que chegavam mesmo à confederação de várias tribos.

Não tinham cursos de antropologia. Sabiam, porém, que o homem é fundamentalmente igual, que as diferenças entre o índio e o branco se resumiam nas conquistas técnicas do segundo: a superioridade do "homo faber" europeu, que conhecia o uso dos metais, estimando empregá-lo principalmente na guerra.

Tratavam o índio de igual para igual. Ao mesmo tempo, o silvícola tomara conhecimento daquela superioridade material do branco e aceitava esse aliado desarmado com extrema espontaneidade.

O colono, vindo ao Brasil por espírito de aventura, quase sempre impulsionado pelo interesse econômico, encontrava no jesuíta seu mais ferrenho adversário: eram pastores de almas, ciosos da ampliação do rebanho de Cristo, de esparzir o Evangelho em toda a terra, principalmente na mais recentemente descoberta, que era o continente ameríndio.

Foi um choque violento, entre a onda e o rochedo e... o marisco era o índio, atarantado, assustado servo de dois senhores. Um dia Pombal daqui retirou os jesuitas e quem lucrou foi o Bandeirante, em prejuízo das tribos remanescentes.

Até que, no início do século XIX, José Bonifácio exarou os célebres princípios, cinco artigos que sintetizam uma tática de convivência, entre o branco e o índio, em que o primeiro, penitenciando de tres séculos de tropelia, deveria tratá-lo como pessoa humana e respeitar as suas posses naturais.

No longo processo - ou tentativa - de integração do índio brasileiro é fácil distinguir duas estratégias gerais: a catequese e a dominação. a Primeira lenta e suasória; a segunda violenta e rápida. Os Padres - depois José Bonifácio e os seguidores do Marechal Rondon - queriam atrair o silvícula para integrá-lo na civilização, sem a perda das suas posses naturais; os Bandeirantes e seus seguidores, até hoje, querem dominar o índio, / tomar-lhe a terra e escravizá-lo ao seu serviço.

Mas tanto um como o outro - o catequista e o colono- usavam, inicialmente, as mesmas táticas de atração: miçangas, pentes, adornos, até alguns instrumentos de cutelaria, jamais a arma de fogo. Vidrilhos e os outros ofensivos instrumentos de metal.

Quando se começou a fabricar aguardente no País, notou / logo o branco que aquela bebida, na boca do índio incontinente, era seu melhor aliado, depois de habituá-lo ao uso do açúcar e do sal, que os aborígenes não sabiam fabricar nem colher.

Teve o catequista que lutar contra esse vício, formidável aliado do colono opressor e do bandeirante inescrupuloso. / Multiplicaram-se os choques, as matanças- com as doenças européias fazendo grandes mortandades na tribos - e chegamos; finalmente, ao Século XX, com a república positivista, com os estudos antropológicos em fase de festiva ascendência, a figura apostólica do Marechal Rondon, com as suas novas táticas e técnicas de aproximação, uma espécie de catequese sem Evangelho, mas inspirada no mesmo sadio humanismo.

Esta fase é que nos dá exemplos mais recentes dos melhores processos de atração do silvícula brasileiro.

Quem compara os primeiros contatos do português com o índio, no litoral, com os mais recentes, nos sertões, nos cerrados e na floresta amazônica, observa, desde logo, que foi bem mais fácil a aproximação de ontem do que a de hoje. Daí surgiu uma regra muito conhecida dos nossos sertanistas: o contato será tanto mais fácil quanto inexistam aproximações anteriores do homem branco. Vale dizer que o índio, em qualquer ponto do País, quanto mais isolado e menos conhecedor das ambições, dos defeitos, da violência e da astúcia do civilizado, mais propício a uma aproximação pacífica.

Um corolário natural dessa constatação é o cuidado que / tem os sertanistas, em missões de atração do silvícula, de não / levar consigo "caboclos conhecedores da região". Se a conhecem, é que a perlustraram; se passaram por esses caminhos, caçando, / fazendo coleta ou garimpendo, é quase certo tenham tido experiências desagradáveis com os índios. Não é que sejam de tal maneira privilegiada a memória dos índios. Mas um branco, que lhe apa

rece raramente, é ser muito diferente e bem característico. Dificilmente esquecerá a sua passagem, benéfica ou maléfica. E se dele sofreu qualquer insulto ou agressão, sua vingança, na primeira oportunidade, será inevitável. Ora, o caboclo está muito mais interessado em seus interesses econômicos e pessoais do que no índio. E, sem vigilância de outros civilizados - grupos / que se organizam em verdadeiras "societas sceleris" na intrusão do território índio - podem-se calcular os abusos que perpetram. E, por isso, a presença de um desses caboclos numa missão de contato pode jogá-la à inesperada fúria do silvícola.

Daí a importância do primeiro contato.

Tem que ser amistoso, com o branco dando tudo de si, evidentemente sem abjeção, pois o índio não estima os covardes.

Se dele não resultar qualquer incidente, se o branco demonstrar claro ânimo de vizinhança e nenhum de ocupação, acampando em território neutro, para permanência definitiva, conquistará muito rapidamente a amizade do índio. Mas é preciso cultivá-la. Trata-se de etnias muito distantes, de costumes diversos, profundamente arraigados nos dois grupos. É preciso que o branco aprenda, primeiro, os costumes do silvícola, para depois tentar inculcá-lhes os seus próprios.

A missão se torna muito mais difícil quando houve, anteriormente, contatos, másões, com brancos despreparados, mesmo que bem intencionados, mas pouco conhecedores dos costumes indígenas ignorantes de que o índio tem sua própria moral.

Mas até sertanistas tarimbados cometem erros, fatais para o seu grupo.

Desde a primeira pacificação, a partir da instituição do Serviço de Proteção aos Índios, a dos Kainganga, em 1912, vários casos tem ocorrido, resultando na chacina, parcial ou total, da missão dos Civilizados.

O Marechal Rondon, decerto lembrando o exemplo dos primeiros jesuitas e inspirado pelos princípios da filosofia positivista, determinou, como primeiro dirigente do SPI, que os seus homens não usariam armas contra os índios. Tam certamente armados, par enfrentar as feras, os perigos da floresta, e abater a caça necessária ao seu sustento. Mas a divisa do SPI, "Morrer, se preciso for; matar, nunca", era religiosamente cumprida.

Fiel a essa determinação foi Aurélio Miranda.

Encarregado da pacificação dos Gaviões, em 1943, manteve com eles um bom contato, dando-lhes instrumentos para a lavoura, algumas bugigangas, muitos presentes. Instalado um posto de aproximação, mandou fazer uma roça de milho, para que delas os índios se apossassem na colheita, cimentadas, assim as boas relações entre os dois grupos. Os índios ficaram aguardando aquele dia em /

que recolheriam as espigas douradas. Acontece, porém, que o milho plantado pelos brancos amadurece mais depressa do que as espécies usadas pelos índios. Mais de uma vez eles tinham vindo visitar a roça, depois desapareceram no mato. O sertanista não sabia dos cálculos dos índios e, logo que o milho amadureceu, pensando que eles não voltassem mais, mandou colhê-lo e vendeu-o. Na época em que previram estivessem as espigas maduras, chegou a tribo, enfeitada para uma grande festa, usando seus mais belos adornos, pintados como usam fazelo também para a guerra. Não encontraram mais nada, senão o campo raso da coivara. Infurecidos, dirigiram-se ao posto, matando Aurélio Miranda e seus expedicionários a flechadas.

Igualmente no Maranhão, desta feita com os índios urubus, que muitos afirmavam habituados a antropofagia. Encarregou-se da sua pacificação Benedito de Araujo, com tal sucesso que pode exibir, no Posto Pefroso Dantas, à margem do Gurupi, junto à cidade de Vizeu, um rapaz da tribo. Não cuidava ele, porém, do perigo do contágio e da falta de defesa dos índios para o vírus da gripe. O jovem urubu, contagiado, morreu em poucos dias. Voltou Benedito de Araújo, para comunicar o fato à tribo, mas os índios não se conformaram e, crendo houvesse ele assassinado seu companheiro, trucidaram-no.

Assim também morreu Pimentel Barbosa, na pacificação dos Navantes de Mato Grosso.

A chamada "pacificação" é um longo processo. Pode durar alguns meses e pode estender-se por decênios. As tribos são verdadeiras nações pouco numerosas, mas com costumes e crenças peculiaríssimos. É preciso respeitá-los. Uma contrariedade, o rompimento de um tabu tribal pelo branco, pode representar o início de graves hostilidades. Assim aconteceu com Fioravante Esperança.

O caso está registrado nos arquivos do SPI e relatado em "A política indigenista brasileira" do antropólogo Darci Ribeiro nos seguintes termos:

"Feita a atração dos botocudos, passam eles a frequentar o Posto Rincão do Tigre, de onde as operações de atração tinham irradiado. Ia tudo muito bem vivendo índios e empregado do SPI na maior fraternidade. O Encarregado do Posto, Fioravante Esperança, era um gaúcho valente com as armas e devotadíssimo aos seus deveres, um verdadeiro pai para os silvícolas. Mas, um dia, o Posto foi visitado por dois fazendeiros, um dos quais Cândido Mendes, que tomara parte em ataques anteriores aos índios; estes muito fisionomistas, o reconheceram. Os visitantes chegaram à hora do almoço e tomaram parte na refeição que estava à mesa. Quem come junto é aliado e irmão, na regra social dos botocudos. Portanto, os empregados do Posto deviam ser, como aqueles fazendei-

ro, inimigos dos índios. E tudo que até então tinham esses servidores feito para agradar aos índios e beneficiá-los deveria ser traição. Num momento resolveram liquidar o assunto. Arditamente desarmaram os visitantes, os quais, pelo que sabiam sobre a pacificação dos seus antigos desafetos, estavam inteiramente tranquilos e não se opuseram ao exame que os índios com / mostras de curiosidade desejavam fazer das suas armas. Em seguida caíram sobre os visitantes, massacrando-os e também aos empregados do Posto Fioravante que, rudemente atacado, defendia-se das cacetadas com os braços robustíssimos, sempre de frente, procurando chamar os índios à razão. Foi recuando até o mastro da bandeira brasileira, que diariamente se hasteava no Posto? e ali seu cadáver foi encontrado mais tarde, tendo no cinto o revólver com todas as balas intatas".

Decerto, um "beau geste", o heroísmo às culminâncias do sublime. Desnecessário, porém, se, antes, houvessem os homens do SPI tomado conhecimento da conduta dos vizinhos dos índios, seus tradicionais e ferocíssimos inimigos. Daí porque, hoje, Orlando Vilas Boas só leva índios para suas missões aproximação, cientificando-se, antes de que não são inimigos dos que procura. E não permite o ingresso de ninguém, no Parque Indígena do Xingu, sem prévias e seguras informações.

Qual o momento propício para a aproximação?

Nos primeiros tempos ela se verificou direta e espontaneamente; as naus abicando à costa e os índios nadando em torno / delas. Hoje, porém, examina-se, primeiro, a sua conveniência. Num conjunto em que se fala, claramente, na "ocupação da amazônia", onde remanescem as últimas tribos em seu estado natural, / idealistas utópicos sustenta: "Deixemos lá os índios, vivendo / sua cultura adênica, felizes". Ocorre, porém, que não há mais / rio navegável do Brasil que não tenha sido percorrido por barcos de civilizados; nem plantação natural de seringueira sem a visita dos homens da balata e do caucho; nem palmeiras oleaginosas livres da coleta e dos cablocos. Os caçadores de peles, os preadores dos grandes áurios e quelônios, os faiscadores de diamantes e os bateadores de ouro e cassiterita, aos milhares, vivem trançando no território indígena. Praticamente preservados (com invasões esporádicas) estão apenas os Parques Indígenas do Xingu e do Tumucumaque, no nordeste de Mato Grosso e na fronteira com o Surinam respectivamente.

Acontece que a Fundação Nacional do Índio, não dispendo de uma equipe suficiente de sertanistas, diante da fúria invasora que se desencadeou a partir de 1958 (construção da Rodovia Belém Brasília) vê-se obrigada a adotar a tese idealista: só ir ao encontro das tribos não aculturadas quando elas começam a reagir à

penetração do civilizado.

O caboclo não é tão ignorante que não saiba a respeito/ do sentimento de posse coletiva do índio, do seu amor ao território tribal, que lhe garante o equilíbrio biológico na floresta. O ruído das armas de fogo espanta a caça; a pesca de bomba destrói a fauna aquática; as derrubadas também contribuem para a fuga dos animais silvestres. O índio vê atacados os seus suprimentos naturais e reage. Também alia a presença do branco em seus domínios à chegada de doenças desconhecidas dos seus pagés, que dizimam tribos inteiras em alguns dias.

É natural que reaja violentamente.

Entretanto há alguns civilizados suficientemente astutos para conviver com os índios mais "primitivos", mediante regalos e presentes, trocas inicialmente vantajosas para os gentios. Principalmente os caçadores conseguem essa convivência pacífica, talvez porque exerçam uma atividade natural dos índios e lhes propiciem algum proveito econômico.

O certo é que, entre militares que serviram nas fronteiras e entre caçadores o SPI recrutou seus primeiros sertanistas.

Preferiu o Marechal Rondon selecionar os seus homens entre os caboclos da região indígena, empregando sempre índios já pacificados que conhecessem o dialeto e os costumes dos que pretendia abordar. Alguns precisavam, inicialmente, de um trabalho que hoje se chamaria de "conscientização": convencê-los da importância da missão; da humanidade do próprio índio; da sua própria ascendência indígena. Paradoxalmente, o caboclo, geralmente mameluco, pode ser o melhor amigo e o maior inimigo do índio. No primeiro caso, depois de conscientizado; no segundo por uma conhecida repulsa dos homens primários à "raça" considerada inferior que entrou na sua formação étnica.

Escolhidos os mateiros - mamelucos da região - são entregues a um chefe, sertanista experimentado, afeito ao trato com o silvícola, capaz de absorver a doutrina indigenista. Com os seus guias e intérpretes, instrumentos e presentes, animais ou canoas (por vezes as duas coisas), a expedição se adentra no mato ou penetra nos descampados, escolhendo o local em que edifica o "posto de atração". Quase sempre é um tapiri bastante amplo para conter os presentes e protegê-los das chuvas. Os homens da aproximação ficam ou a uma distância discreta, de binóculos, ou mesmo / sem visão do tapiri, que visitam, dias depois, para ver se o índio levou objetos e o que deixou. No princípio, os índios deixam mandioca, banana, alguns adornos, produtos da floresta, mas não caça abatida. Depois, na medida em que cresce a confiança, arcos ou flechas. Os dois, ou bordunas e machados de pedra, quando estão já maduros para o contato pessoal.

Essa fase é que os sertanistas do SPI convencionaram denominar de "namôro".

O tapiri fica próximo a uma vereda ou rio, para facilitar as retiradas estratégicas, no caso de alguma reação inamistosa dos genties; numa clareira, para maior visibilidade.

Em outra clareira, a distância variável segundo a natureza do terreno e o perigo da abordagem, constroí-se outro posto, não coberto simplesmente de palha, como o tapiri, mas preferentemente protegido de zinco, tanto no teto como nas paredes, cercado de arma farpada. Assim, evita-se um ataque de surpresa, enquanto as setas não conseguem furar a proteção de zinco.

A terceira providência da missão consiste na abertura de uma roça, não apenas para o seu próprio sustento de farinha, milho, feijão e verduras, mas também para demonstrar ao índio o "animus residendi" do grupo, permite-se a pesca, mas a caça com armas de fogo é praticamente proibida, para não assustar os índios com os estampidos, tornando-os mais arredios.

Uma turma cuida da roça, a outra visita os tapiris, enquanto uma terceira se interna no mato, em busca das veredas e picadas dos silvícolas, deixando sempre, ao longo dessas andanças, presentes dependurados ou encostados nas árvores.

Esse posto avançado se deve constituir dos homens mais cautelosos e argutos da expedição, munidos, de machados, foices, facas, terçados, tesouras, pentes, espelhos e missangas, para um contato inesperado.

Enquanto os sertanistas rompem as picadas, no silêncio da mata, ouvem piros de aves, rugidos de animais, tataralar de asas. São os índios que, de um e outro lado do caminho, se entendem por sinais auditivos. E a tal ponto acompanham os "invasores" que, no primeiro encontro amistoso, dizem facilmente os seus nomes, com as cornutelas naturais a quem fala uma língua estranha.

É uma guerrilha diferente em que, quase sempre, em ambos os grupos, há uma intenção pacífica, semeada pelo medo de um ataque súbito.

O índio também cre que está "pacificando" o branco.

Certa feita o sertanista Hélio Lucker, hoje delegado da NUNAI em Cuiabá, ouviu de um Xavante, recentemente pacificado, que tornara seu fidelíssimo amigo:

- Muito difícil amansar branco. Branco muito brabo.

Quanto mais se aproxima o momento da confraternização, mais difícil se torna o trabalho do sertanista. É que o índio costuma provar seu atual adversário e possível futuro aliado. Deseja saber se é forte e valente. Portanto a missão tem que se mostrar bem armada, convenientemente guardada, em número respeitável, segura de si mesma. Mostrar uma certa superioridade, sem usá-la, no entanto, provando: "Somos fortes, mas amigos". É comum mesmo na fase do contato pessoal, um gesto de ameaça, arcos rete

zados, grunhidos, saltos, da parte dos índios. A mímica/ A mímica terrorífica dos Atroáris foi muito bem descrita pelo Padre Calleri. Eles querem afastar o invasor, pelo temor, de qualquer maneira. Desejam seus objetos, mas temem sua agressão.

Alguns sertanistas, como Francisco Meireles e Peret, costumam levar uma verdadeira bateria de foguetões e fogos de artifício, espoletas e comando indereto e outros artefactos para usar, em caso de ameaça real por parte dos índios. Mesmo depois de obrigados a usar esse processo de intimidação, continuam deixando presentes no "tapiri" e nos caminhos. Os índios voltam a aproximar-se, mais respeitosos.

O namoro não deixa de ser uma espécie de medição de forças, mostrando que o índio é um tático consumado. Primeiro, eles procuram contar os adversários. Depois, observar o armamento disponível e a segurança das suas edificações. Às vezes, julgando-se inferiorizados, vendo que não conseguem afastar o intruso e incomodados com essa determinação, mudam suas malocas para outro local da floresta, a mais de dez quilômetros de distância. Os sertanistas avançam seus tapiris, ampliam as forças da retaguarda, multiplicam os presentes. Possivelmente nas novas malocas, ficarão abrigadas as mulheres, crianças e velhos. Os "guerreiros" se homisiam na taba primeira, de onde dirigirão sortidas contra os sertanistas. Sucedem-se as hostilidades, tentam-se os cercos.

É preciso, nessa fase, que os brancos demonstrem todo o seu valor, revelem o poder da sua forte determinação. Enquanto / mais resistam, mais respeitados serão pelos índios, que reconhecerão o valor dos seus supostos inimigos. Com esse reconhecimento, acende-se o desejo de encontrar neles valentes aliados. É / quando o índio começa a "amansar" o branco. Terminam acreditando no intuito pacífico do invasor, que passa a ser olhado como visitante. Porque são fortes e não usam violentamente suas armas; só se defendem, com valor e nunca atacam.

Chega a colheita da roça. O índio, vendo que foi aberta em sua terra, se julga sócio e, inicialmente com muito cuidado, depois mais afoitamente, começa a colher o produto da lavoura feita pelo branco. Mas deixa seus presentes, seus frutos, suas esculturas, suas máscaras, seus enfeites.

Já é uma espécie de "noivado". Que o branco, então, não cometa o mínimo deslize. Um engano pode ser fatal: a brincadeira com a cunhã arisca que se aproximou; a indiscreta indagação pelas mulheres só sabe aos índios, não aos pacificadores; a pretensão de contar o número dos adversários também é encarada com a máxima desconfiança, porque os índios só fazem isso às vésperas de um ataque.

Vem então o convite para os "esponsais": o chefe manda / chamar os que supõe sejam os principais da missão a visitar a aldeia. Exigem-se verdadeiros milages de tato e diplomacia. É que os silvícolas continuam atemorizados e mais desconfiados do que nunca, pois afinal de contas abriram as portas a um possível inimigo. Vão-se às falas. O "língua" da missão vai interpretando palavras e mímica do tuxaua. Talvez haja longuissimo discurso, de frases duas e tres vezes repetidas: é a eloquencia ameríndia, em toda a sua exuberância. Respeitem-se, sobretudo, as mulheres e / crianças, se, porventura, curiosas, aparecerem: nada de intimidades: é um negócio de homens, em que, por vezes, um jovem índio / desastrado pode entornar o caldo, com um gesto agressivo. Deixá-lo que, nesse momento, mandam os mais velhos.

Esse êxito inicial, porém, não deve autorizar muito otimismo. Desaparecem os presentes nos tapiris, mas o Posto deve estar, sempre, suficientemente guarnecido, para atender à troca futura de objetos com alguns retardatários. Também toda aquela cutelária, os artefatos de metal usados diariamente, não é de muito longa duração: os índios podem querer renovar o estoque. O Contato se torna diário e nem por isso menos melindroso. Toma-se de máis confiança os índios e crianças e mulheres se aproximam / do visitante. Outro perigo.

Dizia-nos um sertanista:

"Nos primeiros meses, a índia pode parecer feia e suja. / Mas os homens permanecem naquele posto muito tempo sem o carinho feminino. Pode crer que, dentro de seis meses, uma cunhantã daquelas, nos seus trajes naturais, pode parecer uma Vênus de Milo com as flexuosidades de Berenice e os encoantos de Cleópatra. / Assim é a natureza humana..."

Até o dia em que seja possível ao encarregado do Posto levar sua própria família (todos deveriam ser casados) é preciso / portar-se como um cenobita, lembrar-se cada um de como o êxito dos padres jesuitas foi mais fácil que o dos colonos de carne esfaimada.

Muito cuidado, com o contágio. Exige-se do sertanista uma certa higidez, que, pelo menos, não seja portador de nenhuma doença infeto-contagiosa e possua uma farmácia capaz de atender, em caso de necessidade, à uma infestação na tribo. A moléstia / desconhecida será logo explicada, e com justa razão, como trazida pelo branco, culpado pela primeira morte que ocorrer na tribo.

Comçam-se, também, as brincadeiras dos índios: seus / folguedos simulam lutas, desde que são guerreiros. Não há, em / tribos brasileiras, mulheres bailarinas, porque todas pácificas. Assim, depois da aproximação e da confraternização, pode um dia, a tribo simular um ataque, para distrair os sertanistas. Que estes entendem o costume, para que não ocorra o que contou Darci Ribeiro

Ribeiro, num relato ao JB (1/12/68):

"Os molinas (MT) por exemplo, logo depois de parificados tendo como forma de saudação mais honrosa a simulação de um ataque, apavoravam seus novos amigos cada vez que o novo grupo chegava ao posto de pacificação. Vale dizer que cada turama de pacificação sacrificada, no seu trabalho foi substituída por outra, que retomou o trabalho até alcançar a pacificação daquelas tribos sem jamais revidar um ataque, sem jamais agredir um índio".

Hoje os processos de aproximação tem variantes iniciais. Já se descobrem malocas em voos razantes de aviões e helicópteros; mandam-se presentes de pára-quedas; os próprios brancos estudam os dialetos indígenas pelos métodos do "Instituto Linguístico de Verão", dispensando os "linguas" caboclos; mas, de qualquer modo, para a continuidade do êxito da missão, com a sobrevivência do índio, é preciso estimá-lo, respeitá-lo integralmente. na posse da terra e nos seus costumes e crenças originários, até que, se julgar vantajosos ou verdadeiros, aceite, espontaneamente, uma civilização que se lhes pretende inculcar.

Infelizmente, porém, ainda há, principalmente na Amazônia muitos remanescentes daquele processo de que falava o antropólogo Harald Schultz há alguns anos: "Abundam no Acre as histórias de massacres traiçoeiros de tribos praticados por invasores brancos. Ainda hoje, existem certas pessoas cuja fama se baseia no fato de terem chacinado um grande número de índios em seus seringais. No Alto Envira, afluente do Tarauacá, da bacia do Rio Juruá, certas firmas comerciais mantem homens armados para matar índios, que se opõem pacífica ou hostilmente à devastação e ocupação de suas regiões de caça. Essas matngas organizadas são chamadas/ correrias de índios".

Vejam, agora, a filosofia da Missão Calleri, desse Padre que preferia morrer flechado por um índio e foi, na verdade, uma hóstia sangrenta a penir quatro séculos de perseguição ao silvícola, quando pretendia pura e simplesmente salvá-los da desenfreada cupidez do branco.

A "VIA CRUCIS" DO PADRE CALLERI

O Presidente da Fundação Nacional do Índio, em todas as suas declarações, desde que tomou conhecimento do massacre da Expedição Calleri, sempre manifestou o maior respeito à figura daquele verdadeiro apóstolo do nosso indigenismo, realçando o seu preparo para a missão que lhe confiara, mas lembrando, todas as limitações que lhe impusera, pela Autorização n.2, divulgada no Diário Oficial da União.

Não deixou, no entanto, revelar sua surpresa, quando viu pela primeira vez mimeografado, o seu último projeto de "Pacificação Waimiris/Atroáris", que, embora divulgado pela Comissão / Pró-Índio da Prelazia de Roraima a 4 de outubro de 1968, só lhe chegou às mãos em Manaus, depois da chacina.

O projeto difere muito pouco do original, mas numa parte importantíssima, crítica mesmo, pois ela contém uma explicação para o insucesso, que só um milagre evitaria. A inovação consistiu em cortar o território indígena, a partir do igarapé Santo Antônio, para atingir o Alalaú.

Esse roteiro, pontilhado no mapa com que ilustra o seu plano, foi a "via cruzis" da expedição.

Por que?

Em primeiro lugar porque os Atroáris da região já atingida pela última picada do DEKAR são tradicionais inimigos das tribos que habitam a parte superior do Alalaú, mais aguerridas e com menos contato com o branco.

Em segundo lugar porque essa "expedição preliminar por Terra", embora prevista pelo padre, embora prevista "brevíssima permanência", arriscava-se no meio de grupos mamelucos afeitos a encontros cruentos com os civilizados, enquanto intensamente / "trabalhados" pela presença dos caçadores de peles e já prejudicados pela promiscuidade com os trabalhadores da estrada, tendo procedido a uma invasão do seu acampamento.

Em terceiro lugar porque, "pacificados" em 1929, já haviam dizimado um posto do SPI, há dois decênios, o que não é muito tempo na tradição oral dos índios.

O Padre Calleri estava informado de todos esses inconvenientes. Por que insistiu na solução mais difícil?

A resposta se encontra numa entrevista dada, em Brasília pelo Presidente da FUNAI e divulgada na 7ª página do JORNAL DO BRASIL de 12 de dezembro de 1968:

"Um dos objetivos da ida do Sr. Queirós Campos a Manaus/ foi o de descobrir porque o Padre Calleri, contra os conselhos / dos seus amigos, desobedecera suas ordens para que tentasse paci

ficar os índios Atoáris próximos ao rio Alalau. O Padre, segundo ficou comprovado, mudou de orientação para atender ao Coronel Carijó, ex-diretor do Departamento Estadual de Rodagens do Amazonas. Dias antes de embarcar, o Padre Calleri fez o seguinte bilhete (o Sr. Queirós Campos tem um "fac-simile"- (em italiano):

"Revma. Madre: estou ainda na cidade, com a cabeça cheia de problemas, mas - graças a Deus - também de idéias. No início/da próxima semana conto partir: na situação Alalau mudaram alguns elementos, em nosso desfavor. DERAM (Carijó) está pedindo que resolvamos um problema urgente entre os técnicos da estrada e as firmas construtoras, portanto estou com o projeto de fazer uma / expedição preliminar por terra (não simpático). Madre Leonilde, me faria um favor se me enviasse a Aparecida-redentorista hoje: calças 1-2 e camas 2-3 para viagem. 1.000 graças. Saudações a todos. Pe. Calleri".

As expressões em nosso desfavor e não simpático revelam, tendo-se em conta a extrema discreção daquele sertanista, como / lhe doía desobedecer à FUNAI e contrariar seus amigos e superiores. Tanto que, com a expedição pronta em São Miguel, levou quase uma semana no seu Horto, pensando as reflexões da mais difícil decisão da sua vida: o caminho do Calvário, em que não teria como companheiro os dois ladrões, mas pelo menos oito pessoas (Ex-/ceptue-se o mateiro Álvaro, chefe de si mesmo) inteiramente entregues a uma cega confiança no valente "condotiere".

Esse erro atraiu outros, na expedição malograda e, naquele mesmo jornal (pag. citada) se publicava:

"Das investigações que realizou em Manaus, o Sr. Quirós / Campos comprovou que as relações entre os índios e os construtores e trabalhadores da estrada Manaus-Caracarái eram as mais promíscuas. Houve caso de um mateiro que solicitou a um índio que / lhe trouxesse Maria (para os indígenas, quando falem em português, toda mulher é Maria). Em resposta, o indígena lhe cuspiu na cara. Fatos idênticos a esse, contribuíram para criar entre os indígenas da região, os Atoáris já pacificados, e os trabalhadores um clima de belicosidade. Este clima prejudicou a expedição do Padre Calleri, pois Álvaro era conhecido dos indígenas, assim como alguns dos outros homens que o acompanhava. Além das outras implicações decorrentes da presença de Álvaro, duas tiveram grande importância: 1) Álvaro levou em sua companhia um cachorro oniceiro que investia contra os índios, deixando-os apavorados; 2) Álvaro e o Padre Calleri tiveram uma discussão, de certa forma acalorada, na presença dos indígenas, deixando-os com a impressão de que

havia briga na expedição. Os Atroáris entendem alguma / coisa de português".

"FUNDAMENTAL"

"Os dois erros fundamentais do Padre Calleri, num complexo de vários erros, foram: 1) a sua insistência em não dar presentes aos índios, como faziam os trabalhadores. Dava presentes como uma forma de pagamento ao trabalho que fizessem, método que poderia ser considerado excelente se este grupo de Atroáris não tivesse mantido inúmeros contatos com civilizados anteriormente/ e se habituado a receber de graça e de tomar o que pretendiam: / 2) entrar na taba indígena e contar as redes e os maradores. Acredita o Sr. Queirós Campos que o índio, um excelente guerrilheiro, tivesse adotado essa providência em relação aos brancos, para saber se poderia liquidá-los. Quando o padre Calleri contou / as redes, acreditaram que ele tivesse o mesmo objetivo. Outro / dos vários erros cometidos pelo Padre Calleri - cuja capacidade era, no entanto, muito apreciada - foi o de obrigar os indígenas a embarcarem na canoa da expedição contra a vontade do cacique. Este protestou violentamente, batendo com as mãos na coxa, e ficou ofendido por não ter sido obedecido".

Concluindo diz o noticiário citado:

"A conclusão do Sr. Queirós Campos é que a expedição foi morta quando estava pronta para retornar. Em todos havia sinais de flecha na omoplata, das costas para a frente. Apenas as mulheres foram também flechadas na barriga, o que demonstra, provavelmente, que os índios quiseram mantê-las e elas resistiram. É costume dos indígenas, quando matam os brancos, abrir-lhes a barriga e jogá-los na água para que afundem. Neste caso, devem tê-los lançado quase nas margens - o período era de cheia máxima - pois são maus nadadores, ainda que se utilizem de pirogas".

Feitos esses escalarecimentos, pois o noticiário corresponde, se não na forma, ao menos no fundo, ao que o repórter realmente ouviu, vejamos o plano formulado pelo Padre Calleri, com inserção da expedição preliminar por terra (o restante fora, na verdade, aprovado pela FUNAI) e de que resultou o sacrifício da expedição.

Nesta parte será incluído;
o PROJETO DE TRABALHO
já mimeografado e em npsso poder.

"AMICUS PLATVS, AMICISSIMA VERITAS"

Nesta segunda parte, apresentamos a verdade fria dos fatos e documentos. Aqui não se trata mais do "verba volant" da entrevista, confiada sua redação à prodigiosa imaginação do repórter e aos caprichos do "copy-desk" ou do secretário de jornal, / sequioso de sensacionalismo, para o alimento das "manchetes". São artigos maduramente pensados, relatórios cuidadosamente estudados, informações testadas nas fontes.

Também alguns depoimentos, não muito esclarecedores quanto ao massacre (os expedicionários levaram para o túmulo o seu / relatório, até que se sacrificaram seus enceteros) serão simplesmente reeditados, para que este livro seja um manual de consulta / dos futuros sertanistas, principalmente padres e ministros, prevenidos, também, de que os interesses mais diversos - ou sequelas de uma disputa religiosa que felismente vai desaparecendo - pretendem, à margem desses desastres, alimentar a xenofobia de alguns ou denunciar, com a melhor das intenções, a presença de pastores estrangeiros na selva brasileira.

Em primeiro lugar, um relatório de José da Gama Malcher sobre a situação dos índios de Roraima, onde trabalhava o Padre Calleri e onde se encontram, também alguns Atroáris ou seus parentes do grupo Caribe;

Em segundo lugar, um depoimento de Alberto Pizarro Jacobina, também indigenista, que foi hóspede dos Atroáris;

Em terceiro lugar, o depoimento do mateiro Álvaro, segundo gravação em fita, mandada proceder pela FOMAI;

Em quarto lugar, o relatório do sertanista Peret, com uma publicação, para quem queira comparar, da atividade do PARASAR, no resgate dos corpos;

Finalmente uma biografia do Padre Calleri, por Padre Hilário Cristofolini, algumas observações feitas em contraste ao depoimento do mateiro, sempre colocado sob suspeita no noticiário da imprensa.

O Documentário do Apêndice orientará o leitor na busca da verdade, muito mais esquiva depois que se inventou o alfabeto...

SITUAÇÃO ATUAL DOS ÍNDIOS DO TERRITÓRIO
FEDERAL DE RORAIMA

No Território de Roraima habitam diversos grupos indígenas, em vários estágios de cultura - de isolados a integrados ou mais propriamente marginalizados:

Os grupos predominantes são de língua Karib-Aruak e Yanonami ou Xirianá. - Somam um pouco mais de 7.000. Segundo Mighi-azza os Karib somam 3.800, os Yanonami 2.130 e os Aruak 1.200.(1)

Entre os rios Surumú e Maú, região de fronteira com a Guiana Inglesa, existem atualmente cerca de 118 localizações de aldeias dos Karib e Aruak: - Makuxi - Taulipang - Ingarikó - Mayongong (Iekuana) entre os Karib; Waptixana - Atroari entre os Aruak, e os Yanonami (Xirianá) com diversos grupos e denominações como Waiká, etc.

Os missionários da Prelazia de Roraima, iniciam, segundo tudo indica, um trabalho objetivo, realístico, junto a alguns desses grupos.

O ex-SPI. pouco ou nada conseguiu de positivo nem mesmo consolidar os rebanhos da antiga Fazenda Nacional de São Marcos. Como sede do Posto há um prédio de construção sólida e ampla, cobre uma área de 700 m²., com diversas salas que seriam destinadas a enfermaria, farmácia, escola, serviços de rádio comunicações, etc. Não chegou a funcionar senão parcialmente.

O Sanatório General Rondon também na área da Fazenda São Marcos, não funcionou como devia por falta de aparelhamento e pessoal especializado.

Acima da Ilha de Maracá, (Rio Uraricoera) fronteira com a Venezuela, há alguns anos, funcionam, junto aos índios da região, missionários norte americanos, com campos de pouso para operar pequenos aviões. É, como todos sabem, uma região rica em minérios.

Os resultados práticos dessa missão junto aos índios não se conhece, embora conheçamos as suas impertinências, e a fiscalização "sui-generis" em seus domínios, não permitindo mesmo a visita de pesquisadores brasileiros credenciados pelo C.N.Pq. São geralmente apontados como pseudos-missionários, empregando seu tempo em pesquisas e contrabando de minérios.

Em trabalho mais ou menos recente - 1966 Edson Soares / Diniz, bolsista do CNPq. (Museu Paraense Emílio Goeldi) (2) - informa:

"A situação econômica dos Makuxi é penosa. Não produzem um excedente para venda, sacrificam a subsistência e levam um nível de vida baixíssimo. Dos seus produtos agrícolas, a farinha de mandioca é a mais vendida, embora a vendagem desse gênero não permita dele tirar o seu sustento..."

"... A garimpagem diamantífera é igualmente feita para o intercâmbio comercial. Podem engajar-se a uma Empresa, as quais utilizam escafandros na procura de diamantes.

É mais comum, porém, garimparem individualmente ou em associação com um ou mais companheiros. O serviço nesse caso, é feito pela técnica de "mergulho" - em pequenas profundidades.

Usam peneiras ou bateiras de arame, em número de três e cada qual de uma espessura específica, é o "terno", como dizem na área.

Os meses de estiagem são os adequados para a catadiamantífera, sempre feitas em cachoeiras. Os pequenos achados, quase sempre, apenas dão para indenizar as dívidas já contraídas.

Os credores são fazendeiros, que, via de regra, tem comércio, legalizado ou não.

Os "marreteiros" também procuram adquirir os diamantes dos indígenas que, devido ao seu desconhecimento dos preços correntes e da pouca experiência comercial, sempre são ludibriados..."

"... Atualmente é raro encontrar um rapaz que não passe uma temporada como garimpeiro improvisado. Assim, a garimpagem e a venda de sua força de trabalho são os meios de compensar a sua tradicional economia de subsistência e de escambo, grandemente afetada pelas novas condições enfrentadas pelo grupo tribal. A dependência de produtos manufaturados, tais como machados, facões, enxadas, ferros de cavar, tecidos, etc., é total e constitui um forte elo para a dedicação dos Makuxi ao trabalho assalariado e à garimpagem incipiente.

Esta pode ser feita no planado, isto é, em terra como acontece em Santa Helena (Venezuela) para onde alguns se dirigem. Também vão trabalhar na Guiana Inglesa, em atividades braçais. Lá, em princípios de 1964, ganhavam dois dólares por dia, o equivalente a C 850, por unidade do dinheiro dessa possessão britânica, no câmbio de então..."

No Território de Roraima, na mesma época:

"... Os brancos controlam o preço por força de trabalho dos "caboclos", o qual por isso mesmo é desvalorizado.

No período de Fevereiro e Abril de 1964, foram encontradas diárias que variavam entre C 300,00 a C 500,00, sendo a comida fornecida pelo patrão.

Essas quantias se tornam mais irrisórias se cotejarmos com os altos preços dos produtos manufaturados.

A título de exemplo, citam-se aqui, os preços de algumas utilidades, de imediata necessidade, de acordo com a lista fornecida / por um comerciante de "Vila" Surumú, no mês de Fevereiro de 1964: açúcar @ 300, o quilo; sal 150 o quilo; fósforos @ 150, o maço / de 10 caixas; sabão @ 350.00 a barra; querosene @ 400,00,olito. Esse controle do custo da força de trabalho dos "caboclos", pelos regionais, fica mais evidenciado pelo fato de serem os Makuxi e os (Waptixana) que executam a quase totalidade dos trabalhos braçais da zona dos campos e, provavelmente não é despercebida sua participação, de tal natureza de serviços, nas serras e na capital do Território. Esses dois grupos tribais constituem / os braços em disponibilidade da área e são os que sofrem no momento, o impacto interétnico com maior impositividade..."

"Um fato que despertará imediatamente a atenção de qualquer observador é a exploração desumana do trabalho das crianças, rapazes e moças "Makuxi", pela maioria dos habitantes do Território! Qualquer trabalho pesado é feito pelos pobres índios, sem nenhuma remuneração ou assistência (1949) - Araújo Cavalcanti."

"Como é patente, a apropriação das terras indígenas alem de ocasionar o desalojamento progressivo de seu tradicional "havitat", origina vários traumatismos no grupo tribal, advindo disso várias consequências..."

"Para justificar os seus atos, os fazendeiros racionalizam que os "caboclos" são um obstáculo à expansão pastoril. E, ainda mais, defendem a transferência dos indígenas para oeste do território onde, alegam, haver mais caça e amior possibilidade / de dedicação à agricultura. Nesse jogo de interesses como é óbvio, a sociedade menor sempre sai perdendo e, além disso seus membros são acossados pelos meios policiais.

TENDO OS FAZENDEIROS O MANEJO POLICIAL, AS PRISÕES E AMEAÇAS DE CASTIGOS, TAIS COMO O "BOLO" DE PALMATÓRIA E O "CARIMBO" OU SEJA A MARCAÇÃO A FERRO EM BRASA, SÃO USUAIS;..."

Aí está a situação dos índios do Território de Roraima os já integrados (?). Os demais, tão logo cheguem em seu território as frentes pioneiras, seja de exploração agro-pastoril, seja de exploração de garimpos, terão o mesmo melancólico fim. As pesquisas de Edson Diniz e E.Migliazza, ambos do Museu Emilio Goeldi, são recentes - 1964 e 1967.

Como nas demais áreas do Território Nacional, onde ainda sobrevivem grupos indígenas, nos parece que é este o momento de tomarmos uma posição corajosa, para um planejamento equilibrado, sem improvisação, para que possamos executar uma política de integração com continuidade administrativa, sem livrar o índio à situação vexatória de - escravo da gléba:

Já planejamos para o Território de Roraima o Parque Indígena do Parima na Ilha de Maracá (rio Uraricoera), as Colônias Indígenas de Fronteira a serem localizadas: a) nas cabeceiras dos rios Panari, Ailan e Maú na fronteira com a Guiana Inglesa: b) nas cabeceiras dos rios Catrimani, Lobo d'Almada e Maçuláu, aproximadamente dentro das seguintes coordenadas: Lat. 2º 15' 53" Long. 63º 9' 31".

Posteriormente serão criadas mais duas Colônias de Fronteira, uma nas cabeceiras dos rios Mucajá e Parima e outra nas cabeceiras do rio Anaris, região limítrofe com a Venezuela.

Temos finalmente o atual Posto de São Marcos, sede da Ajudância do mesmo nome e que será subordinada à 1ª Delegacia Regional com sede em Manaus. Essa Ajudância supervisionará as Colônias indígenas de Fronteira e a Colônia Indígena Agropastoril de São Marcos que substituirá o Posto de São Marcos e a ~~Rua~~ Fazenda do mesmo nome.

O Posto de São Marcos e a Fazenda São Marcos incluindo-se os seus cinco Retiros serão substituídos pela Colônia Indígena Agropastoril de São Marcos que terá a mesma área da Fazenda de São Marcos. Primitivamente (1921) a Fazenda de São Marcos ocupava 60 léguas quadradas, pilhagens sucessivas reduziram-na a 15 / léguas quadradas. As 45 léguas pilhadas foram transformadas em várias fazendas de criação e, indubitavelmente, para elas "transferiram", também, grande parte do gado de São Marcos.

Essas 15 léguas devem ser demarcadas com urgência. Os seus limites são na maioria limites naturais, rios navegáveis, a única dificuldade está no limite norte - uma linha seca. Ao / sul é a confluência dos rios Branco e Tacutuú, a leste os rios / Tacutu' e Surumu, a oeste - rios Branco e Parima.

Além da sede, a antiga Fazenda de São Marcos conta com os seguintes Retiros para o seu criatório - Xiriri, Teiú, Milho Páu Rainha e Chiquiba.

A Colônia indígena Agropastoril de São Marcos além da sede da Ajudância será base de abastecimento às Colônias Indígenas de Fronteira e Parque do Parima, funcionando em sistema de Cooperativa Mista, podendo servir de Posto de Remonta em convênio com o Ministério da Agricultura, selecionando reprodutores / não só para a Colônia como também para os fazendeiros vizinhos.

De um memorial datado de 31/4/51, a nós encaminhado, pelo engenheiro agrônomo Dorval de Magalhães, quando dirigimos o SPI, transcrevemos os seguintes trechos:

"Cumpre dotar o Posto de São Marcos de um trator Caterpillar TD14 ou equivalente em HP, cuja principal finalidade será efetuar o destocamento nas terras de matas, sem o que todas as demais práticas mecânicas serão prejudicadas".

"Na qualidade de agrônomo e conhecedor da região creio estar a altura de afirmar a V.S^ª., que sem a referida máquina é praticamente impossível desenvolver-se economicamente São Marcos de acordo com as necessidades prementes do SPI nesta região".

"Com a prática de destocamento pode-se substituir a pastagem nativa de fraco valor nutritivo pela plantação de espécies forrageiras mais indicadas à alimentação do gado, utilizando-se as terras de matas, conforme ficou dito acima, prática aconselhada pelos técnicos e que, estudando o assunto, são acordes / em afirmarem a quase total esterilidade dos solos nos campos gerais riobranquenses, nos quais qualquer cultura sem prévia adubação, química ou orgânica, está fadada ao mais completo fracasso, o que a prática tem demonstrado. Ademais cabe referir que êsses corretivos somente poderão ser levados ao solo depois de pesadas despesas, em virtude do alto preço dos fretes da região, onde, aliás, não existem adubos expostos à venda, precisando por isso / serem importados.

Explica-se a necessidade de pastagem artificial neste Território porque os solos vão se tornando cada vez mais esterelizados pela ação destruidora do fogo, que embora proibido, continua causando seríssimos prejuízos, visto como é assaz difícil denunciar os transgressores respectivos, dada a vastidão dessas áreas. Dá ser aconselhável o abandono do método de criação extensivo, / único até agora empregado no Rio Branco para passar-se ao semi-intensivo:

Além da iniciativa acima descrita, outros trabalhos precisam ser planejados e executados em São Marcos. Eis alguns deles:

- a) seleção do gado - bovino, equino, suíno, ovino, etc
- b) aquisição de reprodutores;
- c) construção de cercas, currais, etc.,
- d) idem de casa redidências para índios e empregados;
- e) idem do prédio para instalação definitiva do Sanató-
rio General Rondon;
- f) idem de pontes, pontilhões, pocilgas, câmaras de /
fermentação e expurgo, além das obras de acabamento
do prédio sede e banheiro carrapaticida".

Como se verifica, essas necessidades "prementes" eram /
pedidas em um memorial datado de 31 de Abril de 1951. Daí para /
cá nada foi feito, o pouco que existia deve estar transformado /
em sucata. A Colônia, ou melhor, a Adudância, terá que dispor de
meios de locomoção, lanchas, canoas, Jeeps, motores de popa, etc.

Sugeria que fôsse determinado à Chefia da 1ª Inspeção
Regional que, durante uns 5 anos, a receita de todo o gado vendi-
do (bois e vacas imprestáveis para reprodução) da Fazenda de São
Marcos será empregada na aquisição de reprodutores, novilhas ra-
ceadas, equinos, suínos, caprinos, bem como arame farpado, medi-
camentos veterinários, etc. - É este, segundo creio, o único mei-
o de atendermos esse criatório - renovando-o para a técnica semi-
intensiva melhorando, também, a alimentação do índio, valorizan-
do o criatório e assim o Patrimônio!

Para que se tenha uma idéia de como não se deva adminis-
trar uma Fazenda fiz um quadro comparativo do gado vacum da Fa-
zenda de São Marcos do ano de 1943 e 1968.

POSTO DE SÃO MARCOS
SITUAÇÃO DO GADO VACUM

SEDE E REPIROS	1943	1968	EM 25 ANOS	
			A MENOS	A MAIS
SÃO MARCOS	1.577	383	194	
XIRIRI	1.576	1.177	399	
TEIU	769	541	288	
MILHO	744	295	449	
PÁU RAIBIA	351	503		152
CHIQUIBA	627	447	225	
TOTAL	4.689	3.346	1.495	125

OBSERVAÇÃO

Em 25 anos o criatório de São Marcos teve uma redução de 1.343 cabeças. Um confronto com a venda de bois e vacas imprestáveis para reprodução - demonstra o desvio criminoso do gado.

Dos Retiros o mais prejudicado foi o Milho (744 295) e o único que teve aumento mesmo irrisório, para 25 / anos, foi - Páu Rainha 351/503.

Em 11 de Novembro de 1968.

Fundação Nacional do Índio
Departamento do Patrimônio Indígena

Jose M. da Gama Macher
Diretor

FUI HOSPEDE DOS INDIOS ATROARIS

Alberto Pizarro Jacobina

O Coronel Alípio Bandeira, que instalou oficialmente, em 1911, a Inspeção de Índios do Amazonas, falava / nos indígenas, então todos tidos por Jauaperis, como sendo ha-
bitantes do vale do Jauaperi-Alalauá e com eles obteve conta-
tos amistosos. Na verdade, não existiam índios com aquele no-
me.

Já deviam ali viver, àquela época, os Waimiris, ha-
bitantes do grande bolsão formado pelos rios Alalauá, Jauaperi
Negro, Amazonas e Nhamundá, em cujas cabeceiras, bem próximas
do Alalauá, se fecha, açambarcando os vales do Camanaú, Apiaú,
Urubu, Uatumã e Jataú.

Nessa região se encontra o habitat, já bem antigo
dos silvícolas ainda listis no Estado do Amazonas. Localiza-
dos ao norte de Manaus, com limites naturais bem definidos, se
mantinham eles entre o Território de Roraima e o Pará, tendo
ao sul o Rio Negro e o Amazonas e ao norte o fundão da Guiana
Inglês, por onde, certamente, se comunicam com outras tribos
suas aliadas. Mais recentemente, surgira o nome dos Atroáris,
como sendo os massacradores, tribo que, há mais de um século,
vivia no vale do Tacutu, rio que nos separa da Guiana Inglesa.

Sempre Massacrados

Hostilizados, desde muito, pelos seringueiros e /
castanheiros do lado do Brasil, sofrendo verdadeiras investi-
das por parte dos chamados civilizados que se aventuravam em
busca de produtos da indústria predatória do extrativismo, /
quer florestal, quer de minérios do subsolo, em que é riquís-
sima a região, resolveram adotar a política do isolacionismo
como medida de segurança para uma existência pacífica e tran-
quila em seu próprio território.

Isso tem dado origem aos recentes massacres contra
aqueles que vem tentando atraí-lo. A verdadeira expressão ado-
tada oficialmente, é atrair e não pacificar, o que é fácil de
compreender, pois em paz estão eles há muito tempo, saborean-
do macaxeira, banana, tucumaré, beijus e frutas silvestres. Eu
estive pessoalmente com os Atroáris e recebi como presente es-
sas iguarias indígenas, e entre elas um belo cacho de banana
oubo em troca de uma linda fac. Lembro-me ainda, como se fosse
hoje, de meu repentino encontro com os Atroáris, quando singra-
va o Alalauá em demanda da Cachoeira Crininosa.

Sacrifício dos Irmãos Briglia

Em princípios de 1942, o major Chauvin, então chefe da Inspeção de Índios do Amazonas, instalaria dois postos de Atração: o do Camanaú e o do Jatapu, rio este já hoje cobijado pelas possibilidades ferríferas de seu subsolo. No Camanaú, o major Chauvin esteve pessoalmente com os Atroáris, que se deixaram fotografar e o ajudaram inclusive na instalação do Posto. Tive essa fotografia em mão. Mas o infarto, nos tendo roubado bruscamente aquele operoso, inteligente e culto oficial do Exército, não permitiu que ele elaborasse o seu relatório. Ignoro o destino que tomou aquela foto. Quando assumi a chefia do Amazonas, em janeiro de 1943, fui surpreendido com o massacre do Posto de Atração de Camanaú, no final de 1942. Compareci ao local. Refiz o Posto de Atração dando-lhe o nome que figura oficialmente nos mapas com as coordenadas astronômicas, de Posto Indígena Irmãos Briglia, os dois irmãos então massacrados, sem que se tivesse esclarecido até hoje os verdadeiros motivos. Nessa oportunidade, os índios não me apareceram.

A FOTO PERIBOSA

Em fins de 1944, o levantamento aero-fotogramétrico da região levou o Tenente Williamson, Oficial do Exército americano, que se achava no chamado front da borracha, a ter que amarrar em terra firme, por observações astronômicas, os tres pontos para a confecção da carta. Procurou-me, pois com ele já mantinha relações pessoais iniciadas em Itanaus e coloquei à sua disposição o que pude para sua viagem ao interior.

Sua primeira tentativa não atingiu o alvo desejado, devido a um acidente ocorrido nos pedrais com o motor de popa. Na segunda, verifiquei que ele não era muito obediente às normas do SPI, razão por que só lhe cedi o motor e a embarcação, aconselhando a que contratasse gente para sua viagem. Não poderia arriscar os meus auxiliares especializados sob as ordens de um chefe despreparado.

Aconselhei inclusive que, ao subir o Alalaú, não entrasse no Repartimento dos Índios e se estes o chamassem não fizesse caso, não encostasse ao barranco para parlamentar, pois eram índios arredios e hostis, de contato perigoso. A desobediência o levou ao encontro com os índios, que estavam acompanhados de mulheres e crianças, portanto com predisposição pacíficas. A sedução do emprego da máquina fotográfica, em

cuja arte ele era exímio, foi a causadora do massacre, no qual ele perdeu a vida juntamente com um sargento americano e tres caboclos nossos, na altura da Criminosa. Num gesto brusco, retirou o caboclo da popa do batelão e, segurando o motor, aprou para a praia, dizendo: "Brasileiro bobo, tem medo de índio. Vou tirar fotografia para mandar para a América". Apesar da advertência dos Atroáris gritando, receosos: "marupá, marupá". significando forte rejeição a tudo que lhes cause terror, como "não queremos", "é mau", "não presta"; e, embora os caboclos da embarcação lhe gritassem para esconder a máquina fotográfica, a qual, após uma irrefletida carreira para aproveitar melhor a luz, apontara para o grupo indígena, ele insistiu em tirar a foto. Foi o fim. Ao bater a chapa, recebeu incontinentemente, duas flechas no peito e com isso sobreveio a tragédia / final da expedição Williamson. A sobrevivência do caboclo motorista nos permitiu conhecer toda a extensão da tragédia. A pedido do Governador Álvaro Maia, providenciei uma expedição por mim chefiada para o resgate do corpo do Tenente Williamson, vivamente reclamado pelo Governo americano.

HOSPEDE DOS ATROARIS

Uma expedição organizada com vinte e poucos homens entre os quais levei o meu jovem auxiliar Gilberto Pinto Figueiredo Costa, home respeitado sertanista, logrei contato com os Atroáris bem antes de atingir a Criminosa. Um tanto inesperado nosso encontro causou certo frisson, pois levávamos em nossa / Companhia um Capitão e um Tenente americanos que deveriam proceder à identificação do cadáver.

Em certa curva do rio, os índios em alarido nos / chamavam para a praia de areias brancas em que se achava. Mandei que atracássemos na margem oposta num galho de ingarana p/pendente. Iniciou-se, então, a conhecida fase do namoro, resultante do receio recíproco da aproximação desejada. Eu lhes oferecia, de longe, terçados, machados e objetos de utilidade e eles me respondiam: "qui tucanaré, banana, macaxeira" Durante um certo tempo insistia permanecemos nesse diálogo, sem que nem um nem outro tomasse a iniciativa do contato, quando me ocorreu dirigir-lhes a palavra chave: "qui Jaconô. qui Jacono" gritei / tres vezes, bem alto: ao ouvirem a expressão jaconô, significando "homem bom", precipitaram-se em suas igarités, repetindo com a infantil ingenuidade, que tanto os caracteriza: "jaconô. jacono. jacono." ... e entrando rápido em suas esguias ubás, rumaram célere ao nosso encontro.

Foi uma alegria geral. Mas, remando em chicote, isto é, as canoas em fila, numa tática executada com impressionante rapidez, colocaram-se em sandwich, atracando pelos dois bordos da minha embarcação. Eu não tinha dúvida de que, além de cercados por água, estaríamos visados por terra, pois da margem oposta partiriam flechas, ocultas no arvoredo, no caso de algum atrito entre nós. Minha tática consistiu em desarmá-los prudentemente. Cada um que recebia de minhas mãos terçados e brindes, me entregava uma dádiva amistosa, como fossem as flechas e os arcos que portavam. E, assim, ultimada a troca, vantajosíssima para eles, tranquilizadora para nós fiz-lhes ver que eu iria subir o rio e nada lhes disse da finalidade que levávamos, para que não supusessem possíveis represálias de nossa parte. Perguntaram-me quanto tempo eu levaria. Respondi-lhes com o gesto clássico, deitando por três vezes o rosto sobre a palma da mão, que iria dormir três noites, após o que retornaria e então trocaríamos brindes. Abrindo caminho, para que o nosso motor singrasse célere, nos despedimos.

Na Criminosa, local bem marcado pelo massacre, recolhi o esqueleto do Tenente Williamson, assinalado pelo anel e oburações dentárias. As piranhas lhe haviam devorado a carne. E nós nos reforçamos em nosso rancho com o saldo de enlatados deixados pela expedição Williamson e de forma alguma tocados pelos índios.

Recolhemos a bela espingarda de chumbo cano duplo e o aparelho de astronomia com o resultado do levantamento efetuado das coordenadas. Infrutíferos foram os esforços que fizemos por encontrar a máquina fotográfica, causadora de tão lastimável desfecho, e que certamente nos haveria de revelar o aspecto físico dos Atroáris com suas mulheres e crianças. Lembro-me apenas de que reconheci neles o jovem cacique que figurava na fotografia do Major Cauvin. Na minha expedição eu havia proibido o porte de máquinas fotográficas, para evitar possíveis complicações.

Depois desse meu contato houve outro massacre, em fins de 1946, no Posto Irmãos Briglia, em que pereceram vários funcionários do SPI e o chefe do Posto. Nessa oportunidade eu já não estava mais na chefia da Inspetoria do Amazonas.

(O JORNAL do Rio de Janeiro, 24/12/68).

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO
Nº 104 - 14/01/1969
Seção de Comunicações mix

R E L A T O R I O

Do: Sertanista JOAO AMERICO PEREIRA
Para: O Sr. PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO

Assunto: Depoimento do Mateiro ÁLVARO PAULO DA SILVA

"A Expedição de Atração dos Índios Atroaris chefiada pelo Padre Giovanni Calleri, contava com as seguintes pessoas:

Padre Giovanni Calleri
Álvaro Paulo da Silva
Manoel Mariano Ferreira
João Geraldo Gouveia Martins
Manoel Nascimento
Benjamin Ribeiro Meneses
Eduardo Francisco de Oliveira
Aragão Rodrigues de Oliveira
Marina Pinto da Silva
Maria Mercedes Salles

Saimos de Manaus para São Gabriel no dia 13 de outubro, alguns chegaram ao Acampamento do D.E.R.A.M. no Rio Santo Antônio do Abonari, ainda no mesmo dia; os outros no dia seguinte; o Padre Calleri, retornou à Manaus, para ultimar proviências e fazer contatos com pessoas interessadas na "operação".

O Padre Calleri somente retornou no dia 22 e seguimos imediatamente viagem de barco em busca das aldeias localizadas na Cabeceira do Rio; o pernoite foi a 30 km aproximadamente; tivemos a primeira reunião da Expedição, na qual o Padre nos informou dos objetivos de nossa Missão: visitar todas as Malocas da Região, seguindo depois por terra com os índios Atroaris transportando as bagagens até o rio Alalauá, onde seria montado acampamento definitivo.

No dia 23 viajamos bastante até encontrarmos um porto de antiga Aldeia que havia sido queimada; mas não havia ali vestígios de índios e somente 18 ubás, indicando ser o porto principal dos vários aldeamentos. No local existe também uma corredeira formada por pedras no meio da qual está fincada uma bandeirola que assinala a passagem da Expedição da FUNAI, quando esteve em visita aos Índios dois meses antes. Paramos e montamos acampamento-deposito, já que o rio se tornava cada vez menos caudaloso, dificultando a viagem.

Dia 24, a Expedição foi subdividida, permanecendo no local, Maria Mercedes, Eduardo, Benjamin e Manoel Nascimento; enquanto seguimos com o barco, Padre Calleri, Eu (Álvaro Paulo), Aragão, Mariana, João Gouveia e Manoel Mariano. Chegamos em uma Ilha no meio de um pântano (chavascal), formamos acampamento para o pernoite; imediatamente montamos o rádio (fonia), para as mensagens diárias.

Dia 25, viamamos desde cedo, cada vez com maior / dificuldades, por causa das obstruções no rio. Formamos novo acampamento onde pernoitamos, não vimos Índios mas tudo indicava que estavam próximos.

No dia 26, ainda pela madrugada ouvimos um galo / cantar, o que confirmava a proximidade da Maloca. O Padre mandou-me fazer disparos para o ar, afim de avisar os Índios de nossa presença; depois do que, iniciamos a recolher a fonia e outros materiais; súbito, ouvimos um indio gritando-nos JACANUM MARÉ ... JACANUM MARÉ... fui ao seu encontro repetindo a mesma frase: JACANUM MARÉ... JACANUM MARÉ... (homem amigo), o Índio che chegou era meu conhecido do Acampamento do DERAM; a presenteí-o ao Padre Calleri. O Índio quiz trocar imediatamente seu arco e flechas por panela; não foi realizado a troca, mas o Padre prometeu realizá-la quando chegasse na Maloca. O Índio deu tres assobios e fez um grunido que não entendemos, mas deveria ser sinal de advertência a seus companheiros escondidos no mato. Embarcou na canoa e ajudou-nos durante a viagem, até que alcançamos o porto da Maloca, horas depois. Fomos recebidos por dois Índios, algumas mulheres e crianças, que traziam alimentos e mostravam-se alegres com nossa chegada; / tentando trocar imediatamente seus objetos, o Padre disse: "Depois farei a troca". Seguimos diretamente para a Maloca e o Padre quiz entrar imediatamente; acompanhei-o, mas dois indios, que estavam defronte a porta, abriram os braços impedindo-nos, e quando insistimos, eles nos empurraram levemente para trás. A maloca completamente fechada de pau-a-pique e muito grande, não permitia que se lhe devasasse o interior. Voltamos ao porto, onde iniciamos a construção de um acampamento; ainda sugeri que o mesmo fosse montado na outra margem do rio, mas o Padre disse: "Não, os índios são nosso objetivo e teremos que ficar o mais próximo possível d'eles". Aos poucos foram aumentando os colaboradores de ambos os sexos, as / mulheres encarregava-se principalmente de trazerem alimentos, os homens tiravam forquilhas, varas e ipoós para a armação da casa; havia ainda os que traziam objetos para a troca, mas / não era possível atendê-los. O Tucháua Maruága, distinguia-se dos outros por usar cortado no alto da cabeça um círculo, (coroinha) o cabelo é crespo, tem pelos nas axilas, peito e sexo; seu principal acompanhante também tem traços de branco. Uma Índia trouxe uma espécie de refresco feito de banana, entregando ao Tucháua, ele se serviu e passou para o Padre Calleri que também tomou e todos nós o imitamos.

O Padre Calleri recomendou-nos que nada fosse recusado e mesmo quando o Tucháua meteu o dedo na boca retirando-o cheio de saliva e meteu na boca do Padre não houve movimento de recusa. Novamente o Padre aconselhou-nos a aceitar-/mos tudo com resignação: comemos jacará, macaco e pagagaio moqueados; macacheira, cará e batata cozida. Terminada a construção, que foi coberta com uma lona, o Padre mandou-nos levar alguns objetos para defronte a Maloca, iniciando o pagamento aos índios que nos adudaram. Não havia interesse em trocas. Alguns homens, recusaram-se a receber uma ou duas caixas de fósforo, querendo pegar o maço; nesse caso ficavam sem nenhuma. O Padre lhe dizia: "Voce não quer, então dou a outro". O prejudicado / mostrava-se aborrecido, estalando os dentes e batendo nas nádegas, "cortava giria" com os outros. O Padre não dava consideração ao caso, pois não tinha medo. Passado aquele momento, o Padre procurava afabar carinhosamente o Índio, passando-lhe a mão no ombro e sorrindo, dizia-nos: "Nossa melhor arma é o sorriso" - com ele, conseguiremos aplacar a ira dos silvícolas. Realmente o Índio mostrava-se menos aborrecido e o Padre concluía: "Não acho correto dar presentes aos Índios e sim pagar seu trabalho". Novamente tentamos entrar na Maloca e os índios não ofereceram resistência. Contamos 103 redes armadas e algumas / tarimbas. O ambiente era sombrio não dando para se divisar todos os detalhes. Retornamos ao nosso Acampamento, onde aos poucos chegavam silvícolas desejosos de efetuarem trocas de seus apetrechos, mas não obtiveram êxito; tentaram penetrar num cercado que isolava nossa casa, mas o Padre retirava-os segurando pelo braço e levando-os até fora. Quando insistiam a cena se repetia até que, conformados, permaneciam do lado de fora. Na hora da mensagem, o Padre nos falou que estava admirado com o sucesso obtido; ter chegado na Maloca e dominado completamente os silvícolas, o que não ocorria no CATRIMANI pois os Índios / de lá eram desatenciosos. Eu não me iludia com o ambiente e disse ao Padre: "É daí que provém o perigo, pois os índios daqui são ardilosos, tem tido vários contatos e compreendem que o senhor não está gostando que entrem aqui; também acho que deveríamos dar comida a eles, já que estamos comendo e eles olhando"... O Padre disse: "Não permito que dêem aos Índios mesmo / que seja uma simples bolacha. Eles tem que compreender que somos superiores e só eu posso premiá-los. Creio que se caminhar mos nestes termos e nada nos acontecer durante dois meses, então os teremos dominado e subjugado a nossa vontade". Acabamos

de jantar e vi um índio com um remo de civilizado tendo gravadas as iniciais do chefe do Posto Irmãos Briglias. / Perguntei-lhe: "Ei, como é seu nome?... ele repetiu a mesma frase duas ou tres vezes. Depois pensou um pouco e disse: "Eu aqui Thomaz... "Perguntei: Onde Thomaz arranjou remo? "Ele respondeu: "Paulo bonito, bom, Maria bonita, bom"... Enquanto isso o Padre conversava com Tuxausa Maruága e combinavam para os guerreiros ajudarem-nos a transportar, no dia seguinte, o equipamento que estava na Aldeia Queimada. Os índios entendiam alguma coisa de portuguez, apesar da dificuldade de se expressarem. Ficaram conosco até quase 23 horas. O nosso pessoal não estava apreensivo e dormimos sem cuidados.

Dia 26/X, o Tuxáua veio muito cedo com alguns índios. Traziam material para trocar, principalmente arcos e flechas; nada foi accito. Enquanto tomavamos café, foi reiterado o pedido para nos acompanharem até a Aldeia Queimada e os Índios mostraram-se cordatos. Não lhes foi servido café, nem bolachas. Partimos para a viagem, mas notamos, logo em princípio, que não estávamos indo pela estrada principal. Tentamos fazê-los compreender que o caminho desejado não era aquele, mas os Índios pareciam ignorar-nos. Davam voltas e mais voltas pelo mato, sem levar-nos ao caminho principal. O padre ficou um pouco nervoso e reclamava constantemente, dizendo para eu seguir mais para a direita ou esquerda. Então respondi: "Padre, se os Índios não querem nos levar pelo caminho certo, também não ficarão sempre no mato. Voltarão à Aldeia, e seguiremos amanhã de barco". Dado o momento, paramos para um descanso. Então apanhei um papel de cigarros e um palito, fazendo um bandeirola que mostrei aos Índios e lhe disse: "João, ubá porção; banana porção; cana porção; Maloca Queimada; bandeira papai Gilberto aíá...".

O Índio pensou um pouco e falou: "Longe, longe / porção" Depois cortaram giria entre eles, soltando uns grunidos e os outros também falaram: Longe, longe e desejaram voltar. Prometi-lhes doces e o Padre, fazer as trocas que desejavam. Os Índios decidiram seguir-nos e pouco tempo depois saíram na estrada principal, de onde quatro deles voltaram. Caminhamos o resto da tarde. Chegando à Aldeia Queimada, atravessamos para o nosso Acampamento. Foi preparado jantar para todos, mas os Índios preferiram comer peixes com farinha, tomaram café com leite e comeram doce. Abrimos uma lona no chão, que serviu de cama para eles.

Dia 27/X, os Índios tentaram realizar trocas de seus artefatos, mas não foram atendidos. O Padre preparou a carga que os Índios deveriam transportar e acompanhados pelo Manoel Mariano, Eduardo e Piaui, saíram para a Aldeia Geminada. Ficando no Acampamento, falei ao Padre: "Não estou gostando do rumo que estão seguindo as coisas. O Sr. está sendo muito rígido; estes Índios estão mal acostumados e não estão gostando de receberem constantes negativas, às suas investidas de trocarem seus objetos. Não pretendo continuar na Expedição, vou embora mesmo a pé: não sei se o Sr. sabe dos massacres que eles fizeram, mas eu tenho ouvido falar muito sobre o assunto". E contei alguns casos. Quando terminei, o Padre parecia menos confiante e sugeriu: "Paulo, voce espera o Manoel Mariano voltar com o barco e seguirá com ele até o Acampamento do DERAM. Ou ainda, voce ficará aqui, enquanto eu irei até as várias malocas e quando voltarmos, seguiremos todos juntos para Manaus". Prometi pensar no assunto...

Dia 28/X, tínhamos no armazem para atender as necessidades da Expedição, mais de 600 metros de tecidos, camisas e calções em quantidade, ferramentas e uma infinidade de outros objetos, mas o Padre achava que não deveria dar nada aos Índios principalmente roupas que, segundo ele, depois que os índios usavam, jogavam fora. Durante a noite tive sonhos e maus pressentimentos, fortalecendo mais a minha convicção do eminente perigo. Fiquei verdadeiramente sobressaltado quando vi os silvícolas chegarem por terra, sem nenhuma acompanhante civilizado. Então falei ao Padre: "Tomemos cuidado, pois não sabemos o que eles terão feito lá pelo acampamento". Os Índios eram doze, trazendo arcos e bastante flechas, que poderiam ser para a troca ou para nos atacarem. Perguntei aos silvícolas onde estavam nossos companheiros e os Índios responderam: "Jacanum cail" (gente na canoa)... Horas mais tarde, quando a embarcação chegou, vinham mais dois Índios trazendo bastante material para a troca, até mesmo uma pele de onça. Repreendi meus companheiros pela inexperiência como agiram. Os Índios foram bem recebidos e desta vez o Padre trocou os objetos: a pele de onça por uma panela... etc. etc.

Dia 29/X, o barco foi até o acampamento do DERAM, buscar combustível para o motor de rádio e outros objetos, seguindo juntos os meus dois Índios, que vieram na embarcação. Na parte da tarde os Índios mostraram-se bastante contrafeitos pela demora dos companheiros e do barco. Falei-lhes que talvez houvesse algum problema com o motor o que justificava o atraso.

Mesmo assim, o ambiente somente desanuviou quando o Barco regressou com os acompanhantes sãos e salvos. Os silvícolas passaram o resto do dia satisfeitos, havendo somente um constrangimento quando o Padre insistiu em que se deixassem fotografar. Subbarcaram numa canoa e foram até a beira da corredeira, trêmulos de medo; mas acabada aquela cena, tudo voltou ao normal. Outra demonstração de pavor observa-se quando meu cachorro latia, pois subiam até 4 índios nas árvores e pediam-me: "Paulo, cachorro marupá" (brabo). Amarrei evitando novos incidentes. Maria Mercedes, observou que os índios estavam escondendo pratos e colheres e falou ao Padre. Ele pediu que ao surpreendê-los no ato do furto, lhe avisasse. Quando tal aconteceu, o Padre, tomando o prato do silvícola, lhe falou: "Padre aqui, marupá. Índio roubando, Padre aqui pega espingarda e POM...POM... Índio morre". Imediatamente fiz ver ao Padre o erro que cometera, em ameaçar o índio com a espingarda e a palavra "marupá". O Padre pediu-me "Você está com medo? Disse-lhe que sim; apesar de ter coragem de atravessar toda a região pelo mato, mas do jeito que o Padre estava tratando os índios, precipitava um desfecho perigoso contra o nosso pessoal. Corri onde estava o Tucháua e seu secretário para contornar a situação, pois que todos estavam abandonando o acampamento. O Tucháua e o outro não quiseram retornar e disseram: "Cachorro marupa". Portalecendo a expressão estalavam dos dentes e davam-se palmadas, olhando para o Padre. Os outros índios desistiram de ir. Perguntei ao Padre: "Caso os índios nos ataquem, poderemos revidar para nos defender?": O Padre disse: "Não, não adiantaria nada, pois que eles são muitos e nós morreríamos sempre; se eu notar que eles querem nos matar, darei tudo que temos e nos retiraremos". Repliquei: "Não adiantará mais nada, pois morreremos do mesmo jeito".

Dia 30/X, procurei convencer os companheiros dos perigos que corriamos, convidando-os para abandonarem a Expedição, mas não tive êxito, e o Padre pediu-me que não tentasse influenciar os outros. Então falei: "Sei que todos morreremos, pois o sistema com que o Sr. está tratando os silvícolas é rígido. Nossos companheiros são adultos e poderão decidir sobre o caso sozinhos. Assim mesmo, apesar da promessa de não tocar mais no assunto, tornei a falar principalmente ao meu comrade, mas todos estavam comprometidos, pois haviam recebido adiantamentos. Ainda propus ao meu comrade devolver o dinheiro para que restituísse ao Padre, mas os argumentos não foram bastante persuasivos. Falei ainda, ao Manoel Mariano: "Você está liderando o grupo, no meu lugar; converse com o Padre, para desistir de pros-

seguir na Expedição e eu irei com voce à Aldeia / Geminada, distribuiremos o que tem lá e retornaremos com o pessoal". O Padre não aceitou e pediu que eu ficasse ali até sua volta, que se daria poucos dias depois, quando sairíamos todos juntos, para Manaus. Disse-lhe que tentaria esperar, mas sem compromisso.

Dia 31/X, aconselhei aos companheiros que no caso de um ataque, fugissem por terra, rumando diretamente para a estrada. Depois do café matinal, saíram por água, Manoel Mariano, Manoel Nascimento, Eduardo e Mar a Mercedes; por terra, seguiram o Padre Calleri e o João Gouveia, ficando eu apenas ali. Iniciei a construção de uma balça, para o caso de ser obrigado a abandonar região. Quando o dia terminou, a balça estava pronta. A noite, por medida de segurança armei a rede fora do acampamento.

Dia 01/XI, passei a noite intranquilo, sentido verdadeira necessidade de ir até a Aldeia Geminada para tentar convencer pela última vez o pessoal que se retirassem comigo; ou para me certificar que estava errado e tudo não passava de imaginação. Atravessei o Rio e rumei pela estrada dos Índios, com o cuidado necessário para não ser surpreendido pelos guerreiros. Cheguei até o novo roçado da Aldeia Geminada, mas não saí logo em campo aberto; fiquei espreitando e não notando coisa alguma que indicasse a presença dos índios no local, esqueci-me momentaneamente dos perigos e lembrei-me ainda que o Padre tencionava visitar as outras Malocas, sendo possível que todos estivessem seguidos para o passeio, deixando a Aldeia completamente só. Assim pensando e lembrando que pelo menos o pessoal da fonia teria ficado para as mensagens diárias, abandonei meu esconderijo e segui despreocupadamente rumo ao Acampamento na beira do rio. Quando já estava próximo à Maloca em construção, meus olhos pousaram instintivamente num corpo que jazia por terra, tendo a camisa entreaberta ligeiramente e o crânio oculto por estar do outro lado de um tronco de árvore caída. Meu primeiro impulso foi correr dali e, quando dava meia volta, vi um segundo corpo, caído junto a umas bananeiras. Também não tive oportunidade de ver quem era. Tratei de correr embrenhando-me no mato, onde fiquei escondido até escurecer completamente. Então saí na estrada e viajei o mais rapidamente possível de volta ao Acampamento da Aldeia / Geminada, tendo feito o percurso de volta em aproximadamente / 3,30 horas; atravessei para o nosso Acampamento onde peguei objetos, principalmente alimentos, embarcando com o meu cachorro

e segui viagem mesmo à noite, empurrando a balça com uma vara. Quando o dia amanheceu, reforcei a balça com mais algumas varas e segui até alcançar o Rio Uatumã, observando apenas pássaros e animais caminharem na margem do rio, não podendo identificar ou perceber se fui ou não seguido pelos índios. No Rio Uatumã, quando estava formando Acampamento, ouvi latidos de Cachorros e depois uma lanterna foi acesa. Ouvi vozes e gritei. Eles responderam. Dirigi-me para lá, encontrando dois caçadores que serviram-me café e com eles passei a noite, no dia 03, viajei com a canoa que me emprestaram a troco do meu cachorro. Dia 9 encontrei dois geólogos do Departamento de Minas e Energia, chamavam-se OTION e o outro GILBERTO. Disseram-me que estavam esperando um barco que deveria chegar dentro de um ou dois dias, e poderiam me transportar até Itacoatiara. Aceitei o convite. Chegamos aquela localidade no dia 20. Procurei as irmãs e informei-as do ocorrido. Elas não me acreditaram mas comunicaram-se com Ianaus, para onde fui transportado no dia 23 pelo PARASAR. Fui encooperado a "OPERAÇÃO DE BUSCA E SALVAMENTO", PAR, PARCAR e FUBAI".

O presente depoimento foi gravado em fita magnética na localidade de Lourea, no Rio Negro no Amazonas, pelo Sertanista JOÃO AMÉRICO PERET.

João Américo Peret

Jap/1R

Neste posnto serà inserido o RELATÓRIO
do J. Américo Peret; já em nosso poder.

P A D R E C A L L E R I

OS INDIOS DO CATIMANI ESTÃO DE LUTO

e ficarão mais tristes ainda quando
souberem que a ferocidade dos índios
Atroaris foi motivada pela desumani-
dade de gente que tinha a cor do
Padre Calleri

p.hilário cristofolini
13 de dezembro de 1968

Agora ele morreu.
Agora toda a expedição também morreu.
Agora os índios do Catrimani que ele pacificou
estão de luto.
E vão morrer sem saber, talvez, porque nasceram...
sem saber, talvez, porque estão vivendo.
Vão morrer sem saber, talvez, o que é a morte.
Vão morrer sem saber porque morreu padre Calleri.

Os índios do Catimani estão de luto.
E ficaraão mais tristes ainda quando souberem
que o padre Calleri foi massacrado
sob os tacapes de outros índios.
E ficarão maistristes ainda quando souberem
que a ferocidade dos índios Atroáris
foi motivada pela desumanidade de gente
que tinha a cor do Padre Calleri.

Padre Calleri...

um branco bom, trabalhador, talvez inteligente demais
que muita gente apredndeu a amar,
até os índios do Catrimani...
e que fez muita gente medíocre desconfiar.

Entre os índios que agora estão de luto,
ele era estudante e doutor:
deles apredndu a correr pelo mato;
a descobrir o esperto mutum e meio à galharia.
E a sofrer as picadas dos piuns, durante o dia,
e à noite, dos carapanãs.

Aprenddu a respeitara o indígena, seus usos e costumes
e suas manifestações.
E dele os índios aprenderam a mar e respeitar
a autoridade do tuchaua.

Lentamente foi aramando-os de machados, foices e facões,
para lutarem contra a floresta e roubarem o chão.
Lentamente ensinou-lhes o plantia da mandioca,
da batata, do milho e do feijão.
E depois de algum tempo, Calleri lhes "apresentou"

e com solenidade,
a primeira galinha, o primeiro porco e o primeiro cão.

Foi demais a surpresa dos índios e sua estupefação...
ao verem pela primeira vez estes animais.

E o padre me contava depois:
destes bichos, quem ganhou maior cartaz, maior simpatia,
não foi o cão, com toda sua fidelidade, mas foi o porco.

De fato, numa de suas ausências, um grupo de índios,
foi atacado pela fome:
mataram e comeram o cão;
enquanto o porco dormia, tranquilamente,
debaixo das redes, com os indiozinhos...

O primeiro encontro do padre com estes índios,
foi, talvez, marcado pelo relógio?
ou foi, talvez, marcado por Deus?

Talvez fora marcado pela bondade dum homem
que o extinto S.P.I. desconheceu;
e que a atual FUNAI ainda não descobriu,
felizmente, talvez...

Foi o padre Bindo.
Outro gênio, paciente e bom,
que há quase 15 anos vive entre os índios do Apiaú.
Foi ele quem estradou o padre Calleri
nos primeiros passos para além da cortina da civilização.

Lá no alto Apiaú
não existe correio, não existe estrada, não existe nada.
Mas a fama da bandade deste padre
corre mais rápida que as águas assassinas do Apiaú.
(Águas assassinas- diga-se de passagem-porque mataram
outro grande amigo dos índios: padre Ricardo Silvestri).

Diziámos: a fama do Padre Bindo era grande entre os índios.
Um dia ela chegou às margens do Catrimani.
E um grupo de índios armados de flechas, arcos e tacapes,
e muita desconfiança,
caminhou semanas inteiras na esperança
de conhecerem o branco bom.
Encontraram Bindo e Calleri
comendo com os índios o fruto de seus trabalhos

Foi o abrir-se de nova epopéia.

Padre Calleri, logo mais, sobrevoou a região do Catrimani. Riscou muitos papéis. Estudou e planejou.

E um dia, em Boa Vista, ergueu o braço e apontou para longe para além dos 550 quilômetros de rios e florestas bravias, e falou:

"vou lá esticar minha rede e erguer meu "tapiri".

Passou semanas, escolhendo a dedo seus homens.

Preparou-os psicologicamente

e esmerou-se, demoradamente,

na composição de sua primeira expedição.

E naquela vez, virou de vez as costas para o mundo.

Subindo rios, descendo rios e vencendo cachoeiras,

navegou por semanas inteiras, parando muito, repousando bastante...

queria acostumar seu grupo, não à simples união, mas à perfeita unidade de ação e pensar.

Foi importante noticiado para toda a expedição.

Após 28 dias de viagem,

embicou a canoa num cotovelo do rio Catrimani.

Como foi seu primeiro encontro com os índios ignotos?

Não sei.

Somente sei que não houve branco imprudente com ele.

Não houve orgulho, temeridade, nem curiosidade e insensatez.

Não houve ameaças, escravidão, precipitação nem estupidez.

Não houve golpes de tacapes, nem flechas, nem mortes.

Padre Calleri sabia o que queria.

Havia estudado e preparado tudo direitinho.

Havia formado, sem pressa, a psicologia de sua gente.

Querida chegar entre os índios sem medo e sem cansaço, nem físico nem mental,

para neste primeiro encontro evitar qualquer possível fracasso.

E já naquele dia esticara sua rede

ao lado das redes dos índios

na curva-cotovelo do Rio Catrimani.

Respondia-me Calleri, ainda neste ano, em São Paulo:
"Não fui ao Catrimani para civilizar...
nem tampouco para evangelizar,
ensinando aos índios o Sinal da Cruz.
Nem serei eu a falar aos índios
sobre alfaiates e costureiras.

Há coisas mais importantes do que estas agora:
ganhar a total confiança de outras malocas
para ajudá-los a lutar na velha batalha
contra a fome e as doenças da floresta.
Lentamente hei de mostrar aos índios
que aquela terra é dos brasileiros
e que eles são mais brasileiros do que eu e voce".

Fala-se muito de paz, hoje em dia:
pacificação de estudantes,
pacificação de operários...
pacificação dos índios Atroaris.

Infelizmente há por aí muita gente,
teimosamente crente
que os melhores sinais de pacificação
sejam presentes ou partos de mão.

Pacificação... (quá-quá-quá)

Viveriam em paz os estudantes
com a abertura de algumas salas de aula a amis?
Viveriam em paz os operários
com um simples décimo terceiro salário,
e a distribuição de alguns presentes a seus filhos
no dia de Natal?

Estariam vivendo em paz agora os índios Atroáris
se Calleri os tivesse simplesmente convencido
a abandonar o local
da passagem da futura BR117?

Pacificação... (quá-quá-quá)

(Voce pode rir. A morte do padre Calleri não o enlutou como aos índios do Catrimani).

Em seus contatos com os índios este padre nunca mostrara tanta pressa como em Boa Vista, nestes meses, após as repetidas e apressadas pressões da DNER.

Padre Calleri. Padre Bindo.

lá permaneciam, por meses inteiros, encurralados na "Ilha do Nudismo".

"Ilha" - um pedaço de terra cercado de mato por todos os lados.

Veza ou outra o Bispo de Boa Vista

pagava um piloto para que sobrevoasse a região e jogasse do alto pequenos sacos de farinha, açúcar, sal, café;

e mais remédios e mais machados, e mais foices e facões

Padre Bindo - figura de pobre operário brasileiro:

foice às costas,

melhoral na mão...

Padre Calleri - 32 anos, explodindo juventude - recolhendo o pacote de açúcar estourado no chão, comentava, então:

"após tantas privações, como era gostosa a pedrinha de açúcar embora misturada com areia".

O avião...

quando sobrevoava pelas primeiras vezes a maloca, os índios apavorados se ocultavam no mato.

Depois se acostumaram a ver presentes estourando no chão.

Acabaram, enfim, colaborando com os dois brancos

a derrubar a mata para preparar o "ninho"

para o "passaro grande" pousar.

Os machados gemiam compassados.

Árvores gigantescas começaram a tombar.

Roram rolados troncos, arrancados tocos, limpo o chão.

Após 90 dias,

a pista se abria em dois imensos braços

para receber o primeiro avião.

"UM PADRE NA TIHA DO NUDISMO"...

foi o título da última reportagem que pude escrever do padre Calleri em vida.

Isso em outubro de 1967, quando, a seu convite, visitei a missão do Catrimani...

Leitor:

Ihe estou contando um pouco de tudo o que vi.

É muito de quanto fez padre Calleri,

voce poderá ouvir

quando gente simples e gente importante

da capital de Roraima, e em Manaus e Belém e Porto Alegre quiserem falar...

ele tinha portas abertas nas ruas e ministérios destas capitais.

Ele, que dos índios aprendera a nada pedir,

nem uma ponta de flecha sequer...

em favor dos índios, porém,

não se envergonhava de caminhar, por mes inteiro, se preciso fosse,

os caminhos do esmoleiro.

Em outubro de 1967, na rádio de Boa Vista, lia-se com ênfase, documento do extinto SPI dando louvores à habilidade e perícia do padre no trato com os índios... e criava na sua missão a zona reservada do índio, declarando-o único responsável na imensa região do Catrimani.

Efetivamente, as densas florestas do Amazonas, não conseguiam encerrar em seu bojo a fama do padre Calleri.

Ela já havia explodido em muitas outras malocas, que foram atraídas na famosa curva do rio que este italiano tornara famoso.

Índios que nunca haviam visto branco...

e por que não dizer? indios distantes que estavam sendo civilizados por protestantes, em outras missões.

Por que?

Padre Calleri havia construído uma praça em meio à floresta e ao centro erguera verdadeira mansão. As cores usadas na pintura mostram os requintes de sua psicologia indígena: o branco bem branco e o vermelho bem vermelho porque os índios gostam muito destas cores... Logo aprenderam a gostar da casa do homem branco trabalhador. E até ficaram morando alguns dias por aí. Mas depois, quase todos partiram para a floresta. Sabe-se, aliás, que também nossos índios do Catrimani tem direito de ser nomades demais. A fome os deloca para onde existe caça, para onde existe pesca, para onde existem frutos. E o padre, então, terminada a luta contra a mata, iniciara a guerra contra a fome: fez de sua praça roças de mandioca, e de seus canteiros plantações de batata... e fez de sua casa generoso armazem. Meses mais tarde mandou os poucos índios que lhe restavam a correrem a floresta como embaixadores e convidarem os índios a comerem em sua praça os primeiros frutos de seu trabalho.

Em promoções como estas, via chegar em sua "Ilha" até 600 índios. De início vinham desconfiantes, com arcos e tacapes, estudando todos os movimentos do homem branco. E em todos os movimentos de Calleri só viam gestos de bondade e respeito. Quando lhe pediam mais farinha, apontava as roças e ia com eles colher mandioca. Quando lhe podiam mais peixe, dava-lhes anzóis e os ensinava a pescar.

No pedaço de terra perdido no ôco do mundo,
Calleri era estudante e doutor:
Dele os índios aprendiam, lentamente, a comer
os frutos da roça com o suor de seus próprios rostos.
Aprendiam a valorizar tudo o que possuíam:
machados, feices, facões, fósforos, fios de nailon,
latas velhas, tudo, enfim... porque tudo vinha
sendo por eles pago... à prestações de horas de serviço.

Deles o padre aprendeu a saudar sem aperto de mão,
porque os índios do Catrimani detestam este gesto.
Aprendeu a falar sem erguer a voz, porque isso
para eles é sinal de gente brava.
Aprendeu a sentir-se alegre sem sorrir,
porque o riso no Catrimani é sinal de medo.
Aprendeu a não pedir e a não fazer presentes,
a não ser nos primeiros encontros.
E a não fazer fotografias de índios...
de fato são tão poucas as fotografias do Catrimani.

Quantas coisas aprendeu ele dos índios.
Quantas coisas tinha ele ainda que ensinar...
mas padre Calleri não tinha tanta pressa.

Muita pressa tinham alguns órgãos de lá, o DNER.
Lógico: se teu carro encalhar no sertão, terás
pressa também...
porque a ferrugem também tem pressa
quando tem ferro para roer.

Pressa...
o corpo de Padre Calleri e os de seus expedicionários
foram roídos, sem pressa, pelos bichos do mato,
pela chuva e pelo calor.

... Disseram-me que o mau tempo impediu.

O bem tem pressa para se difundir,
como o mal tem pressa para contagiar.
Na verdade o bem que o padre Calleri fez
às tres tribos que pacificou,
foi-se difundindo rapidamente pelo Território
de Roraima e em Manaus.

E por aí, já em outubro do ano passado, se cogitava em seu nome como o mais capacitado para a pacificação dos índios Atroáris. E já naquela época, o moço planejava a primeira visita muito rápida, porém, (era isso que ele queria) à primeira maloca dos ferozes Atroáris.

Duas coisas destacava, sumamente importantes: primeiramente sobrevoar a maloca por vários meses, jogando aos índios presentes, todos marcados, pelo mesmo sinal: círculo vermelho em superfície branca. Secundariamente, após os vários meses, então, alugar um barco, com muitos presentes e aparelhamento de rádio, e subir, até o possível, pelo rio Catrimani, em busca dos índios, previamente preparados... hastear no barco o mesmo sinal em tamanho maior, e navegar em demanda dos Atroaris. Visitar índios em companhia de outros índios era o ideal de Calleri

Mas muita gente tinha pressa. Por duas vezes partiram de Manaus a Boa Vista, em busca do padre Calleri. E ele teimava em não vir a Manaus. Uma coisa não queria ignorar: fora com um índio xirixianá que padre Ricardo com Bindo descobriram e pacificaram os primeiros grupos de índios da grande família Waicá.

Mas muita gente mostrava muita pressa. E muita coisa hoje poderão dizer, além de tudo o que já disseram. Mas todos os que conheceram de perto o Calleri, nunca poderão ~~dizer~~ dizer que tenha trocado de plano por sua iniciativa. Calleri não acreditava nos planos apressados desta gente que tinha muita pressa. Dia 15 de setembro, deste ano, confessava a um padre em Manaus:

"Eu lhe devo dizer que tenho apenas
50% de possibilidades de sucesso e outras
50% de possibilidades de não voltar nunca mais".

Terá falado isto a seus expedicionários antes de partir?
Já interrogaram o confuso mateiro sobre isto?

Se falou...

porque, então deixaram partir a expedição suicida?

Se não falou...

não terá sido em vista das ilusões que
lhe foram sopradas e das repetidas pressões
sofridas

por parte de gente tão apressada e interessada
na abertura duma estrada?

ou então depositavam tanta confiança no Calleri?

E por que hoje, diante dos ataques contra a
incapacidade, inexperiência e a própria loucura
deste homem como querem os noticiários e comentários,
os órgãos que tinham tanta pressa
não mostram nenhuma pressa em defendê-lo?

Há muita coisa por traz do pano que não se entende...
por exemplo:

por que, segundo depoimentos de outro padre,
em Manaus, "às vespas da partida, padre Calleri
passara dias muito nervoso e indignado?"

Por jornais, revistas, rádios e televisão,
Calleri foi conhecido com inexperto, ignorante,
bouco e até escravizador de índios, ditado...
Pode-se confiar a um homem assim
tão importante missão?

Muitos homens em vida ignorados,
tornaram-se bem falados pela morte que tiveram.

E seus nomes vivem gravados em monumentos e estradas.
Calleri, bem falado em vida,
tornou-se mal falado agora só pela morte que teve.

O DNER, talvez, tenha um nome certo
para a estrada que com tanta pressa quer abrir.

A FUNAI, talvez, tenha as pedras prontas
para um monumento.

E serão muitos os passantes por aquela estrada
e diante do tal monumento...
e todos, inocentemente, pensarão, talvez,
um aventureiro louco,
num padre inexperto e até escravizador.
Os ossos descarnados e quebrados
do padre Calleri também exigem "habeas corpus".

Eu bem sei:
muita gente nasceu para morrer com os sapatos nos pés,
trabalhando sem parar, como outros missionários...
mas a ninguém quero augurar
morte tão estúpida, despreparada e mal contada,
como quer entender a morte de Calleri
tanta gente apressada em agir e falar.

hilário cristofolini